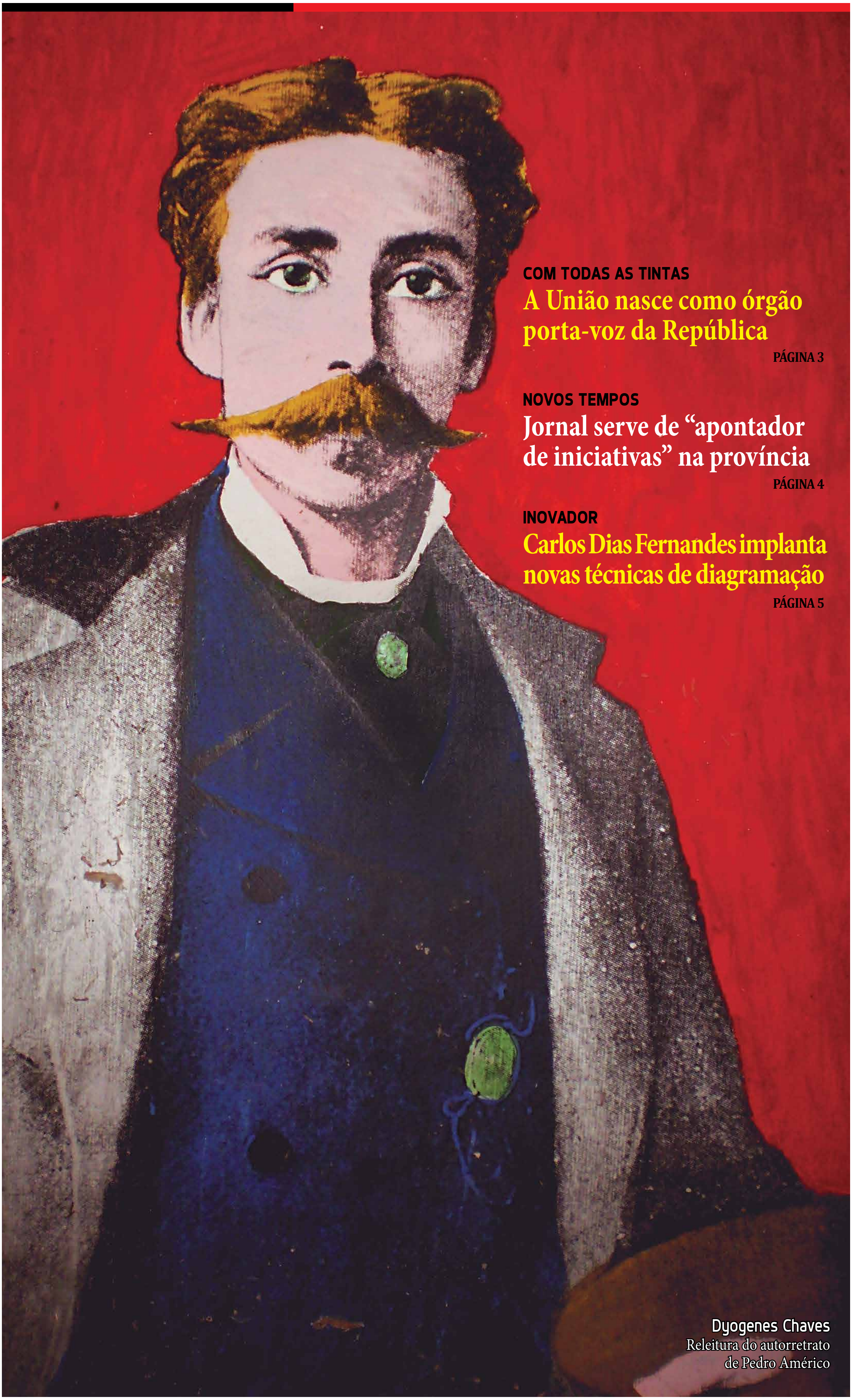
EDIÇÃO Especial
CADERNO 1

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013



COM TODAS AS TINTAS

A União nasce como órgão porta-voz da República

PÁGINA 3

NOVOS TEMPOS

Jornal serve de "apontador de iniciativas" na província

PÁGINA 4

INOVADOR

Carlos Dias Fernandes implanta novas técnicas de diagramação

PÁGINA 5

Dyogenes Chaves
Releitura do autorretrato de Pedro Américo

Fátima Araújo

Velha dama, excelente mestra

Certamente é um privilégio chegar aos 120 anos ainda exibindo o viço e a elegância dos mais novos, com estigma de vestal e ao mesmo tempo uma jovialidade que não entrega sua trajetória secular. Como o jornal mais antigo do Estado e um dos mais idosos do Nordeste, ainda em circulação, firmou-se como um dos mais intelectualizados e "amigos" dos artistas e pensadores, posto que escola de onde emergiram grande parte dos jornalistas da terra paraibana.

A União é assim, sempre foi assim: orgulhosa de sua capacidade e ao mesmo tempo humilde, ao reconhecer sua condição oficial (jamais oficialesca), como acontece com determinados órgãos travestidos de combatividade, no entanto inteiramente "comprados" pelo sistema. Por isso mesmo, desde os primórdios de sua fundação, a 2 de fevereiro de 1893, pelo então presidente da província, Álvaro Machado, imprimiu a História, a Cultura e os acontecimentos sociopolíticos de uma sociedade recentemente alçada ao regime republicano.

Segundo registrei no livro de minha autoria, Paraíba: Imprensa e Vida, Álvaro Machado deu então, ao jornal, a vida e o título, enquanto o administrador da Imprensa Oficial, Tito Enrique da Silva, imprimiu-lhe a feição gráfica, a lógica funcional, por excelência, por isso mesmo o equívoco de alguns que o consideram fundador. Ao lado de uma equipe composta pelos tipógrafos João Câncio da Silva, Cassiano Hipólito, Francisco Rodrigues Godinho, Francisco Aranha de Farias e José Ulisses Noronha, logo na edição inaugural Tito Silva procurou dar às quatro páginas do periódico uma dignidade estética, uma postura de seriedade, até hoje mantida, ao longo de todos esses anos!

Para Álvaro Machado, deve ter sido uma árdua batalha encontrar jornalistas à altura do seu ideal, dentre os recalcitrantes periodistas da época, imbuídos de ideologia monarquista, para compor o primeiro staff de redatores de **A União**. De forma que foi mesmo entre os seus mais achegados correligionários que o chefe de governo "extraiu" o primeiro corpo redacional da Velha Dama: Gama e Mello (autor do primeiro artigo de fundo do jornal), Joaquim Moreira Lima, Ivo M. Borges da Fonseca, João Machado da Silva, Dias Pinto, João Leopoldo, José Ferreira de Novais Senior, Diogo Velho e Antônio Balthar. Foram seus primeiros colaboradores: o próprio Gama e Mello (que também escrevia o editorial), Cunha Pedrosa, Abel da Silva, Castro Pinto, Manuel Tavares Cavalcanti, Heráclito Cavalcanti, Elias Ramos, Silva Mariz, Coelho Lisboa, João Francisco de Moura, Francisco Coutinho de Lima, José Peregrino e outros.

A primeira sede do jornal foi localizada numa casa, à Rua Visconde de Pelotas, formando esquina com a Miguel Couto. Posteriormente, esse prédio foi demolido e o periódico mudou-se para a Duque de Caxias, isto em princípio do século passado, funcionando depois em mais alguns endereços, até se estabelecer, nos dias atuais, no Distrito Industrial.

Daqueles primeiros tempos ficaram as lições, as dificuldades transformadas em realizações, a poesia emblemática do verdadeiro idealismo, posto que o periódico fora fundado não só para atender a uma necessidade governista, mas foi sinalizando, paulatinamente, que veio para formar intelectuais, fazer brilhar poetas, legitimar artistas. Veja-se que, no acontecer de suas fases áureas, mandou seu recado de conhecimento e por vezes até de sabedoria, através da pena desses homens e mulheres que fizeram sua História. Como na fase de Carlos Dias Fernandes, primeiro diretor simultâneo de **A União** e da Imprensa Oficial, por quinze anos (de 1913 a 1928), com uma administração que englobou quatro governos consecutivos: Castro Pinto (que o convidou), Camillo de Hollanda, Solon de Lucena e João Suassuna.

Poeta de linguagem calcada no preciosismo exacerbado, Carlos Dias Fernandes selecionava, com excessivo rigor, as colaborações para o jornal. Aquela atitude beneficiava a feição literária da publicação, levando seus redatores e colaboradores a reforçarem o cuidado com a gramática e a estilística, na preparação das matérias, mas, por outro lado, muita gente talentosa deixava de participar, por possuir uma linguagem mais objetiva e até mais adequada aos padrões jornalísticos. Isto sem contar com os valores que eram ignorados, porque as oportunidades só acenavam para os escolhidos das lideranças políticas e culturais. Mesmo assim, alguns passavam por cima desses pedregulhos e despontavam como verdadeiros talentos, posto que somavam as benesses da própria inteligência à técnica de **A União**, como escola, saindo dali para o estrelato em nível nacional e, em alguns casos, até internacional! Dentre esses valores da época de Carlos Dias Fernandes, podemos destacar Adhemar Vidal (que colaborou em revistas até do exterior), Osias Gomes, José Gobat, Alcides Bezerra (brilhante orador), Alpheu Rosas, Luís Pinto, Meira de Menezes, Rodrigues de Carvalho, Joaquim Ribeiro Dantas (que sofreu o mais hediondo atentado contra jornalistas, na Paraíba), além dos poetas Augusto dos Anjos, Raul Machado e Américo Falcão. Um pouco antes, e por mais algumas décadas, brilharam também José Américo de Almeida, Mathias Freire, Leonardo Smith, Celso Mariz (que assume a direção de **A União**, quando Carlos Dias entrega o cargo, com a posse do presidente João Pessoa, a 22 de outubro de 1928); Samuel Duarte, que substitui Osias Gomes, na direção do órgão, no clamor da Revolução de 1930, após as meteóricas gestões de Raphael Correia de Oliveira e Antônio S. Guedes. Samuel Duarte era também bom articulista e sutil editorialista.

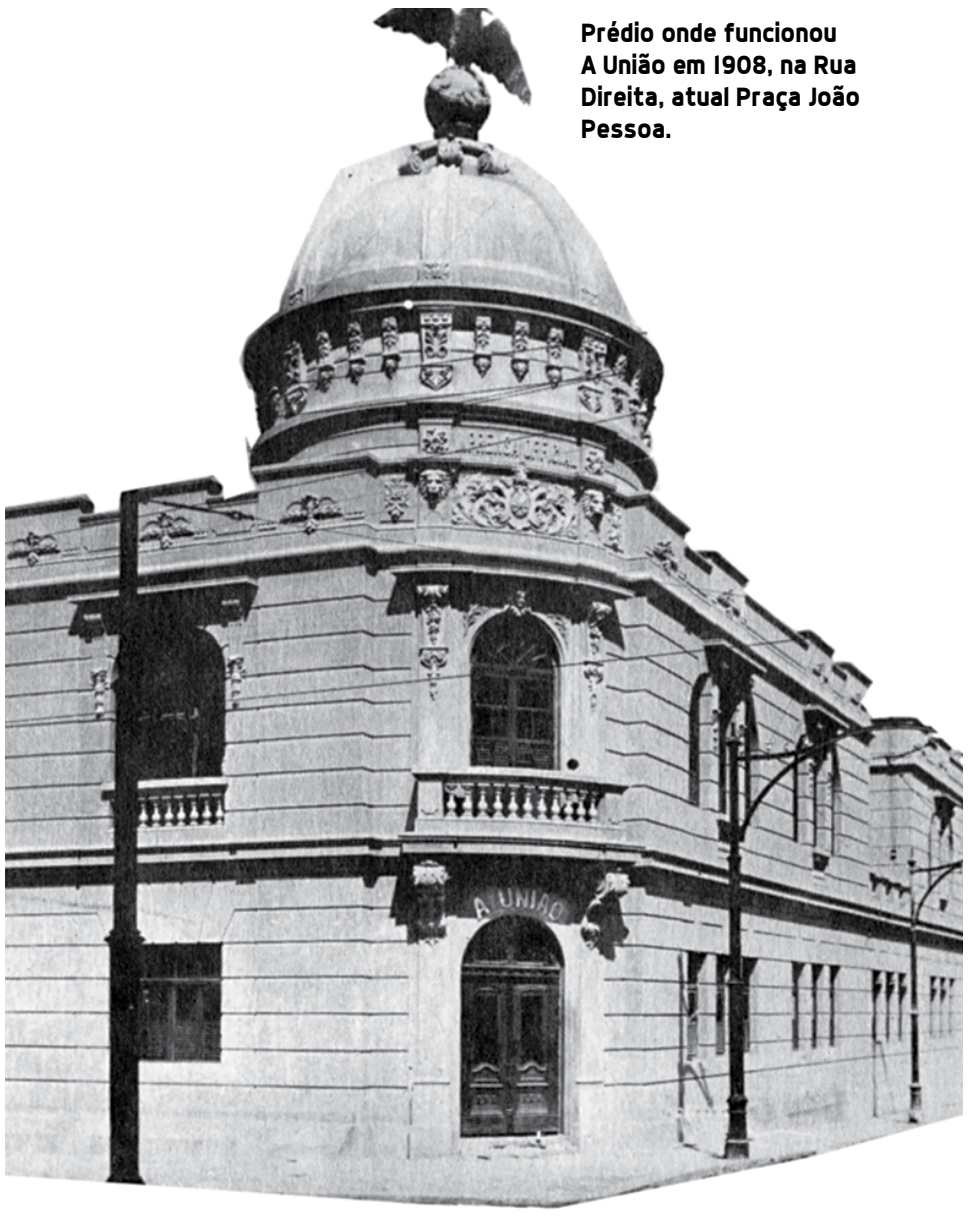
> Como formadora de opinião e veículo da história deste país, ao longo de todos esses anos a Velha dama foi a universidade de inúmeros jornalistas

Como formadora de opinião e veículo da História deste país, ao longo de todos esses anos a Velha Dama foi a Universidade de inúmeros jornalistas, mas num trabalho como este ficaria difícil enumerar todos, em meio a nomes como, além dos já citados, João Lélis, Orris Barbosa, José Leal, Eudes Barros, Alice de Azevedo, Seráphico da Nóbrega, Octacílio de Albuquerque, Octacílio Queiroz, Silvino Olavo, Silvino Lopes, Augusto de Almeida, Mardokêo Nacre, Hilton Marinho, Sabiniano Maia, José Lins do Rego, Synésio Guimarães. Isto sem esquecer as escritoras da "Associação Paraibana pelo Progresso Feminino", que publicavam seus artigos feministas em **A União**, como Olivina Carneiro da Cunha, Iracema Feijó da Silveira, Marina de Abreu, Adylia de Albuquerque Morais, Lylia Guedes e outras.

Vejamos, ainda, Virgínius da Gama e Mello, Eduardo Martins, Linduarte Noronha e Antônio Barreto Neto (com colunas sobre Cinema), Germana Vidal, Nathanael Alves, Gonzaga Rodrigues, Malaquias Batista, Ernani Sátyro, Waldemar Duarte, Abmael Morais, Anco Márcio, Wilma Wanda, Severino Ramos, Luís Augusto Crispim, Petrônio Souto, Marconi Formiga, Alarico Correia Neto, Oduvaldo Batista, Luiz Ferreira, Hélio Zenaide, Carlos Romero, Nonato Guedes, Agnaldo Almeida, Arlindo Almeida, Paulo Santos, Werneck Barreto, Walter Galvão, Linaldo Guedes, Fernando Melo, Josinato Gomes, Ricardo Anísio, Djaci Araújo, Milton Nóbrega, Juca Pontes, Nelson Coelho, Sílvio Osias, Ramalho Leite, Fernando Moura e tantos outros que abrilhantaram ou ainda abrilhantam o jornal, ora em cargos de direção, ora com matérias informativas, interpretativas, opinativas, inovações gráficas em edições especiais, etc.

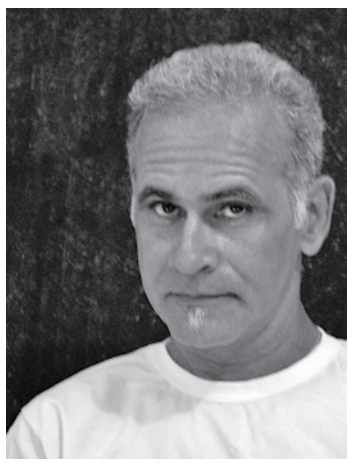
O certo é que, ao completar 120 anos de existência, **A União** continua capacitada para formar e informar, enquadrando-se nos padrões modernos da tecnologia mais atual e situando-se, portanto, não só como órgão de Imprensa Oficial, mas antes como um veículo de comunicação atuante e atraente. Parabéns à Velha Dama!!!!!

Fátima Araújo é jornalista e historiadora



Prédio onde funcionou A União em 1908, na Rua Direita, atual Praça João Pessoa.

artistas da capa



DYOGENES CHAVES

Artista visual, designer gráfico, crítico de arte (ABCA/AICA). Bolsista do Ministério da Cultura da França e artista- residente na École Supérieure des Beaux Arts Luminy (Marselha/ França, 1997-98). Coordenador de intercâmbio internacional das associações Le Hors-Là (Brasil-França) e REDE (Brasil-Suíça). Entre outras, integrou as exposições Clube da Gravura da Paraíba (Parque Lage, Rio de Janeiro, 1990); Acervo NAC/ UFPB (Havana/ Cuba, 1990); I Salão MAM-Bahia (Salvador, 1994); Projeto Cumplicidades (Cooperativa Árvore, Porto/Portugal, 1995); 5th International Mini Print Exhibition(Barcelona/Espanha, 1996). Edita as revistas Pessoa e Cadernos de Cultura (Subsecretaria de Cultura/ Governo da Paraíba).

A UNIÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010
Distrito Industrial - João Pessoa/PB
PABX: (083) 3218-6500 /
ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526
REDAÇÃO: 3218-6511 / 3218-6509

SUPERINTENDENTE
Fernando Moura

DIRETOR ADMINISTRATIVO
José Arthur Viana Teixeira

DIRETORA DE OPERAÇÕES
Albiege Fernandes

DIRETOR TÉCNICO
Gilson Renato

EDITOR GERAL
William Costa

EDITOR ADJUNTO
Clóvis Roberto

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Renata Ferreira

CHEFE DE REPORTAGEM
Conceição Coutinho

COORDENADOR DA EDIÇÃO DOS 120 ANOS
Ricardo Farias

EDITORAÇÃO: Fernando Maradona

FOTOGRAFIA: Evandro Pereira, Marcos Russo, Ortilo Antônio

EDITOR DE FOTOGRAFIA: José Carlos Cardoso da Silva

PESQUISA: Luzia Antônia, Aparecida Rodrigues e Leila Oliveira

REVISÃO: Antônio Morais

COLABORADORES: Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Agnaldo Almeida, Alarico Correia Neto, José Octávio de Arruda Mello

Porta-voz da República

A União nasce como um órgão do novo regime

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

O historiador Eduardo Martins afirma que **A União** nasceu da rivalidade existente entre grupos antagônicos que formavam o Partido Republicano. E embora 1893 fosse um ano de relativa calma, por outro demonstrava um dos mais movimentados e violentos para o Governo Central, cujo comandante, Floriano Peixoto, destemido alagoano, merecia muito bem a carapuça de "Marechal de Ferro".

Embora fosse grande a briga pelo poder, o jornalista José Leal a definiu como "uma rivalidade besta". O certo é que, nas reuniões da Constituinte Estadual, membros do Partido Republicano andaram se estranhando, porque cada grupo desejava para si, a liderança dos trabalhos políticos na Paraíba. Esta era uma época em que a República embrionava: tinha apenas quatro anos de idade e o cheiro absolutista da Monarquia, deposta em 15 de novembro de 1889, permanecia, ainda, nos diversos setores do Governo Central.

Floriano recebeu indicações várias para escolher o presidente provincial de Parahyba do Norte. Mas atendeu a uma reivindicação de Felinto Milanez, de quem era amigo pessoal. Milanez indicou para Floriano o seu dileto sobrinho, o major de Engenharia do Exército Álvaro Lopes Machado, que estrategicamente resolveu fundar o jornal **A União**, até hoje o único do Brasil a pertencer a um órgão estadual. Ele uniu o útil ao agradável, dotando um governo politicamente forte, de um porta-voz escrito, com ideias voltadas, unicamente, para exprimir suas ideias e opiniões **A União** circulou pela primeira vez, em 2 de fevereiro de 1893, uma quinta-feira.

A UNIÃO
Orgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba
CAPITAL—QUINTA-FEIRA 2 DE FEVEREIRO DE 1893
Aviso
A UNIÃO
Serviço telegraphico
Nomeações
Loteria do Estado
Conselho
TELEGRAMMAS

Primera edição de A União, **de 1893. jornal nasce como órgão do Partido Republicano da Paraíba**

CASO ÁLVARO MACHADO

Em 1893 governava o Brasil o marechal Floriano Peixoto, um homem destemido, de muita coragem pessoal e de espírito nada democrático. Grupos antagônicos que conviviam dentro do Partido Republicano lutavam para alcançar a hegemonia política na Paraíba e, cada um, puxava a brasa da sardinha mais para seu lado, a fim de abocanhar o poder. O objetivo de todos era ocupar o cargo de presidente da Província de Parahyba do Norte, disputado com muita garra e entusiasmo pelos diversos pretendentes.

A República, com apenas quatro anos de idade, ainda não esbanjava democracia. E o cheiro da monarquia, banida dois pares de anos antes, ainda pairava em muitos gabinetes presidenciais. Quando surgiu a hora de escolher o presidente provincial da Parahyba, Floriano, o Marechal de Ferro, acolheu bem o nome de Álvaro Machado, indicado por um amigo do peito, Abdon Felinto Milanez.

Álvaro Machado, um major engenheiro do Exército Republicano, era sobrinho de Abdon. O interesse de ambos pela Parahyba era extremado. E Abdon queria, ao assumir o poder, dispor de um equipamento político forte, que o ajudasse a combater os inimigos e a enaltecer seus feitos políticos e administrativos. O ano corrente era 1893.

Surgiu, assim, o jornal **A União.** Outras correntes do Partido Republicano, que almejavam o poder de qualquer forma, engoliram a seco a homologação de Floriano e, ao que parece, o governo de Álvaro foi de relativa paz e prosperidade.

Minha HISTÓRIA

Aos mais novos

Frutuoso Chaves
Ex-editor geral de **A União**

"Por volta de 1968, eu integrava a equipe de tradutores de telegramas do jornal então instalado na Praça João Pessoa. No local, passaria a funcionar, pouco tempo depois, a Assembleia Legislativa. Como se sabe, a mudança acarretou a derrubada lastimável do belo e imponente prédio de dois pavimentos situado na esquina com a Duque de Caxias.

Embaixo, funcionava um balcão de anúncios por onde os de casa tinham acesso às oficinas. As linotipos com chumbo derretido, uma profusão de caixetas com tipos de ferro, a clicheria, mesa de paginação e a impressora tomavam quase todo o restante do piso. Atenção, comunicólogos: naqueles dias muitos jornais ainda eram preparados com chumbo, ferro, zinco e madeira, esta última para apoio dos clichês usados na reprodução de fotografias. Incrível, não?

No piso superior ficavam o Gabinete do Diretor, a Redação com mesinhas enfileiradas (cada uma sustentando uma máquina de datilografia do tipo bunda-de-ferro), a diagramação, arquivo fotográfico e de jornais, um setor para encadernação de impressos (desde livro a talões de notas fiscais), o ambiente do Diário Oficial e, por fim, a revisão.

Os textos destinados à composição subiam e desciam por cestas atadas a cordéis. Aliás, o termo "descer matéria" é aplicado até hoje, no dia a dia dos jornais, mesmo quando Redação e Oficina comungam do mesmo piso.

E eis que José Souto, o diretor, aparece com uma modernidade: um aparelho de telex, novinho em folha, instalado na própria sala. A engenhoca dispensava a tradução de telegramas. Ou seja, o jornal não mais precisava importar os despachos capturados pelo radiotelegrafista do Palácio sem preposições nem conectivos de ligação. Com o telex os textos já vinham completos e fluentes das agências de notícia.

Mas Clóvis, o contínuo, advindo das férias, não sabia disso. De madrugada, como sempre o fazia, resolveu tirar um cochilo na poltrona do diretor. Era valente, mas confessava um medo: o de alma penada. Do velho prédio de **A União** dizia-se que era mal-assombrado. Falecidos jornalistas – alguns famosos e cultuados – fariam ali seus plantões.

Erguiam-se do Cemitério da Boa Sentença saudosos do tempo de vida.

Pensem na carreira de Clóvis quando a máquina começou a escrever sozinha.

O tempo e o evento

2 FEV 1893
O presidente **Álvaro Machado** funda **A União** como órgão oficial do Partido Republicano.

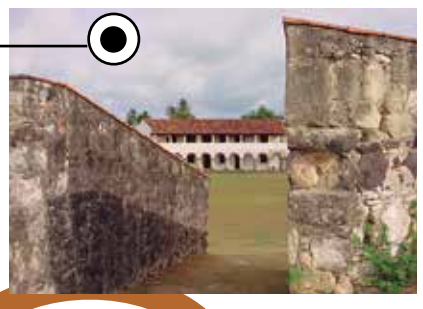
14 de NOV 1902
A União publica a Lei 184, sancionada pelo presidente José Peregrino de Araújo, que autoriza a londrina Great Western of Brasil Railway Company a explorar, "por sessenta anos, o uso das estradas de ferro na Paraíba. Começava o apogeu do transporte ferroviário.

11 NOV 1908
O cangaço é combatido em **A União:** "O cangaceirismo já não se ajusta ao nosso meio adiantado, nem se conforma a vida de trabalho honesto e econômico do Estado".

16 JAN 1913
A União noticia a realização da "primeira sessão preparatória tendente a criar uma universidade popular na Paraíba", no Teatro Santa Roza.

2 FEV 1893
O pioneirismo de **A União** está estampado em suas páginas inaugurais, em que se fala da organização de um serviço telegráfico "Para preencher uma lacuna que se nota na imprensa desta capital".

17 FEV 1907
A defesa da preservação do Forte de Cabedelo é notícia em **A União**. O jornal "chama a "atenção do governo federal para autorizar reparos indispensáveis à conservação do velho forte", que sofrera "o mais cruel e criminoso abandono".



13 NOV 1918
Telegrama do ministro das Relações Exteriores Nilo Peçanha comunica ao presidente Camilo de Hollanda, a rendição da Alemanha.

12 SET 1922
A União se reporta à inauguração da Praça da Independência pelo prefeito Walfredo Guedes Pereira, no dia 7 de setembro, "construída especialmente para fazer parte do programa festivo em honra ao centenário" (da Independência).

19 JAN 1924
Saiu ontem dos prelos da Impressa Oficial, a obra do **Dr. José Américo** de Almeida – 'A Paraíba e seus Problemas", noticia **A União.**

Condutor de novas ideias

Jornal assume condição de "apontador de obras"

Gonzaga Rodrigues
Especial para **A União**

Para se fazer ideia do papel de **A União** na implantação da República de 1889, na Paraíba, temos de avaliar o impacto das mudanças não só políticas e administrativas impostas pela nova ordem como sua repercussão no estágio de atraso geral em que nos encontrávamos.

Durante o Império, vindo do regime colonial, os 304 anos de vegetação da Paraíba no mapa do Brasil não resultaram numa única estrada digna desse nome, num porto capaz de embarcar seus açúcares e algodões; a educação reduzida a uma ou duas escolas de referência, e a vida urbana, mesmo na capital, não passando de segunda opção do patriarcado rural. Rica de igrejas, dos monumentos da fé, que eram o que sobrava para a pobreza, mas bebendo água impaludada de cacimba, rompendo a escuridão à luz de mamona e, na transição para o século XX, puxada ainda a bonde de burros. Quem quiser saber do tamanho do atraso vá ao "Tambiá de Minha Infância", de Coriolano de Medeiros, ou "Cidades e Homens", de Celso Mariz ou fique com "A Paraíba na Primeira República", de Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo. O progresso resumia-se à linha de ferro que vinha de Recife com capitais ingleses, atingia João Pessoa, chegava a Campina Grande, deixando por fora Mamanguape e Areia, importantes cidades do baronato político e econômico.

A imprensa, o jornal, era a única fonte de informação e de opinião das classes letradas, das elites. E vivia o seu apogeu, o mais alto e vibrante momento de sua atuação como condutora maior das lutas pelo fim da escravidão. Dificilmente se chegava ao pódio político ou das ideias que não fosse pelo jornalismo. A força da imprensa emulava com a das espadas, principalmente na instauração do regime republicano. Os fundadores do regime de 1889 eram quase todos grandes jornalistas: Quintino Bocaiúva, Rui, Benjamim Constante, o paraibano

Álvaro Machado fundou A União **para servir como porta-voz da República**

Aristides Lobo, Patrocínio, civis transformados em generais.

Na Paraíba, o homem mais importante, o líder dos líderes, era o diretor de O Commércio, o jornalista Arthur Achilles. Epitácio Pessoa, Castro Pinto, Gama e Melo, todos se rendiam a ele. Nisto de jornal a Paraíba tinha tradição revolucionária, desde 1817, com Arruda Câmara pregando a República ideal, passando por 1848, com Borges da Fonseca a desafiar o rei e todo o Império. Com Borges da Fonseca, a Paraíba inaugurou o júri da imprensa no Brasil. Está na "História da Imprensa Brasileira', de Nelson Werneck Sodré.

Para arrumar o regime de Floriano na Paraíba - desarrumado como estava, todos aderindo de uma só vez, barões trocados por coronéis, cada qual querendo o seu novo pedaço no poder - a espada do major Álvaro Machado, com todos os seus poderes do Governo Central, seria insuficiente. Como foi a dos coronéis anteriores. Servindo na Bahia, ensinando no Rio, o escolhido de Floriano trazia para o governo local a experiência de outros embates protagonizados pela força da imprensa, que fazia as cabeças.

Instalado o governo, o fundador de **A União** mandou chamar dr. Gama e Melo, a figura de maior conceito intelectual da província, jornalista, advogado e professor, e confiou-lhe a organização do jornal que seria a caderneta de campo, a ordem de serviço, o porta-voz da nova construção republicana. **A União**, diferente dos jornais que já atuavam na capital, em Campina, em Areia, não seria simplesmente um veículo de informações gerais ou de debates abstratos – razão maior da imprensa. Seria um porta-voz das coisas concretas, um apontador das obras, iniciativas, leis, medidas que, a partir dali, iam inaugurar a presença da República no cotidiano da Paraíba.

Era e continua sendo um emissor de O.S. (ordens de serviço). Primeiro, a organização político-administrativa do Estado instituída pela Federação – o que já fazia a grande diferença – depois o anúncio e acompanhamento da administração. Isso teve uma importância fundamental no meio político e social, que se acostumara a consumir o jornal como veículo reivindicador, reclamador, acusador, já que o tratamento do Império não suscitava outro comportamento.

A União chegava com a nova ordem, o anúncio de uma mudança próxima, com a obra mesma, o serviço, o anúncio, a justificação, a defesa, consolidando-se nesse papel. Mesmo criticada pelas oposições, as quais, elas mesmas, se ressentiriam de sua falta, como ocorreu no período Linhares, na transição para a Redemocratização de 1945, fechada por três meses por caturrice de Severino Montenegro, o interventor do período justicialista. A melhor ou mais direta fonte de obras e serviços, tanto para os que pleiteiam como, igualmente, para os que vivem da crítica. Há os que vivem disso, não podendo comer de outra coisa.

De vez em quando é considerada inviável como empresa. Não há dúvida, ela não foi fundada nessa condição. Seu lucro, de consistência abstrata, não entra no ativo ou passivo de nenhum empresário. Entra para a História com milhares de títulos e registros e para a Cultura, o único bem de sustentabilidade indiscutível dentre todas as riquezas da Paraíba.

Minha HISTÓRIA

Com quantas redações se faz um jornalista?

Silvana Sorrentino
Repórter e ex-editora geral de ***A União***

Além do curso de Comunicação, iniciado em 78 no Campus I da UFPB, as redações dos jornais locais foram alicerces à minha escalada profissional. Sem elas, jamais teria adquirido a vivência necessária para alçar novos voos.

Em 1982, ingressei no serviço público pelas portas de **A União**, então regida pela CLT (Consolidação das Leis do Trabalho), mas alterada para o regime estatutário em 1985, no governo de Wilson Braga. Nunca parei para avaliar se essa mudança regimental teve efeito positivo ou negativo. Pra mim, isso não importava! O que valia mesmo era poder continuar nos batentes da redação da "velhinha", que muito me ensinou em sua longeva existência.

Fui a convite do então superintendente, Petrônio Souto, com salário dobrado em relação ao meu primeiro emprego como repórter no jornal O Norte. Um êxtase! O convívio com nomes do naipe de Walter Galvão, Wellington Farias, Gonzaga Rodrigues, Zé Carlos dos Anjos, Cleane Costa, Tarcísio Neves, Pedro Moreira, Carlos Tavares, Sílvio Osias, Lena Guimarães, Nonato Guedes, Hilton Gouveia, Biu Ramos, Marcos Tavares, Thamara Duarte, Antonio Davi, Carlos Aranha, Duda Teixeira, Anete Leal, Jacinto Barbosa, Gisa Veiga, Fernando Moura e tantos e tantos outros ao longo dos anos, ajudaram a moldar minha postura profissional, com perenes descobertas sobre o jornalismo e a vida.

A União sempre foi assim: envolvente em todos os sentidos! Tanto que durante minha permanência na casa, fui repórter, redatora e assumi cargos desafiadores, como a Diretoria Técnica e a Editoria do jornal.

Por isso, o título: Com quantas redações se faz um jornalista? No meu caso, foram necessárias umas seis, desde a da João Amorim, onde iniciei, seguindo para a antiga Biblioteca Pública, na General Osório; antiga Saelpa (esquina da General Osório com a Praça Aristides Lobo); depois na Osvaldo Pessoa, em Jaguaribe e, finalmente, na BR 101. Sem desmerecer a primeiríssima, no extinto O Norte.

Como uma mãe que acolhe a todos, tive na redação de **A União** minhas melhores experiências, com resgates no tempo de alguns episódios. Não dá pra esquecer, quando editora, a morte do bandido "Focinho de Porco", numa noite de março de 91. Tendo que dar a manchete e sem ter um motorista na redação, fui eu mesma dirigindo um jipe importado que mais parecia um pequeno trator (de tão duro), com Edilene Muniz, a fotógrafa, para fazer o registro e fechar o jornal. Chegar ao local do crime, no Grotão, e ao velório do "ilustre" marginal, no Cemitério de Cruz das Armas, não foi nada fácil para duas mulheres! Mas todo o sacrifício compensava, para não deixar a "velhinha" levar um furo...

Coincidência ou não, iniciei n'**A União** na mesma época em que me casei. Em seguida, tive meus 3 filhos, gerados entre os anos de 82 e 86. Então, todos participaram desse percurso, seja na barriga da mãe ou num movimento de reivindicação, quando não podia deixá-los em casa. Nesses casos, **A União** sempre foi abrigo para os rebentos também. Não me deixam mentir Aparecida Rodrigues, Luzia Lima, os irmãos Wellington e Land Seixas e outros contemporâneos desse processo!

Ainda como um registro fotográfico, que não me sai da memória, quando ingressei nessa "escola" até o aperto no fusquinha da Redação era bacana! Portanto, não há como desvincular minha vida profissional e pessoal desse matutino que faz história há 120 anos e se renova a cada aniversário. Viva **A União**

O tempo e o evento

3 JUL 1925
No centenário do Diário de Pernambuco **A União** informa: "Completando 100 anos de existência aquela folha editará um livro como o primeiro esforço de indagação ao progresso e à vida do Nordeste nos últimos cem anos".

DIARIO DE PERNAMBUCO.

5 JUL 1925
"A Confederação Brasileira de Desportos reconheceu a Liga Desportiva Paraibana e aceitou a inscrição da mesma para o Campeonato Brasileiro, devendo o scratch paraibano enfrentar, no dia 26 do corrente, em São Salvador, o scratch baiano".

8 JUL 1925
Combate ao cangaço: "A polícia paraibana, que seguira no encalço do grupo de Lampião, deu novo cerco ao temível facínora. Desse combate resultaram a morte de um bandido e ferimento noutros, segundo confirma o deputado **José Pereira**, saindo levemente ferido o sargento Cícero de Oliveira.

9 JUL de 1925
O redator de **A União** fala sobre o perigo de atropelamento nas vias públicas devido à "desenvoltura dos chauffeurs na ânsia de voar e vencer". "Roda pelas nossas ruas e praças uma centena de autos e os ameaçados de serem colhidos não são mais os porcos, que não os temos soltos, porém nós mesmos"

10 JUL 1925
"Desde o dia de ontem, a violenta ressaca continuou a causar os maiores danos, desde a Praça 15 até Copacabana, sendo registrada maior intensidade na Praia do Flamengo, onde os estragos foram muito maiores".

14 JUL 1925
"A bordo do Rodrigues Alves, viajará depois de amanhã com destino à Bahia a embaixada desportiva paraibana, que vai disputar em match com o scratch baiano o Campeonato Brasileiro de Futebol"

5 JUL 1925
"No campo das Trincheiras encontram-se hoje, sob o arbítrio do sr. Murillo Lemos Junior, os primeiros quadros do Palmeiras e do América. A pugna deverá despertar vivo interesse, por se tratar de dois teams compostos de elementos de reconhecido valor, estando o alvirrubro num dos melhores lugares do quadro do presente campeonato".

8 JUL 1925
"Lampião, com seus tristes asseclas, não pisou mais em terreno paraibano, e tal é a confiança do povo no respeito que aos malfeitores inspira a ação da nossa força, que o fazendeiro Pedro Paixão, proprietário da fazenda Figueira, intimado pelo sinistro salteador a lhe enviar um conto de reis, se armou e não contribuiu".

14 JUL 1925
"Os gêneros de primeira necessidade tiveram, nas últimas feiras livres, um decréscimo nos preços, devido à entrada da safra produzida pelo inverno que finda com as enxurradas de agora".

Gestão modernizada em 1913

Carlos Dias Fernandes inovou cobertura externa

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Eduardo Martins conta que o poeta, jornalista e escritor Carlos Dias Fernandes, ao assumir **A União** introduziu, de forma pioneira, as manchetes de primeira página e a seção Última Hora, esta última com telegramas da Europa e do Rio, que chegavam à redação no dia anterior, pelo cabo telegráfico submarino.

Fernandes assumiu a direção geral de **A União** e a Imprensa Oficial em 12 de fevereiro de 1913, vinte anos e 10 dias após a fundação do jornal. Antes, havia um administrador para a gráfica e o redator-chefe para o jornal, diretamente subordinado à Secretaria do Palácio de Governo. Nesta época **A União** era "órgão oficial do Estado e ao serviço das ideias políticas do Partido Republicano Conservador".

Na qualidade de jornal mais importante do Estado e colocado, então, entre os cinco maiores do país, o presidente Castro Pinto acatou as ideias evolucionistas de Fernandes que, além de introduzir novas técnicas na sua diagramação, também criou um serviço de instalação domiciliária e boas relações econômicas com os seus clientes.

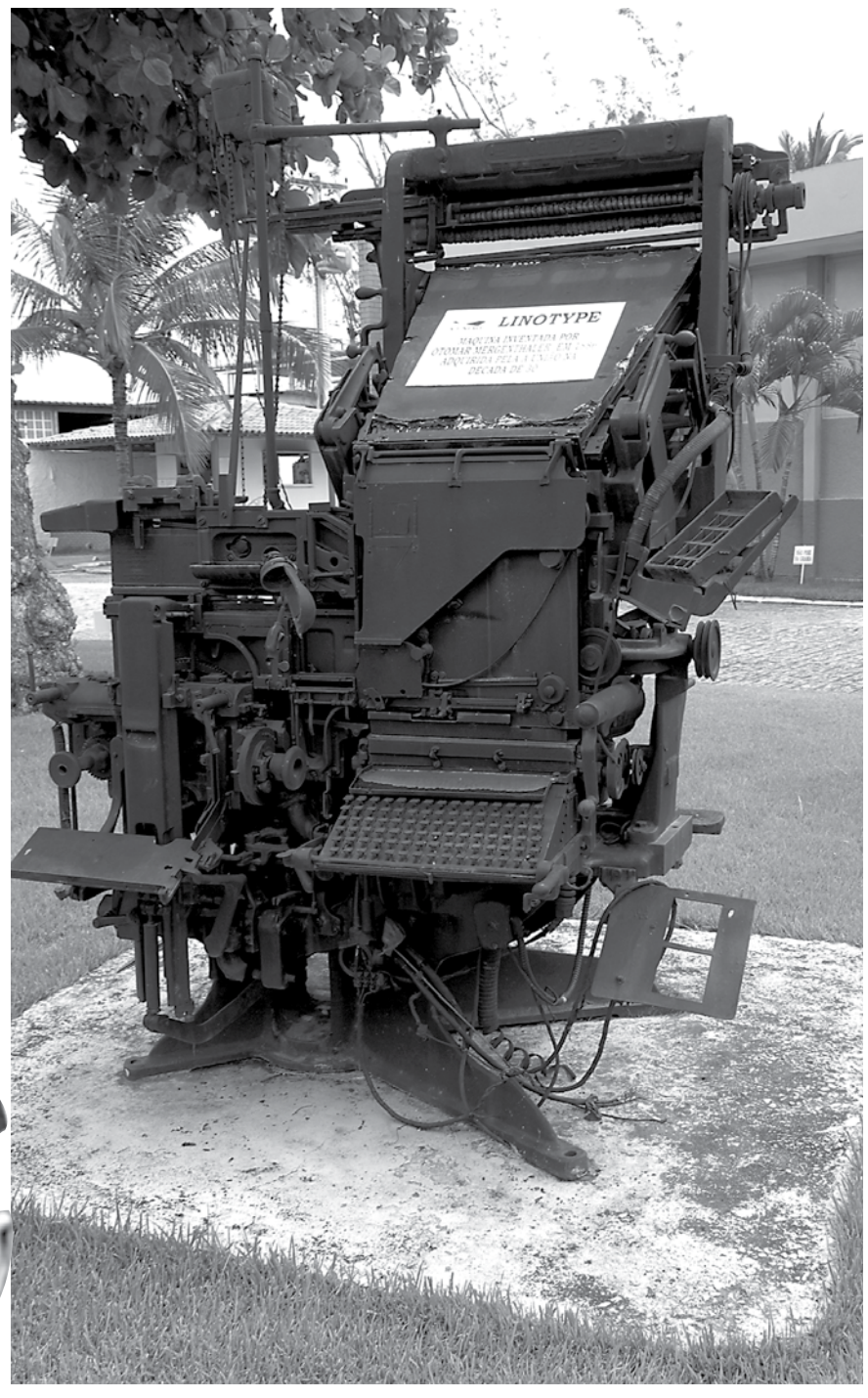
Também aconteceu na administração de Fernandes a reportagem que acompanhava os fatos – a cobertura jornalística local, lançada durante o incêndio da Delegacia Fiscal. O quadro redacional era integrado, entre outros, por quatro "demônios", quase da mesma idade: Adhemar Vidal, Antonio Botto, Paulo e Aluízio de Magalhães.

Esta geração de estrelas do jornalismo possuía líderes como Castro Pinto, Álvaro de Carvalho e Celso Mariz, e se baseava em modelos como Celso Vieira, Assis Chateaubriand, Raul Machado, Alcides Bezerra, José Américo e Orris Soares.

O PRIMEIRO LINOTIPO

Evoluindo dentro de um razoável quadro de tecnologia e gozando dos princípios de liberdade integrados na Constituição Republicana, **A União**, aos poucos, foi adquirindo sofisticação:

Em 1º de maio de 1934 **A União** inaugura o seu primeiro linotipo, de fabricação alemã, que substituía o trabalho dos operários tipográficos. A máquina foi montada pelo técnico Ray E. Patterson, engenheiro mecânico da Cia Mergenthales Linotype



Carlos Dias Fernandes implantou novas técnicas de diagramação. Após sua gestão, já em 1934, A União inaugurou seu primeiro linotipo de fabricação alemã.

Um homem de mil atividades

Poeta, escritor, romancista, contista, biógrafo, jornalista e pedagogo. Esta é a ficha intelectual e profissional do paraibano natural de Mamanguape Carlos Augusto Furtado de Mendonça Dias Fernandes, que foi diretor de **A União** e da Imprensa Oficial durante 12 anos – de 1913 a 1925. De acordo com seus biógrafos, que são inúmeros, ele nasceu em 20 de setembro de 1874 e morreu no Rio de Janeiro em 9 de dezembro de 1942, aos 68 anos de idade.

Carlos Dias Fernandes tinha 39 anos de idade quando assumiu a direção de **A União**, a pedido do então governador provincial, Castro Pinto. Ao contribuir de maneira decisiva para o movimento naturalista – um ato ousado para a época -, ele também valorizou o movimento simbolista da literatura brasileira na Paraíba. No Rio, então considerada a Capital da Cultura Brasileira, conheceu Cruz e Sousa, de quem se tornou grande amigo e admirador.

Iniciou sua carreira jornalística em A Gazeta da Tarde, A Cidade do Rio e na Revista Rosa Cruz. Destacou-se, aí, o tom satírico de sua prosa e da sua poesia, onde procura sempre fustigar seus companheiros de província, em editoriais políticos e epigramas. Publicou o romance Os Cangaceiros e A Renegada, ambos de temática regional, Fretana, um romance autobiográfico, onde surgem as figuras principais do Simbolismo, a cuja geração pertenceu, foi escrito e editado em 1936.

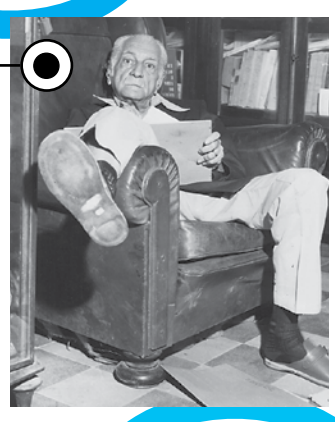
OBRAS PUBLICADAS

Palmas de Achantos (1917), In Memoriam (1905), Políticos do Norte 1 (1906), Políticos do Norte 2 (1907), Canção de Vesta e A Renegada (1908), Album do Estado do Pará (1908), Os Cangaceiros (através da Imprensa Oficial, em 1914), A hevea brasiliensis (1913), O Rio Grande do N orte (1914), Noção da Pátria (1914) e A Walfredeida (1915). Talcos e Avelórios (1915), A Defesa Nacional (1916), Rui Barbosa, Apóstolo da Liberdade (1918), Escola Pitoresca (1918), Discurso (1918), Políticos do Norte (1919), Monografia de Epitácio Pessoa (1919), De Rapazinho a Imperador (1920), Myriam (1920) Tobias, Jurista-Filósofo (1921), Livro das Parcas (1921), A Cultura Clássica (1921), Sansão e Dalila (1921), O Algoz de Branca Dias (1922), Cultura Phísica (1923), Terra da Promissão (1923), Feminismo (1923), Infância Proletária (1924), A Fazenda e o Campo (1925), Vindicta e Encadernada (1931), Fretana (1936), Rezas Cristãs (1937),Gesta Basílica (1938), Gesta Nostra (1942), Última Ceifa (versos inéditos)

O tempo e o evento

17 JUL 1825
A União noticia que será erguido um monumento a **Machado de Assis**, elogiando o feito, mas não sem criticar a instituição responsável: "Parece que, finalmente, a nossa Academia Brasileira de Letras, além de discutir 'passadismo' e 'futurismo', se resolveu a fazer alguma coisa de útil"..

23 JUL 1925
"Será exposta hoje à tarde o número 82 da revista "Era Nova" com trabalhos literários dos srs. Joaquim Inojosa, **Gilberto Freyre**, Eudes Barros, Osorio Borba, Samuel Duarte e muitos outros".



23 JUL 1925
Em Tenório. "Parece fora de dúvida a morte do bandido Levino, irmão de Lampião, o sagaz e perverso salteador dos sertões pernambucanos. Com o desaparecimento desse facínora, braço direito da alcateia de Virgulino, perde o grupo um de seus mais fortes e temíveis elementos".

28 JUL 1925
A União noticia o lançamento do filme "Sob o Céu Nordestino", de Walfredo Rodrigues, que "adquiriu um moderno aparelho para filmar, fundando ao mesmo tempo a empresa "Nordeste Film"..

29 JUL 1925
A equipe paraibana perde de 8 a 2 para os baianos, no Campeonato Brasileiro, em Salvador. A União noticia o fato e faz menção a uma defesa do goleiro paraibano **Togo** (camisa branca): "Batendo joãosinho o pênalti, faz Togo linda pegada, sendo ruidosamente aclamado".

5 AGO 1925
Em alusão às comemorações da fundação da Paraíba, A União menciona que "a primeira rua, com tal caráter, foi a Rua Nova, onde as primeiras famílias paraibanas, em comunhão pelas calçadas, deram origem ao passeio profano"

28 AGO 1925
"Realizam-se hoje, em todo o Estado, as eleições para o preenchimento das vagas abertas na nossa casa de congresso"

4 SET 1925
"Vai ser reforçada a guarnição de toda a fronteira entre Conceição e Princesa, ficando livre sempre as duas volantes de Clementino e José Guedes, no exclusivo papel de perseguir Lampião até dar-lhe fim ou afugentá-lo".

4 SET 1925
Saiu ontem dos prelos da Impressa Oficial, a obra do Dr. José Américo de Almeida – 'A Paraíba e seus Problemas", noticia **A União.**

SÓ UMA FORÇA
PODE SOBREVIVER A
2 GRANDES
GUERRAS MUNDIAIS,
2 REVOLUÇÕES
NACIONAIS,
35 PRESIDENTES
DA REPÚBLICA,
52 GOVERNADORES
DA PARAÍBA E
AO ADVENTO DO RÁDIO,
DA TV E DA INTERNET:
A UNIÃO.

Uma homenagem da SIN aos 120 anos
do jornal de todos os paraibanos.

www.sincomunicacao.com.br

sin

A União ontem e hoje

Antes da atual sede, jornal fez 'passeio' na cidade

Rafaela Gambarra
rafaelagambarra@hotmail.com

Acima à esquerda, um dos primeiros prédios onde funcionou *A União*, na Praça João Pessoa. No alto à direita, redação na Duque de Caxias, no Centro. Ao lado, atual sede do complexo jornal e gráfica, no Distrito Industrial.

A União Superintendência de Imprensa e Editora nem sempre esteve localizada em seu atual prédio, no Distrito Industrial. Nestes 120 anos, o jornal e a gráfica já passaram por alguns outros locais na cidade de João Pessoa, como o prédio onde mais tarde se instalou a Assembeia Legislativa. À época da sua fundação, por exemplo, o Escritório e Typografia **A União** encontrava-se à Rua Visconde de Pelotas, número 49 – esquina com a Miguel Couto, ao lado do antigo Hospital de Pronto Socorro. Somente em 1973, 80 anos após sua fundação, **A União** recebeu do governador Ernani Satyro o prédio para suas instalações definitivas.

Após o prédio da Vicente de Pelotas, **A União** transferiu-se, em 1908, para a Rua Direita (canto com a Praça Comendador Felizardo – atual Praça João Pessoa –, casa nº 2, com quatro janelas e uma porta central, de frente para a mencionada rua), no local onde funciona hoje a Assembleia Legislativa da Paraíba. A casa, que já havia sido sede de famílias, de estabelecimentos comerciais e de repartições públicas, tinha aspecto agradável e, a princípio, tratava-se de duas salas de frente, segundo narra Eduardo Martins, em seu livro "A União – Jornal e História da Paraíba".

Com o tempo, o prédio sofrera inúmeras reformas, de acordo com a necessidade que surgia de ampliação de sua área. Em alguns desses reparos, no entanto, foi necessário que o jornal funcionasse provisoriamente em alguns pontos, como, por exemplo, a vez em que **A União** instalara-se em alguns compartimentos do Liceu Paraibano, à época do presidente Camilo de Hollanda. Também funcionaram no mesmo prédio d'**A União**, de forma provisória, órgãos como o Instituto Histórico e até mesmo o Governo.

INSTALAÇÕES DEFINITIVAS

No dia 17 de março de 1973, porém, **A União** recebeu do governador Ernani Satyro o prédio para suas instalações definitivas, no Distrito Industrial, inteiramente construído com recursos do Estado (investimentos na ordem de Cr$ 1.200.000,00) tornando-se um dos mais modernos parques gráficos do Nordeste. Era a tentativa de fazer com que o velho jornal continuasse acompanhando a velocidade da imprensa contemporânea e continuasse prestando à Paraíba seu serviço e contribuição à cultura.

De acordo com o arquiteto Regis Cavalcante – à época, estagiário do arquiteto Carlos Alberto Carneiro da Cunha, que assinou o projeto arquitetônico **d'A União** e se formou na Escola de Belas Artes de Recife– o projeto previa uma arquitetura limpa, moderna e que distribuía os ambientes de acordo com suas funções. "Ela segue os parâmetros da arquitetura moderna porque é a função que dá a forma, sem muitos enfeites, nem alegorias, como frisos e revestimento", conta.

É de Regis, também, o painel que se destaca na fachada do prédio de **A União**. Como também era artista plástico – como é até hoje, tendo sido há pouco convidado para a confecção de dois painéis no Hotel Tambaú –, e já estar por dentro do projeto, Regis foi convidado para fazer o painel e optou por, em suas palavras, fazer "uma alegoria, fazer uma brincadeira com as fontes gráficas, para justificar o painel em determinado local". É dele, também, o projeto arquitetônico do Mercado de Artesanato de Tambaú, da Promac e da PBTur.

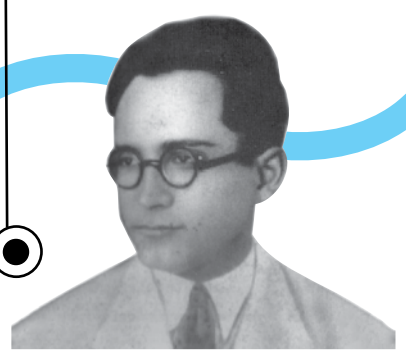
O tempo e o evento

5 JAN 1927
"É inaugurado o prédio dos Correios e Telégrafos na Praça Pedro Américo, em João Pessoa. **A União** noticia que o "Dr. Epitácio Pessoa, em cujo governo foi iniciada a construção do edifício", será representado na solenidade pelo dr. Álvaro de Carvalho".

27 JUL 1930
A União noticia que "O presidente **João Pessoa** foi assassinado covarde e perversamente por um braço que armaram em Recife, braço de sicário e tarado, quando despreocupado e tranquilo o chefe do Estado entra na Confeitaria Glória

22 SET 1931
A novidade do dirigível. O jornal publica o que se passara dois dias antes sobre a capital: "O Graft Zeppelin, a obra mais perfeita da espécie, na engenharia germânica, quiçá da engenharia mundial, acaba de realizar o terceiro grande raid", de sua base da Alemanha até o Recife.

27 ABR 1932
A União publica notícia sobre o acidente de avião que matou Antenor Navarro. "O avião "Savoia Marchetti" em que viajara para o Rio o ministro José Américo, ao amerissar na Bahia, capotou violentamente, resultando do desastre a morte do interventor **Antenor Navarro**".



3 MAI 1933
Um pleito eleitoral que é uma conquista revolucionária. "A nação assistirá, hoje, um de seus mais notáveis acontecimentos cívico-políticos, movimenta-se suas forças vivas num pleito inédito, febricitante, a formação da Assembleia Constituinte".

7 MAI 1933
A primeira vez que o Brasil votou. " O voto secreto ao ser praticado pela primeira vez no Brasil, operou um verdadeiro milagre no espírito nacional".

18 JAN 1934
Foi revogada a Lei de Imprensa. "O Decreto nº 23.746, assinado pelo governo provisório, cancela todas as penas impostas durante a vigência da lei revogada".

2 FEV 1934
O 41º aniversário da "**A União**" – Manchete – "A história dos quarenta e um anos que "**A União**" compléta hoje, é a história mesma de toda a vida política do Estado, com os seus períodos de agitação, estagnação ou calmaria".

A União
ÓRGÃO OFICIAL DO ESTADO
O 41.º ANIVERSARIO DA "A UNIAO"
O NATAL DE JOÃO PES
ASSEMBLÉA CONSTIT
O DISCURSO DO SR. VA
MAGALHAES

A UNIÃO 120

A UNIÃO

120

ANOS

Guardiã da história na Paraíba

Não há como registrar episódios marcantes na história da Paraíba sem que se consultem os arquivos de A UNIÃO. Mais que um jornal, ela é guardiã de 120 anos dessa história. Com a credibilidade que autentica o seu passado, certifica o seu presente e dá fé ao seu futuro.

TOSCANO DE BRITO

SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL

www.toscanodebrito.com.br

EDIÇÃO Especial
CADERNO 2

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013

POLITIZADA

A União sempre respirou política, afirma historiador

PÁGINAS 2 e 3

EXCLUSIVO!

"Minha vida é um jornal aberto", garante A União em entrevista

PÁGINAS 4 e 5

FALHA NOSSA!

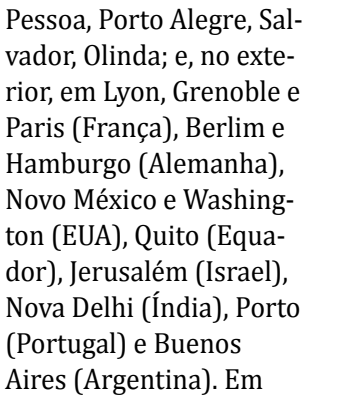
"Barriga" histórica em 1973 derruba secretário e diretores

PÁGINA 7

Flávio Tavares
Óleo sobre tela

Capa da capa

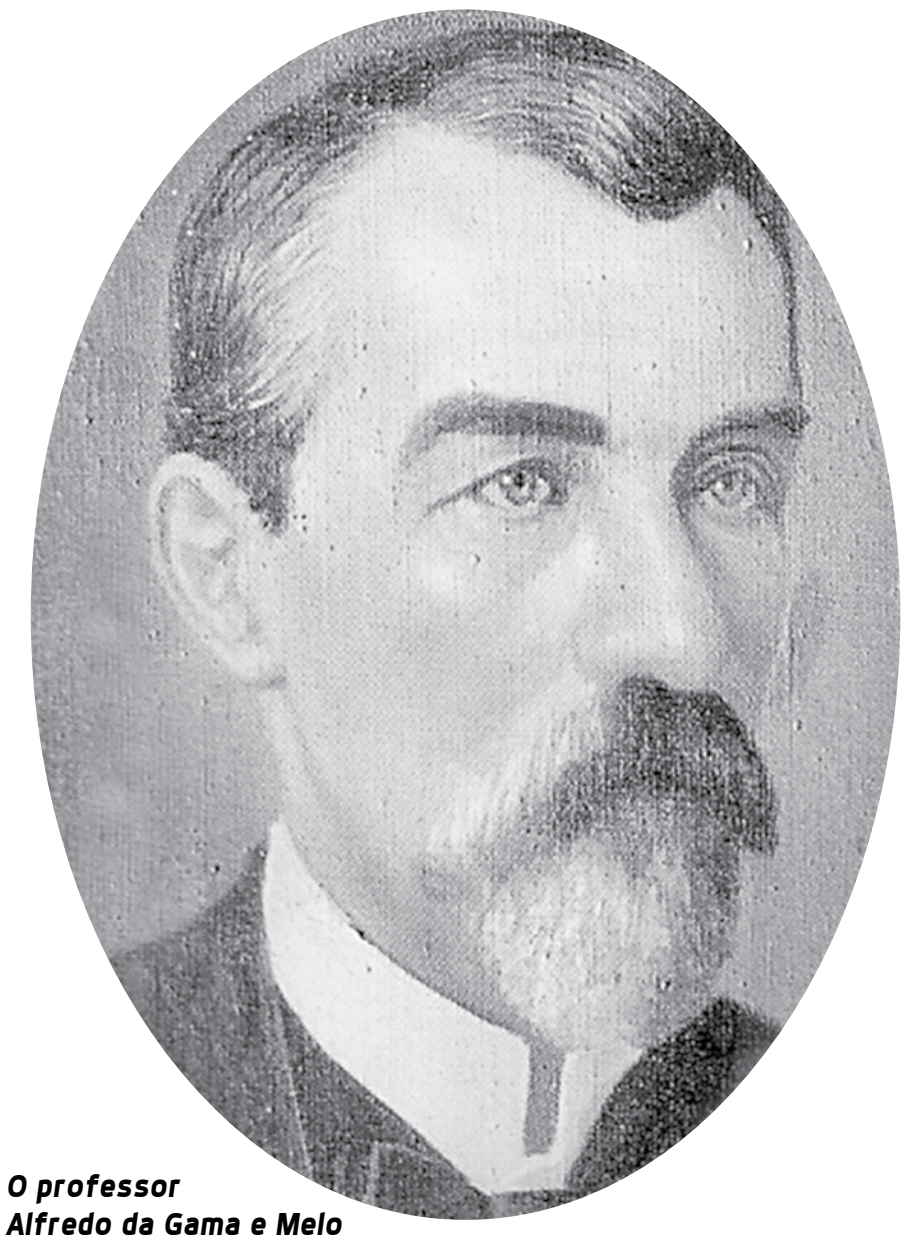
O artista



FLÁVIO TAVARES
Pintor e desenhista. Nascido em João Pessoa, Flávio Tavares, neto e filho de artistas – seu avô paterno Pedro Damião era um notável fotógrafo e seu pai Arnaldo, além de médico, dedicava-se ao desenho. Ministrou cursos e palestras na Guiana Francesa, Estados Unidos, Alemanha e Israel. Exposições em Brasília, Recife, Rio de Janeiro, São Paulo, João Pessoa, Porto Alegre, Salvador, Olinda; e, no exterior, em Lyon, Grenoble e Paris (França), Berlim e Hamburgo (Alemanha), Novo México e Washington (EUA), Quito (Equador), Jerusalém (Israel), Nova Delhi (Índia), Porto (Portugal) e Buenos Aires (Argentina). Em 2005 foi lançado o livro Flávio Tavares – Obras escolhidas

José Octávio de Arruda Mello

A política pelo olhar de **A União**



O professor Alfredo da Gama e Melo foi o primeiro editorialista de* A União*: editoriais que defendiam a nova ordem

Celso Mariz, diretor de* A União *no governo de João Pessoa, pediu exoneração por discordar da veemência com que o jornal defendia a reforma tributária então implantada

Embora de natureza estatal, ou talvez exatamente por isso, **A União** surgiu sob a égide da política. Não política partidária, mas de Estado.

Sua denominação derivou, em 1983, das correntes liberal e conservadora, que se uniram para, sob a liderança do presidente Álvaro Machado, criar o Partido Republicano da Paraíba e oferecer feição republicana a um poder que, com Venâncio Neiva, de 1891 a 92, apenas prolongara a Monarquia.

Designado pelo jacobinismo de Floriano Peixoto, muito mais próximo à nova ordem que o antecessor Deodoro da Fonseca, o major Álvaro entendeu de republicanizar a Paraíba. Para tanto, não só elaborou nova Constituição Estadual – a de 1892 – como criou jornal incumbido de propagar o regime de 1889.

De Gama e Melo e Tito Silva a Carlos Fernandes

Essa função coube ao primeiro editorialista de **A União**, professor e bacharel Alfredo da Gama e Melo, cujos editoriais de página inteira dos primeiros tempos marcaram época.

Formalmente, o jornal não tinha diretor. Sua edição ficava a cargo do tipógrafo e empresário Tito Silva, filho do latinista areiense Joaquim da Silva, modernizador do Império. A figura central, porém era Gama e Melo, governador do Estado de 1896 a 1900.

Quando, através de Pedro da Cunha Pedrosa, secretário do governo que passou a preparar os editoriais unionistas, os venancistas se infiltraram no alvarismo de 1905 e oficializaram-se as oligarquias estaduais, Gama passou para a oposição ao oficialismo mediante o jornal A República. À **A União**, novamente editada por Tito Silva (1905/12) coube defender o governo.

> Na administração Antonio Pessoa, Fernandes escreveu, contra adversários daquele, artigo tão violento que o próprio mandou suspender a série

Oficialmente, o primeiro diretor de **A União** foi o mamanguapense Carlos Dias Fernandes que a comandou de 1913 a 1925, durante as administrações de Castro Pinto (1912/15), Antonio Pessoa (1915/16), Camilo de Holanda (1916/20), Solón de Lucena (1920/4) e início de João Suassuna (1924/5).

Para muitos trata-se da fase áurea de **A União**. Dias Fernandes, que era também poeta, ensaísta e teatrólogo, ofereceu ao jornal feição literária que se completou com a presença de intelectuais como Alcides Bezerra na secretaria, e extração, em seus prelos da modelar revista "Era Nova", porta–voz do modernismo.

Tal porém, não ocultava o panfletarismo do órgão oficial, na defesa do governo. Durante a administração Antonio Pessoa, Carlos Dias Fernandes escreveu contra adversários daquele, artigo tão violento – "Os três furúnculos" – que o próprio presidente mandou suspender a série.

Sob o governo João Pessoa (1928/30), **A União** ingressou em fase das mais trepidantes. Seu primeiro diretor, Celso Mariz, firmou a respeito da reformulação pessoísta esclarecedores sueltos de primeira página, mas quando o Jornal do Commércio, do Recife, condenou a reforma tributária do pessoísmo, **A União** defendeu-a, sem meios termos. Sobreveio então, em meados de 1929, a Guerra Tributária, como um dos fermentos da futura Revolução de 30, na Paraíba.

Sem concordar com essa veemência, Mariz obteve exoneração, sendo então substituído por Nelson Lustosa Cabral que, amigo de João Suassuna, em cujo governo dirigira **A União**, trilhou o mesmo caminho quando da Guerra Civil de Princesa. (Março/julho de 30).

Continua na página 3

Ideóloga da Revolução

A União ataca o coronelismo e o Governo Federal

Durante a experiência Pessoa, **A União** não apenas atacou o coronelismo e o Governo Federal como enviou o jornalista João Lélis para cobrir a luta de Princesa. Seu diretor era então o jovem Osias Gomes que acentuou a pendência contra o pernambucano Jornal do Comércio.

Sob a direção de Osias, **A União** publicou de 22 a 26 de julho, cartas políticas – e não amorosas – que figuraram nas origens do assassinato de "O Grande Presidente", no Recife, a 26/07/30.

Com a Revolução de 30, **A União** converteu-se em ideóloga do outubrismo. Essa função foi inicialmente exercida pelos editoriais de Rafael Correia de Oliveira, em outubro daquele ano.

De 1931 a 34, o órgão oficial esmerou-se nesse mister. Foi a época do advogado e futuro deputado Samuel Duarte que não só publicou edições especiais sobre a presidência João Pessoa e a Revolução de 30 como fragmentos de livros como Outubro 30, (5ª Ed., 1980), de Virgilio de Melo Franco.

Argemirismo, Guerra Mundial

Durante os governos e interventoria Argemiro de Figueiredo (1935/40) **A União** avivou os corporativismo e anticomunismo do Estado Novo, sob a direção do jornalista Orris Barbosa.

Reorientação pró-aliada sobreveio quando os jornalistas Ascendino Leite e Octacílio Queiroz (1941/44) ensejaram modelar cobertura à segunda Guerra Mundial.

O noticiário telegráfico tornou-se então a tônica de **A União** que nas mãos do intelectual e futuro deputado Silvio Porto (julho/dezembro de 50) inaugurou o suplemento literário Correio das Artes.

Literatura e ideologia

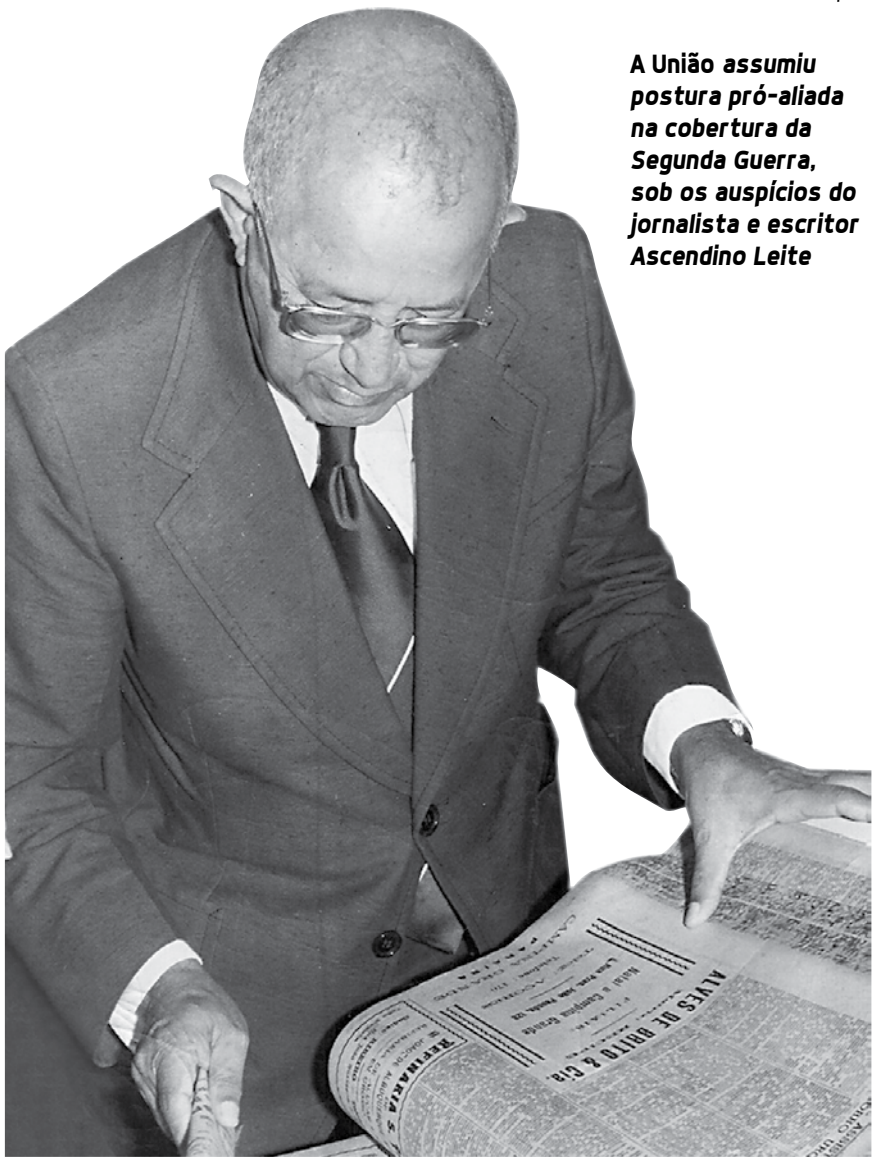
Com a década de cinquenta, o governo José Américo (1951/56) enfatizou a feição literária de **A União**. Liderou-a o escritor Juarez Batista que também cronista repartiu espaços com os colegas Rubem Braga, José Lins do Rego e Simeão Leal.

Em 1960, refletindo a agitada campanha política desse ano, a Velha Senhora retomou inclinação político-partidária com o promotor João Bernardo incorporando-a ao pessedismo dos irmãos Fernandes de Lima.

No segundo governo Pedro Gondim (1961/6), **A União** assumiu conotação ideológica.

Num primeiro momento, (1961/2) o jornalista Hélio Zenaide empurrou-a para junto aos movimentos populares e em especial as ligas camponesas. Na sequência, o tenebroso Antonio Braymer expurgou a redação, alinhando-a com a ditadura militar de 64. Durante a repressão, nem a Assessoria de Imprensa do Palácio escapou...

FOTO: Arquivo



A União *assumiu postura pró-aliada na cobertura da Segunda Guerra, sob os auspícios do jornalista e escritor Ascendino Leite*

A União no Distrito Industrial

Ante o governo João Agripino (1966/71), **A União** esvaziou-se porque suas atribuições viram-se transferidas para a nascente Secretaria Extraordinária (De Divulgação e Turismo).

Datou daí o dramático relatório Barreto Neto (1971/73) com a empresa sediada em três diferentes lugares. Essa situação somente foi contornada pelo governador Ernani Satyro, a 10 de novembro de 1973, com a transferência das redação e oficinas para o Distrito Industrial onde ainda hoje se encontra na base da chamada composição a frio. O diretor chamava-se Carlos Vieira e o secretário de Comunicação Otinaldo Lourenço.

Desse período para cá, sob o comando de, entre outros, José e Petrônio Souto, Natanael Alves, Luiz Crispim, Murilo Sena, Nonato Guedes, Itamar Cândido, Ruy Leitão, Nelson Coelho, Ramalho Leite e Fernando Moura, **A União** buscou conjugar política e cultura com algumas especificidades.

Petrônio Souto e Nonato buscaram abordagem política moderna, mediante aberturas para temas internacionais e nacionais. Já Nelson Coelho dinamizou a parte cultural com séries históricas e coleções de bom nível, mas partidarizou o jornal, a que os adversários do governador José Maranhão ou mesmo periodistas independentes ficaram sem acesso.

Essa anomalia viu-se corrigida pelo governador Ricardo Coutinho. Nessa perspectiva seus dois diretores – Severino Ramalho Leite e Fernando Moura (2011/13) – recompuseram **A União** aberta a todos e independentemente da cor da camisa partidária dos colaboradores.

José Octávio de Arruda Mello
historiador e professor aposentado da UFPB e UEPB

Minha **HISTÓRIA**

Trabalho e diversão

Gisa Veiga
Ex-editora geral

A União foi minha grande escola de prática jornalística. Lá aprendi a dominar uma Remington "pé duro", a me concentrar com barulho ao meu redor, a "encher o saco" das fontes, a apagar pequenos incêndios em cestas de lixo provocados por piolas de cigarro, a nunca voltar à redação sem uma notícia digna de publicação. Aprendi, sobretudo, a me divertir trabalhando.

Ainda não tinha nem 20 anos de idade quando comecei a trabalhar em **A União**. Ainda aos 18 fiz um pequeno estágio quando a redação estava instalada na Praça 1817 (faz teeeempo). Depois disso, passei um bom tempo na redação da Rua João Amorim. Foi a época mais divertida do jornal.

O primeiro "furo" – o dado e o levado – a gente nunca esquece. Naquela época, o governo ainda era militar e pipocavam revoltas camponesas vez por outra. Camucim, uma fazenda que ficava em Alhandra, era sempre palco de confrontos violentos. Eu sempre era escalada para fazer a cobertura dos conflitos e adorava toda aquela adrenalina. Fui "eleita" Miss Camucim, título que me foi carinhosamente dado pelo advogado dos rebeldes, Júlio César Ramalho.

Lembro que, numa das barulhentas assembleias realizadas na própria fazenda, a imprensa foi proibida de entrar. "Só entram os agricultores", ordenava um dos líderes do movimento. Toinho Vicente, que fazia a cobertura pelo jornal Correio da Paraíba, ludibriou a todos e, com aquele jeitão de agricultor (sem fazer esforço), participou da reunião como se fosse um deles. Registrou todos os detalhes da discussão, na maior cara de pau, enquanto eu protestava do lado de fora. Afinal, eu não tinha jeitão de agricultora. Eu era uma "miss". E o jeito foi engolir o "furo", sem perder a ternura jamais.

Outra lembrança: naquela mesma rua do Centro ficava a sede da organização de extrema direita "Tradição, Família e Propriedade" (TFP). Algumas vezes um funcionário de lá deixava na redação um release da entidade. Era sempre alguém muito bem vestido, jovem, sério e educado. Sílvio Osias adorava recebê-los. Fingia uma formalidade que, na realidade, ele desprezava no dia a dia.

- Boa tarde. Eu vim deixar uma notícia da TFP para publicação – apresentava-se o emissário da direita.

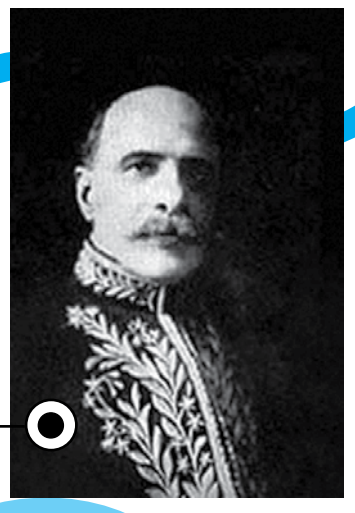
- Pois não. Pode deixar comigo, por favor – adiantava-se, todo solícito, Osias, enquanto todos os demais paravam de conversar, como se uma figura amedrontadora tivesse adentrado.

Mal o pobre rapaz dava as costas, Sílvio dirigia um sonoro coro com as vozes de toda a redação juntas: "Viva o comunismo", e todos caíam na risada, enquanto o coitado da TFP apressava o passo para bem longe daquele bando de "subversivos".

Era trabalho e diversão. Não necessariamente nessa ordem.

O tempo e o evento

14 MAR 1934
A Constituição foi aprovada hoje, na Assembleia, em primeira discussão, por 173 votos contra 17.



7 JUN 1934
O desaparecimento de um luminar da Medicina brasileira. "Faleceu ontem no Rio de Janeiro, o professor **Miguel Couto**, figura exponencial da ciência médica e nome de projeção universal, como mestre e como clínico".

17 JUL 1934
Realizar-se-á hoje a eleição do presidente da República. "A Assembleia Nacional marcou para amanhã a eleição do primeiro presidente constitucional da segunda República. As correntes revolucionárias sufragarão o nome do sr. Getulio Vargas e os elementos oposicionistas votarão no sr. Borges de Medeiros".

22 JUL 1934
A Constituição de 1934 – Dilvulgação nessa edição do texto do novo código político do Brasil.

6 MAR 1934
A Presidência Constitucional da República – " Em brilhante carta ao deputado Paulo Filho, Diretor do "Correio da Manhã", do Rio, o ministro José Américo agradece a lembrança do seu nome para Presidente da República e dá as razões da sua escusa".

6 JUN 1935
O trágico desaparecimento do volante **Irineu Correa** – Antes de iniciar a prova automobilística, Irineu previra a sua morte , " O acontecimento sensacional do circuito da Gávea foi o fim trágico que teve o "az" Irineu Correa que foi vencedor o ano passado, do Grande Prêmio Automobilístico".

9 JUN 1935
O governador **Argemiro de Figueiredo** visitou hontem, a redação e oficinas da '**A União**" – " As providências tomadas por S. Exc. para o melhor funcionamento da Imprensa Oficial".

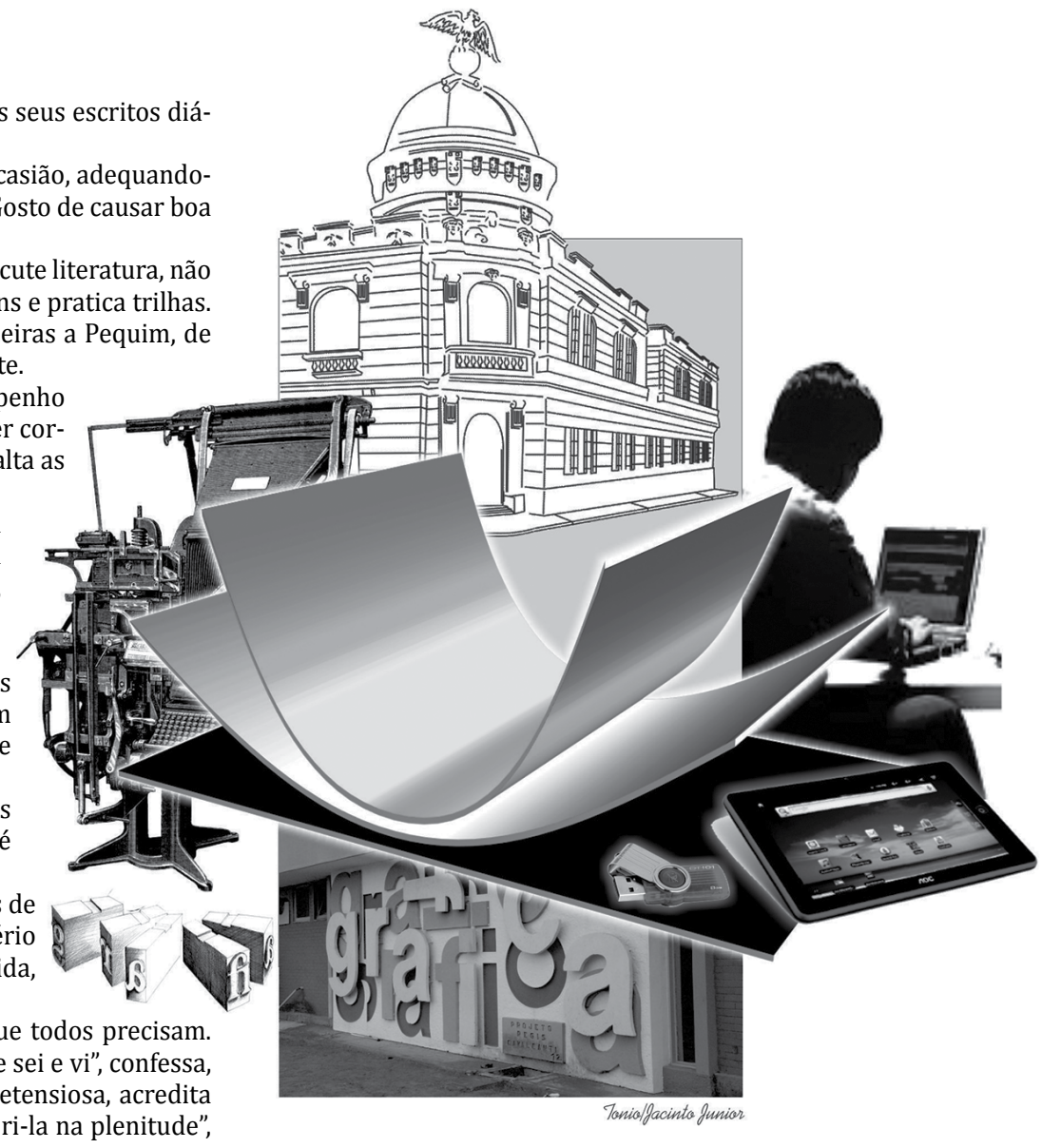
23 JAN 1937
"O Porto de Cabedelo, a maior realização do governo paraibano na fase de após a revolução, será inaugurado oficialmente hoje", noticia **A União.**

11 SET 1937
O ministro da Justiça Francisco de Campos comunica ao governador Argemiro de Figueiredo da implantação do Estado Novo. "O Governo, com o apoio das Forças Armadas, acaba de promulgar a nova Constituição, dissolvendo a Câmara e o Senado. O país entra, assim, num novo regime".

ENTREVISTA: A UNIÃO

“Minha missão é unir a Paraíba”

Fernando Moura
Superintendente de **A União**


Tonio/Jacinto Junior

Ativa e antenada, não parece ter a idade que tem. Engana aos que conhecem apenas seus escritos diários. Exala visgo jovial em textura amadurecida. Boca de diva, olhos de águia.

Anciã de cabelos prateados, com mechas de neon, veste-se de acordo com a ocasião, adequando-se aos ritos profissionais com a mesma desenvoltura que vai à praia ou à balada. “Gosto de causar boa impressão”, chancela.

Descolada, frequenta teatro, curte cinema, não perde shows ou exposições, discute literatura, não larga a máquina fotográfica e surfa nas ondas cibernéticas. Pilota motos, dirige vans e pratica trilhas. Viaja muito, conhece cantos e recantos desse mundaréu sem fronteiras. De Cajazeiras a Pequim, de Campina Grande a Nova York, de João Pessoa a Paris. “Tenho pés firmes e asas imaginárias”, admite.

Discorre sobre teorias antropológicas com a mesma segurança com que descreve o desempenho dos jogadores do campeonato brasileiro. Vibra, chora, se emociona com a vida e a morte. Não quer corrigir o mundo, mas ajudar a melhorá-lo. Conhece seus erros, admite os próprios pecados, mas exalta as documentadas façanhas sem pudor. “Minha vida é um jornal aberto”, garante.

Sabe a importância que tem para a formação cultural do Brasil, pelo reflexo do que faz na própria aldeia. Nasceu na Paraíba, mas se deu aos universos. É de todos e todas. Republicana, já experimentou variadas correntes políticas e ideológicas, até chegar ao ápice da cidadania. É plural, posicionada na vanguarda. Vai à luta quando a briga é boa e o combate é em prol da coletividade. “Sou politizada, não politiqueira”, costuma frisar.

Inquieta, dura nas posturas, exala feminilidade por onde passa, não relaxando nas periódicas visitas a médicos de diversas especialidades. Dermatologistas e cirurgiões plásticos lhe recebem com maior frequência. “A vaidade está na genética da fêmea, faz parte de seu arsenal”, afirma, entre sorrisos.

Mantém a fé intacta, mas sem professar o credo. Respeita as diversidades com a garra dos libertários. Falante, ora sedutora, ora ranzinza, expõe o que pensa, sem temer polêmica – na qual é mestra e incentivadora. “Brigo para garantir a fala dos que me contestam”, assegura.

Hi-tech, usa o tablet e o smart phone com a mesma habilidade com que manipulou máquinas de datilografia, telégrafos, radiofotos ou telex. Prefere o diálogo à agressividade, embora saia do sério e chame pra briga quando alguém lhe acusa de ultrapassada. “Meu tempo é agora, fedelho”, revida, invariavelmente.

Aos 120 anos, **A União** é bem mais que a bisavó que todos gostariam de ter: é a amiga que todos precisam. “Não quero nada só pra mim. Minha vida só faz sentido porque compartilho com os leitores o que sei e vi”, confessa, consciente de que todo dia aprende um pouco e divide o saldo com quem estiver por perto. Pretensiosa, acredita que assim manterá a Paraíba unida. “Nasci com essa missão e não morrerei enquanto não cumpri-la na plenitude”, sentencia.

Na entrevista a seguir, a “jovem senhora” – que alguns, carinhosamente e na surdina, chamam “A Velhinha” – revela etapas de sua vida, descreve variadas situações e faz projeções ao futuro com uma lucidez desconcertante. Com vocês, a “garota da capa”:

Ao completar 120 anos, a senhora se incomoda em ser chamada de “Velhinha”?

De forma nenhuma, rapaz. Quem não quer envelhecer, morre antes. Minha mãe já dizia isso. Infelizmente, ela faleceu na flor da idade. Também tenho irmãos que foram cedo, como “O Momento”, “O Nordeste”, “A Tribuna”, “O Combate”, “Diário da Borborema”, “O Norte”, entre outros queridos entes, de uma enorme prole. Garanto que eles prefeririam estar circulando por aqui, serelepes ou cambaleantes, sendo chamados de “senhores” ou “anciãos”. Mas, vivos. Eu também.

Mas não é um tanto solitário, manter-se ativa enquanto uma geração de periódicos sucumbe sob seus olhos?

É preocupante e triste, sim. Solitário, não. Sinto falta, sinto saudades, mas solidão é uma palavra que não se molda a jornais. Enquanto existirem leitores, jamais estarei sozinha. Sem falar nos colegas mais jovens, ainda com muita estrada pela frente, que me ajudam a preencher os vazios das páginas em branco, como o “Correio”, o “Jornal da Paraíba”, o “Contraponto”, além de uma variedade de revistas e edições especiais, que desfilam com desenvoltura na passarela do mercado editorial paraibano. Não consigo me sentir isolada, em meio a tanto reboliço. Você mesmo, não me deixa um minuto sossegada, vasculhando semanalmente minhas entranhas...

Certo, certo, entendi... Mas e a linguagem? Provavelmente a senhora deve ter alguma dificuldade em se ajustar aos códigos contemporâneos, aos signos comunicacionais modernos, às abordagens estéticas que não são propriamente de sua época, não é assim?

Oh, meu garoto! Você é que parece ter se enganchado no funil da ampulheta. Se liga, cara! Sintoniza. A época de cada um é o seu instante presente. O que passa, é experiência, conhecimento, bagagem... São etapas. Qual é o tempo de uma criança que nasce hoje? É agora ou o futuro? Doce paradoxo. Minha época é esta, que ajudei, inclusive, a moldar, do chumbo à era digital. Na verdade, minha maior dificuldade é conter ímpetos e frear arroubos para não parecer sassaricada demais, assanhadinha demais para minha idade. Mesmo contida, distribuo charme e informação que ajudam a aquecer os corações mais frios. Sei de coisas que os mais jovens não sabem. Isso deve servir para me situar no contexto que se configure, seja em cenário adverso ou sinérgico. Sem falar nos milagres da plástica. Se alguma coisa aparece fora do lugar, corro para o bisturi sem qualquer pudor. Sempre estou novinha em folhas. Sou vaidosa, sim, além de bonita, inteligente e modesta.

Se a senhora diz...

Não sou eu que digo não, meu filho, são meus fãs, leitores, anunciantes e colaboradores... Os parceiros, que me moldam e mostram o quanto sou ‘fashion’. Já a parte da “modéstia”, essa sou eu mesma quem digo, sem falsa modéstia. Sei que sou chamativa e importante para os paraibanos, mas não vivo apregoando isso com estardalhaço, não. Prefiro trabalhar. Se bem que estou aproveitando essa data tão marcante para eriçar um pouco os pelos da imodéstia. Acho que cabe a exceção, pela magnitude da idade. Mas tento me controlar para não arrebitar demais o nariz de cera. Esse não é meu melhor ângulo.

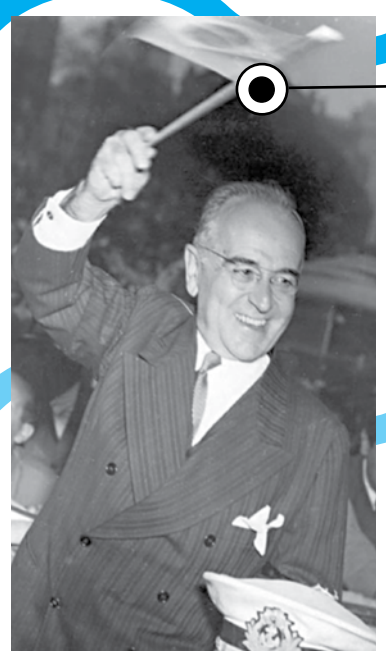
O tempo e o evento

30 JUL 1938
Dois dias após o ocorrido. **A União** noticia “ morte do célebre bandoleiro Lampião, bem como a de 11 bandoleiros e sua mulher Maria Bonita!.

19 OUT 1939
“Chegou ontem ao Rio a primeira partida de abacaxis paraibanos. A partida de 8.000 abacaxis embarcada a bordo do Farrapo chegou ontem em ótimas condições, merecendo elogios a uniformidade do tamanho e o sabor. Esses frutos foram imediatamente postos à venda em caminhões do Ministério da Agricultura, a preços populares”.

4 MAI 1940
“Os aliados retomaram Roeros, Synset, Stoeren e Dombas (na Noruega). Os alemães premidos pelas tropas anglo-franco-norueguesas pensam em abandonar Narvik, que se acha completamente cercada”.

4 MAI 1940
Neste ano, o Auto Esporte disputava a liderança do Campeonato Paraibano com o Esporte, ambos de João Pessoa. “Amanhã, estarão disputando no gramado do Paraíba Clube. Esta peleja está despertando bastante interesse em nossas rodas esportivas por motivo de igualdade de condições que se encontram na tabela do certame oficial os dois pelejadores”.



4 MAI 1940
“O presidente da República (**Getúlio Vargas**) assinou anteontem um decreto instituindo em todo o país o salário mínimo a que tem direito pelo serviço prestado todo trabalhador adulto sem distinção de sexo”. Ainda no texto, **A União** registra que o salário ficou assim definido na Paraíba: “Capital, 130$000 e no interior 90$000; Pernambuco: capital e Olinda, 150$000 e nas demais localidades, 100$000”.

17 OUT 1940
O presidente Getúlio Vargas chega a Sousa. **A União** diz que “uma multidão, fremindo de entusiasmo, estacionava no aeródromo desta cidade, na ocasião da chegada do presidente”.

2 SET 1939
“A Alemanha invadiu a Polônia. Aviões do Reich bombardearam, ontem, Varsóvia, Cracóvia, Lodz, Posen, Thorn, Gdynia, Noviporto e outras pequenas cidades polonesas. Aguarda-se para hoje a declaração de guerra à Alemanha feita pela França e Grã-Bretanha. As forças da Polônia resistem bravamente à penetração militar nazista”.

4 MAI 1940
“O quadro do Treze, atuando melhor do que no dia de sua estreia no campeonato, venceu o esquadrão do Filipéia por uma contagem expressiva”. O jogo foi 4 a 2 para a equipe de Campina Grande. Os gols do Treze, cujo **primeiro padrão de 1926** estampava o número 13, foram marcados por Alcides (três vezes) e Clóvis.

E amores? Sua vida não deve ser apenas trabalho... Quais paixões lhe sacodem? Algum affair no momento?

Tolinho... Querendo pegar a amiga na curva, né? Mas não tem problema, minha vida é um jornal aberto. Tudo que faço é público, minhas relações são transparentes, embora alguns me achem meio volúvel. Mas o que posso fazer, se os homens usufruem do meu amor por uns tempos e depois vão embora ou morrem? "Que seja eterno enquanto dure", como cantava o poetinha. Como já disse, não sei ficar sozinha. É da minha natureza. Gosto de gente, de me relacionar, comentar as novidades, propor mudanças, protestar contra as injustiças, defender o certo e combater o errado. Pra isso, tem que haver energia, e eu me abasteço das paixões que passam por mim. No momento, estou experimentando 'ficar'. Todo dia mudo meus parceiros, diversificando prazeres, mas consolidando tendências... Só fico, por exemplo, com gente decente, comprometida com a vida e que vista a camisinha da Paraíba. Se não for assim, nem vem que não tem. Sou mais libertária que libertina, se é que me entende...

> Gosto de gente, de me relacionar, comentar as novidades, propor mudanças, protestar contra as injustiças, defender o certo e combater o errado

Acho que entendo... Só não compreendo direito como a senhora pode aparentar tranquilidade depois de tanto tempo observando e noticiando guerras, revoluções, atos terroristas, intempéries, epidemias e tantas mazelas passadas pela humanidade nesses últimos 120 anos... Não se sente angustiada por isso?

Não, em absoluto. Me sinto amadurecida, capaz de lidar com sabedoria tanto na catástrofe como na construção. Não sou o centro do universo, ou o Galo de Chanteclair e não fui contaminada com a soberba da tentativa de onipresença da monarquia. Sou republicana de nascença, portanto receptiva aos ciclos da natureza humana. Entendi, com o tempo, que tudo tem um preço a ser pago pela sociedade. A energia atômica que hoje salva vidas e impulsiona o desenvolvimento, nasceu de um vil ato de guerra. Inocentes morreram para que outros pudessem viver. Não julgo a humanidade, relato suas peripécias, para o bem ou mal. Como cidadã, posso não concordar com muita coisa e me indignar com isso, mas como suporte da história, tento manter o equilíbrio documental. Nem sempre consigo, mas persigo dia a dia esse princípio.

Dentro dessa lógica, daria para destacar alguns desses instantes marcantes na sua trajetória, vividos ou presenciados?

Humm, é muito difícil! Tudo o que está registrado em minhas páginas seculares tem ou teve relevância para alguém ou para muitos. Cada edição traz uma radiografia daquele instante e não devo, pelo viés da história, induzir alguém a imaginar que determinado momento ou circunstância foi mais importante que outro. Isso poderia ferir suscetibilidades e prestar um desserviço ao próprio papel jornalístico do registro. No entanto, emocionalmente falando, na alegria e na tristeza, a campanha das "Diretas Já", entre 1983 e 84, e a tragédia da Lagoa, em 1975, me deixaram trêmula, com as pernas bambas e o coração acelerado. Me marcaram profundamente...

Mas, e a Revolução de 30, movimento em que a senhora teve papel de protagonista? Isso não mereceria um destaque numa retrospectiva?

Sem dúvidas. Acontece que insistentes chamas de 1930 ainda tremulam em algumas mentes e corações de famílias e grupos políticos remanescentes daquele período. Não quero atiçar faíscas que possam aumentar as labaredas de uma história que não foi concluída com a devida isenção. Pela minha parcialidade da época, prefiro adotar a imparcialidade atual como defesa posterior aos atos do passado. O que fiz, disse ou induzi estão aí disponíveis para o destaque que os pesquisadores queiram dar. Os arroubos da juventude e a lucidez da maturidade têm que ter o mesmo peso na balança da história de cada um. Quem quiser que faça a própria análise e julgamento, que eu publico por aqui mesmo.

Uma pergunta de gaveta: qual o segredo da longevidade?

Mas olha mesmo! Está precisando espanar as teias dessa gaveta, hein? Se eu contar, meu jovem, deixa de ser segredo. Já que não posso omitir a idade e me desnudo diariamente em frente às bancas, pelo menos reservo esse segredinho estratégico. Pergunte isso a Biu, Gonzaga, Petrônio, Martinho, Carlos, Agnaldo, Nelson e outras legendas do jornalismo 'uniano', que também atravessam os anos com roupagem pré centenária. Esses, puxaram à mãe.

Aproveitando a deixa, sendo mãe, avó e bisavó de centenas de profissionais de imprensa, como a senhora orienta seus descendentes, o que aconselha às gerações que se sucedem?

Bem, cada época tem sua abordagem, mas o conceito é o mesmo: reproduzir as "verdades" de cada instante, evitando as manipulações. Sendo honestos com eles mesmos e seus leitores. Noticiando o factual e opinando sobre o emocional, sempre em prol do benefício comum, ajudando na construção de uma sociedade melhor... Vez por outra surge uma ovelha negra, mas se não fosse assim, não seria uma família, né?

E o futuro, o que espera dele?

Espero que ele chegue, lépido e lúcido como o presente. Pra falar a verdade, penso e ajo um dia por vez, uma edição a cada manhã. Anseio, obviamente, viver mais trinta, cinquenta ou cem anos, mas desde que consiga manter o raciocínio ativo e as pernas firmes, pronta para dançar um forrozinho nos sábados à noite ou bater uma pelada dominical.

> Espero que o futuro chegue, lépido e lúcido como o presente. Anseio, obviamente, viver mais cem anos, desde que consiga manter o raciocínio ativo e as pernas firmes

> Cada edição traz uma radiografia daquele instante. Não devo induzir alguém a imaginar que determinado momento foi mais importante que o outro

A senhora ainda pratica esportes?

Muito. Aliás, gosto de tudo um pouco. Sou partidária da diversidade. Gosto de temas econômicos, de enredos políticos, de tramas policiais, de debates sociais e, principalmente, de abordagens culturais, pois sem educação, sem cultura, povos e indivíduos estariam fadados à extinção, vivendo na borda do abismo, como zumbis sem memória, seres sem história. Navego por todas as correntes, em mares distantes e revoltos, mas tenho a cultura como porto seguro. Parto e volto a esse ponto.

Saudades de alguém ou algo?

Ah, saudade! Sentimento ambíguo, que afaga e estraçalha a alma... Sinto saudades, sim, mas não deixo que a sensação me arrebate. Prefiro imaginar que sou privilegiada por ter vivido momentos bacanas e convivido com pessoas fantásticas, como Jacinto Barbosa, Barreto Neto, Lula Crispim, Zé Castor, Itamar Cândido, Biu Galinha, Linduarte Noronha, Adalberto Barreto, Oduvaldo Batista, Ivan Apremont, Maria José Limeira, Ascendino Leite e outros amigos e parceiros de tempos mais remotos, como Carlos Dias Fernandes, Tito Silva, João Lélis, Walfredo Rodriguez, Waldemar Duarte, Samuel Duarte e tantos mais que ajudaram a construir um legado eterno. Mais que saudade, o sentimento é de gratidão e honra.

Arrependimentos?

Não, nenhum, embora devesse... Acontece que os erros que um jornal comete são irreversíveis. Depois de impressos, tchauzinho! Vira mancha, gráfica e "psicológica". Pragmaticamente, não dá para se arrepender, mas consertar, rever, republicar, se desculpar... Nesses casos, arrependimento é sentimento inócuo, sem qualquer utilidade... Procuro aprender com meus deslizes, evitando repeti-los. Aliás, não está na hora de terminarmos essa conversa? Estou muito atarefada, com a agenda repleta, com outras pessoas para dar atenção e você me alugando o tempo todo. Não queira que me arrependa de ter concordado com esta entrevista...

Bem, a casa é sua, os espaços são seus e o aniversário também, por isso não devo importuná-la além da conta. Se a senhora se sente cansada...

Epa, epa! Cansada, não. Ao contrário, me sinto revigorada e rejuvenescida a cada dia. Meu alimento, minha vitamina, contrariamente ao que se pensa, é o próprio tempo. Esse é meu viço.

Pois bem, não querendo sugar mais o seu tempo, uma última pergunta: o que dizer aos novos profissionais que chegam às redações, aos jovens repórteres, aos estudantes e a todos que desejem enveredar pela comunicação, seja impressa, sonora ou visual? Algum conselho?

Ah, essa é fácil: ler, ler e ler ainda mais. Só a leitura constante, diversificada, alucinada até, pode levar alguém a desenvolver ou aperfeiçoar aptidões, estabelecer estilos, lapidar a própria escrita. No começo da carreira, um pouco de tudo, depois vai segmentando, peneirando para os temas preferidos, até manter uma agenda pessoal de leitura, que pode ser, no mínimo, um livro por semana. Sem sentir, a pessoa vai acumulando bagagem, imagens, repertório e, principalmente, raciocínio crítico, elementos essenciais a qualquer profissional, mas vitais aos de comunicação.

Bem, finalizando, gostaria de agradecer pelo privilégio dessa entrevista. É a segunda vez que conversamos. A primeira foi no seu centenário, lembra?

Claro, tenho boa memória. Tirando os deslizes, acho que ambos melhoramos, de lá pra cá. Caso contrário, não teríamos chegado até aqui. Também agradeço. Até qualquer dia...

O tempo e o evento

21 DEZ 1940
A União publica carta de paraibano que lutava na guerra: "Peço a Deus que me dê ânimo para combater, com bravura, os nossos inimigos".

18 JAN 1941
Fim da neutralidade do Brasil na 2ª Guerra Mundial. O presidente Getúlio Vargas diz que a guerra atingiu o continente e, por isso, "deixaremos de ser neutros e não pode haver nenhum brasileiro que discorde da orientação adotada"

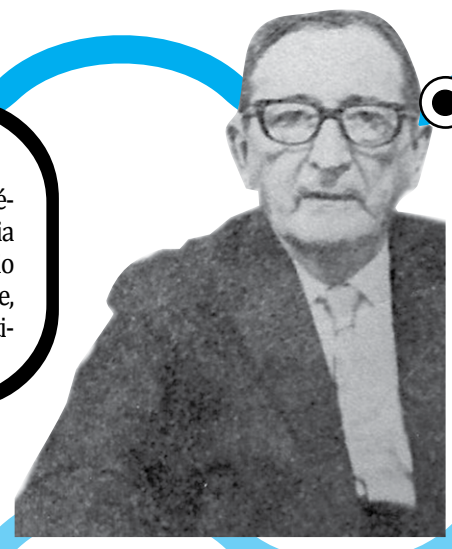
1º OUT 1941
A descoberta de ouro na Paraíba é noticiada em **A União:** "Dois municípios do Alto Sertão estão sob a febre do ouro, Piancó e Teixeira".

23 JUN 1946
O interventor Odon Bezerra cobra prédio para a instalação da Assembleia Legislativa: "Não dispomos de prédio apropriado ao seu funcionamento. Urge, pois, construir um que lhe sirva definitivamente".

1948
"A cidade foi surpreendida com a notícia de que irrompera um violento incêndio no pavilhão do Quartel do 15º R.I., no bairro de Cruz das Armas".

8 MAI 1945
"Vitória das Nações Unidas na guerra sem trégua ao nazi-fascismo. A Paraíba sente-se ufana por ter nos efetivos da FEB muitos de seus filhos".

21 JUL 1949
"A Paraíba comemora hoje o primeiro centenário de nascimento de Venâncio Neiva". Cita-se que ele foi deposto do cargo de governador, em 1891, por "uma junta nomeada pelo marechal Floriano Peixoto.



15 DEZ 1950
Tribunal Regional Eleitoral anunciou resultados das eleições de 3 de outubro na Paraíba. Para presidente da República: Getúlio Vargas (125.467), Eduardo Gomes (108.852) e Cristiano Machado (20.660). Para senador: Ruy Carneiro (144.452), José Pereira Leite (109.272). Para governador: José Américo (147.093), **Argemiro de Figueiredo** (111.152)

1º FEV 1951
Discurso de posse de José Américo: "Não venho praticar violências. Não guardo ódio nem rancores. Mas ninguém deverá estranhar a severidade das minhas sanções contra o crime e a desonestidade".

A UNIÃO FAZ A FORÇA DO POVO PARAIBANO

120 ANOS DO JORNAL A UNIÃO

www.takescomunicacao.com.br

Takes COMUNICAÇÃO E MARKETING

A 'barriga' da discórdia

Erro de edição derruba secretário e diretoria em 73

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Um equívoco na edição de 17 de julho de 1973 quanto ao nome do sucessor do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, gerou a maior "barriga" da história de **A União** (no jargão jornalístico o termo significa erro grave de informação). O sucessor do homem que criou a frase patriótica "Brasil: ame-o ou deixe-o" era o general Ernesto Geisel. Mas **A União**, órgão fiel aos ditames da Revolução de 31 de março de 1964, publicou que Orlando Geisel fora o escolhido. Orlando vinha a ser o irmão mais velho de Ernesto e era o então ministro do Exército. A gafe, inserida em manchetes na primeira página, custou caro aos então dirigentes do jornal oficial. A "barriga" gerou demissões de toda a diretoria e do então secretário da Comunicação, Noaldo Dantas. Este era superior dos jornalistas Luis Augusto Crispim e Marcone Cabral, respectivamente, diretor-presidente e editor do jornal.

No dia da confusão, **A União** já funcionava na sua nova sede do Distrito Industrial de João Pessoa, onde inaugurara o novo sistema off set de impressão. Tudo corria bem, no ano de 1973, até que um zeloso funcionário entrou de jornal em punho na casa de Crispim e passou o recado: "Dotô, o novo candidato a presidente é Ernesto e o jornal publicou Orlando". Calmo como sempre, Crispim folheou o jornal e endossou a apreensão do servidor: "Você tem razão". Em seguida mandou recolher os jornais ainda não vendidos e imprimir novo clichê do dia, com nota de pedido de desculpas pelo erro cometido.

O mal já estava feito. Numa velocidade incrível, a gafe já era conhecida no Sudeste do país e os principais canais de TV da época, com sucursais em Recife, divulgavam tudo em detalhes. As rádios locais repetiam o noticiário, repassados pelas agências JB e France Press. O governador Ernani Sátyro tomou conhecimento da gafe no Rio, onde se encontrava.

Ao desembarcar no Aeroporto Castro Pinto, dois dias após a ocorrência, Ernani Sátyro foi ríspido com Noaldo Dantas: "Pensei que você já chegaria aqui com o pedido de demissão nas mãos", disparou. A queda de Noaldo arrastou Luis Augusto Crispim e Marcone Cabral. Os dois últimos, cavalheirescamente, isentaram Noaldo de culpa, mas Satyro não perdoou: "Olhe amigo velho, você ganha para prestar atenção ao serviço que faz, viu? Noaldo foi substituído por Evaldo Gonçalves de Queiróz.

Na versão do historiador José Otávio de Arruda Melo, as coisas não aconteceram do jeito que foi noticiado: "Ernani desembarcou colérico no Aeroporto Castro Pinto e disse em alto e bom som que iria demitir Noaldo", revelou Otávio. Dantas, que nunca estava presente quando Ernani precisava dele, ainda tentou se valer da esposa do governador, Dona Antonieta, mas Sátyro, inflexível, não acatou as considerações da esposa: "Você já fez muito por ele, mas agora deixe-me cumprir com meu dever".

"Noaldo Dantas não foi ao aeroporto esperar Ernani. Chamado na Granja Oficial pelo governador, Noaldo teria dito que já que a situação era aquela, ele, Noaldo, "vou tocar um tango argentino". Ernani irritou-se ainda mais e cumpriu com a palavra, demitindo o secretário.

Noaldo, Crispim e Marcone Cabral ainda foram intimados a depor na Polícia. O governador queria ter a prova se a gafe fora ou não intencional.

A UNIÃO

PREÇO: CR$ 0,50
EDIÇÃO DE 8 PAGINAS
CIRCULA COM O DIARIO OFICIAL

O balão "Le Brésil"

ANO LXXXI — JOÃO PESSOA — TERÇA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1973 — Nº 139

Ernesto Geisel é o futuro Presidente da República

Receita dá novo prazo de imposto

Acidentes: cai índice, diz Detran

Oscar Visgueiro substitui Celso na Subreitoria

GEISEL: UM VELHO AMIGO DA PARAÍBA

Seleção já em Moscou para jogo de 5a. feira

Acima, edição de 19 de julho em que o jornal dá a manchete correta: "Ernesto Geisel é o futuro presidente da República". À esquerda, o então secretário de Comunicação, Noaldo Dantas ao lado do governador Ernani Sátyro: demissão sumária: "vou tocar um tango argentino"

Minha HISTÓRIA

Um espírito do tempo

Walter Galvão
Ex-editor geral de **A União**

No início dos anos 1980, o movimento operário do Sudeste já havia dado o chute fatal no pau da barraca da ditadura militar brasileira. Os metalúrgicos, principalmente, desenharam em grandes assembleias um mapa de saída do labirinto autoritário. Aqui no Nordeste, professores e bancários, principalmente, ganhavam as ruas em greves e marchas de contestação. Os militares no poder tramaram a abertura, pressionados pela crise do petróleo que explodira em 1973 e que precipitara a ferverção mudancista impulsionada também por uma mentira da ditadura, a histórica maquiagem dos índices de inflação de 1974, denunciada pelo Banco Mundial. Foi o estopim para a derrocada, longa, dolorosa, concluída em 1985.

O mundo tinha quase 5 bilhões de habitantes, os Beatles eram uma página virada, a ciência inventara o bebê de proveta. Na Paraíba, Tarcísio Burity seria o último governador indicado pelo regime que matara o jornalista Vladimir Herzog. Sob o fogo transformador da crítica democrática e aspirando por liberdade, a sociedade paraibana acolhia e propagava as novas possibilidades, ao mesmo tempo em que se mantinha intocado o seu universo paralelo da vocação mística, do Cemitério da Jurema, da Cruz da Menina, do campo de OVNIs de Guarabira, da Pedra do Ingá. Vocação que me pegou pelo braço numa tarde de 1982.

A redação de **A União**, onde eu aprendia jornalismo diariamente em companhia de uma grande equipe, ficava na Rua João Amorim, ali pertinho da Praça Castro Pinto. No intervalo do almoço, me chama na calçada do jornal uma figura exótica e inusitada, divertida e solene ao mesmo tempo. Vestia um manto branco com motivos coloridos, ostentava barba e cabelos de visionário. A presença era uma mistura de Antonio Conselheiro, Maharishi Mahesh Yogi e Artur Bispo do Rosário. Foi a primeira impressão que me causou o profeta Gentileza. Isso foi antes de Gonzaguinha e Marisa Monte escreverem canções sobre ele, e também de o Rio de Janeiro adotá-lo como símbolo vivo de uma cultura de paz. Gentileza foi um imbuído pela santidade desde a adolescência (nasceu em São Paulo, 1917) e na Eco-92, no Rio de Janeiro, uma década depois de sua passagem por João Pessoa, conquistou notoriedade internacional. Morreu em 1996.

Naquela tarde, me perguntou se eu era o jornalista que poderia lhe dizer alguma coisa sobre os Borboletas Azuis. Expliquei o que pude, falei que a seita de Roldão Mangueira fora criada em Campina Grande, da previsão que seus membros fizeram de que um dilúvio acabaria com o mundo em maio de 1980, e de que como aquilo tudo emocionara tanta gente pelo mundo todo. O profeta me falou sobre sua missão de resgatar a gentileza, o respeito e o amor entre as pessoas. Eu achei, mas não disse, que aquela Disneylândia espiritual seria difícil de inaugurar. Gentileza, espírito daquele tempo, partiu sem me dizer para onde ia. O fotógrafo Antonio David registrou nossa conversa e **A União** publicou o fato e a foto.

O tempo e o evento

13 JUL 1953
"Por ato do sr. presidente da República foi nomeado ministro dos Negócios da Viação e Obras Públicas o governador José Américo".

26 FEV 1954
A União noticia que o escritor **José Lins do Rego** "viaja hoje à Europa, onde dará cursos e conferências sobre a literatura brasileira, devendo visitar Portugal, França, Suíça e Itália".

16 MAI 1961
"Para tratar, junto ao Governo da Paraíba do aproveitamento de nossas frutas tropicais, está sendo esperado hoje, nesta capital, o senador francês Louis Jung"

1º JAN 1957
Inauguração da energia da Chesf em João Pessoa. O governador Flávio Ribeiro disse "estar inaugurando uma nova era na história econômica da Paraíba".

21 JAN 1962
"Campina Grande será a primeira cidade da Paraíba a contar com uma estação de TV, graças à iniciativa dos Diários Associados. Ontem, na Associação Comercial daquela cidade, teve lugar o lançamento solene das ações e o governador Pedro Gondim subscreveu 2.000 ações, tendo o prefeito Severino Cabral subscrito 1.000".

23 JAN 1963
"Dallas – Texas – Urgente – Morreu hoje, nesta cidade, em circunstâncias trágicas, vítima de um atentado a tiros, o presidente dos Estados Unidos da América, **John Kennedy**".

1º ABR 1964
"Rio – O presidente da República, **João Goulart**, foi informado de que parte da guarnição federal sediada em Minas Gerais havia se rebelado, sob o comando do general Mourão Filho".

25 DEZ 1965
"O Tribunal Regional Eleitoral, reunido ontem à noite, em sessão solene, diplomou os srs. João Agripino Filho e Severino Bezerra Cabral, eleitos, respectivamente, governador e vice-governador do Estado nas eleições de 3 de outubro".

Um velho novo jornal

Orgulho da Paraíba o Jornal A União completa com esta edição 120 anos de jornalismo. Ao longo dos anos, o jornal A União acompanhou o desenvolvimento da Paraíba, do Brasil e do Mundo e estampou nas suas páginas os acontecimentos que hoje fazem parte da história.

Uma homenagem da Mesa Diretora da Câmara Municipal de Campina Grande:

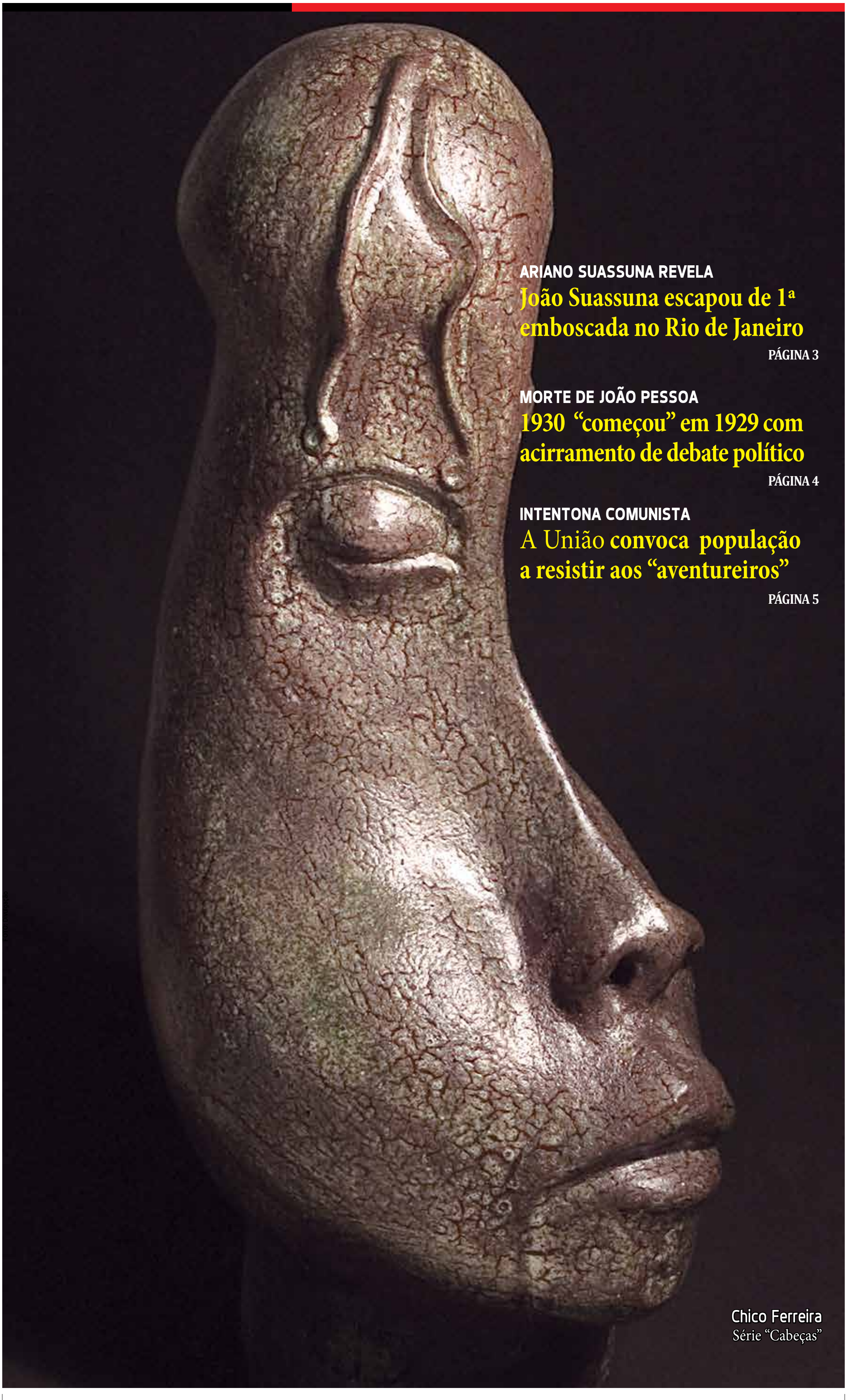
Presidente: Nelson Gomes
2º Vice: Inácio Falcão
2º secretário Rodrigo Ramos
1º Vice: Murilo Galdino
1º Secretário: Pimentel Filho

camaracg.org/radio
camaracg.org/tv-cmcg/
@plenarioemfoco
facebook.com/plenarioemfoco

EDIÇÃO Especial
CADERNO 3

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013



ARIANO SUASSUNA REVELA

João Suassuna escapou de 1ª emboscada no Rio de Janeiro

PÁGINA 3

MORTE DE JOÃO PESSOA

1930 "começou" em 1929 com acirramento de debate político

PÁGINA 4

INTENTONA COMUNISTA

A União convoca população a resistir aos "aventureiros"

PÁGINA 5

FOTO: Divulgação

Chico Ferreira
Série "Cabeças"

capa

artista

Círculo da memória

1897

A Festa das Neves de 1897 teve uma novidade especial. Entre incrédulo e admirado, o público assistia o primeiro filme exibido na capital paraibana, "Um macaco pulando um arco", trazido de Paris, pelo italiano Nicola Maria Parente. No pacote de novidades, o público também assistiu "Chegada de um trem a Estação de Lyon" e "Crianças jogando bolas de neve em Biarritz". Mas coube a Manoel Garcia de Castro montar a primeira sala de cinema da cidade, o Cine Pathé, na Rua Duque de Caxias, cinco anos depois. Em 1911 os italianos Rattacazzo e Cozza fundaram o Cine Rio Branco, no Ponto de Cem Réis. O dinamarquês Einer Swenndsen também se tornou exibidor de filmes, no quinquênio seguinte. Em 1932 Alberto Leal exibiu o primeiro filme falado. Este homem instalou no Teatro Santa Roza, o primeiro Vitafone Movietone, exibindo o filme inaugural "O Tenente Sedutor", com Maurice Chevalier.

1900

A população da cidade ficou chocada com a notícia da morte do mágico sueco Jau Balabrega e de seu assistente Louis Bartelle, no Teatro Santa Roza. Todos assistiam aos ensaios de mágicas que seriam exibidas à noite, quando o projetor a querosene sofreu uma pane e explodiu. Balabrega e Bartelle, com os corpos despedaçados, tiveram morte imediata.

1930

Os rádio-técnicos José Monteiro e Jaime Seixas montam a primeira rádio-difusora da Paraíba e a instalam na Rua Gouveia Nóbrega, perto do Parque Arruda Câmara. Sonhadores, eles superam as dificuldades financeiras criando uma lista com mais de 200 sócios. Estes podiam levar seus discos para tocar na emissora, contanto que pagassem em dia suas mensalidades. Batizada Rádio Clube da Paraíba, dois anos após sua fundação tornava-se pioneira da radiodifusão nacional ao apresentar, no ar, aulas de inglês, uma inovação implantada pelos irmãos Oliver e Geraldo Von Sohsten, paraibanos educados na Inglaterra. No governo de Argemiro de Figueiredo passou a ser chamada Estação Rádio-Difusora da Parahyba, por ter sido incorporada, sem ônus, ao patrimônio estadual. Depois foi rebatizada Rádio Tabajara da Paraíba e, finalmente, Rádio Tabajara..

1975

A ditadura militar estava no auge da repressão. Os índices de rejeição ao governo que há 11 anos se instalara no País, também atingiam o máximo. O Exército, tentando minimizar a situação, pousou de "public relacions" durante a Semana do Soldado e passou a exibir uma portada, logo colocada à disposição do público, na Lagoa do Parque Solón de Lucena. Só que uma portada se trata de um transporte militar aquático, destinado a carregar tropas altamente disciplinadas, em exercício de guerra. E foi transformada em simples embarcação flutuante, para andar com crianças e adultos sem nenhum treinamento tático, de um lado para outro da lagoa. Uma pane no motor de centro forçou parte dos passageiros a ocupar um só lado da portada. Foi o caos. 37 mortos, sendo 26 adultos e 11 crianças. O taxista Hermes de Almeida, residente em Tambauzinho, perdeu a mulher e três filhos no acidente.

CHICO FERREIRA

Nasceu em Catolé do Rocha, em 14 de setembro de 1957. Mas desde a década de 70 reside em João Pessoa. Em 1982 realiza sua primeira exposição individual. Desde então, Chico vem produzindo uma arte que vai além de seu tempo, acompanhando as transformações do mundo, mas sem se afastar de suas raízes. Participou do Workshop Brasil Alemanha promovido pelo Instituto Goethe (1990), Intervenção Urbana "Em respeito à vida", João Pessoa e São Paulo (1991), Exposição "Cerâmica Brasileira: Construção de uma linguagem", Centro Brasileiro Britânico (1997), as exposições: "Lendas Brasileiras", Ovar, Portugal (2002), "Boneca de Pano", Marselhe, França (2002), e "Cor", Madri, Espanha (2004).Facebook.com/chicoferreirabr

A UNIÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA
Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010
Distrito Industrial - João Pessoa/PB
PABX: (083) 3218-6500 /
ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526
REDAÇÃO: 3218-6511 / 3218-6509

SUPERINTENDENTE Fernando Moura
DIRETOR ADMINISTRATIVO José Arthur Viana Teixeira
DIRETORA DE OPERAÇÕES Albiege Fernandes
DIRETOR TÉCNICO Gilson Renato
EDITOR GERAL William Costa
EDITOR ADJUNTO Clóvis Roberto
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Renata Ferreira
CHEFE DE REPORTAGEM Conceição Coutinho
COORDENADOR DA EDIÇÃO DOS 120 ANOS Ricardo Farias
EDITORAÇÃO: Fernando Maradona
FOTOGRAFIA: Evandro Pereira, Marcos Russo e Arquivo **A União**
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Carlos
PESQUISA: Luzia Antônia, Aparecida Rodrigues e Leila Oliveira
REVISÃO: Antônio Morais
COLABORADORES: Gonzaga Rodrigues, Martinho Moreira Franco, Agnaldo Almeida, Alarico Correia Neto, José Octávio de Arruda Mello

Morte de João Suassuna

"Meu pai escapou de uma primeira emboscada", diz Ariano

Ricardo Farias
Especial para **A União**

Uma das cenas familiares mais marcantes para Ariano Suassuna é o embarque do seu pai no Cais do Porto, em Recife, com destino ao Rio de Janeiro, em 1930. Estava com 3 anos de idade e fora com a mãe à capital pernambucana para as despedidas ao deputado e ex-presidente da Paraíba João Suassuna. Foi a última vez que ele viu o pai vivo. Mas a presença de João Suassuna ainda é tão nítida em sua vida que é possível considerar a metáfora: o menino ainda está naquele porto com um pai zeloso a lhe fazer mimos. Dias depois do embarque, Suassuna foi assassinado no Rio de Janeiro por um pistoleiro contratado.

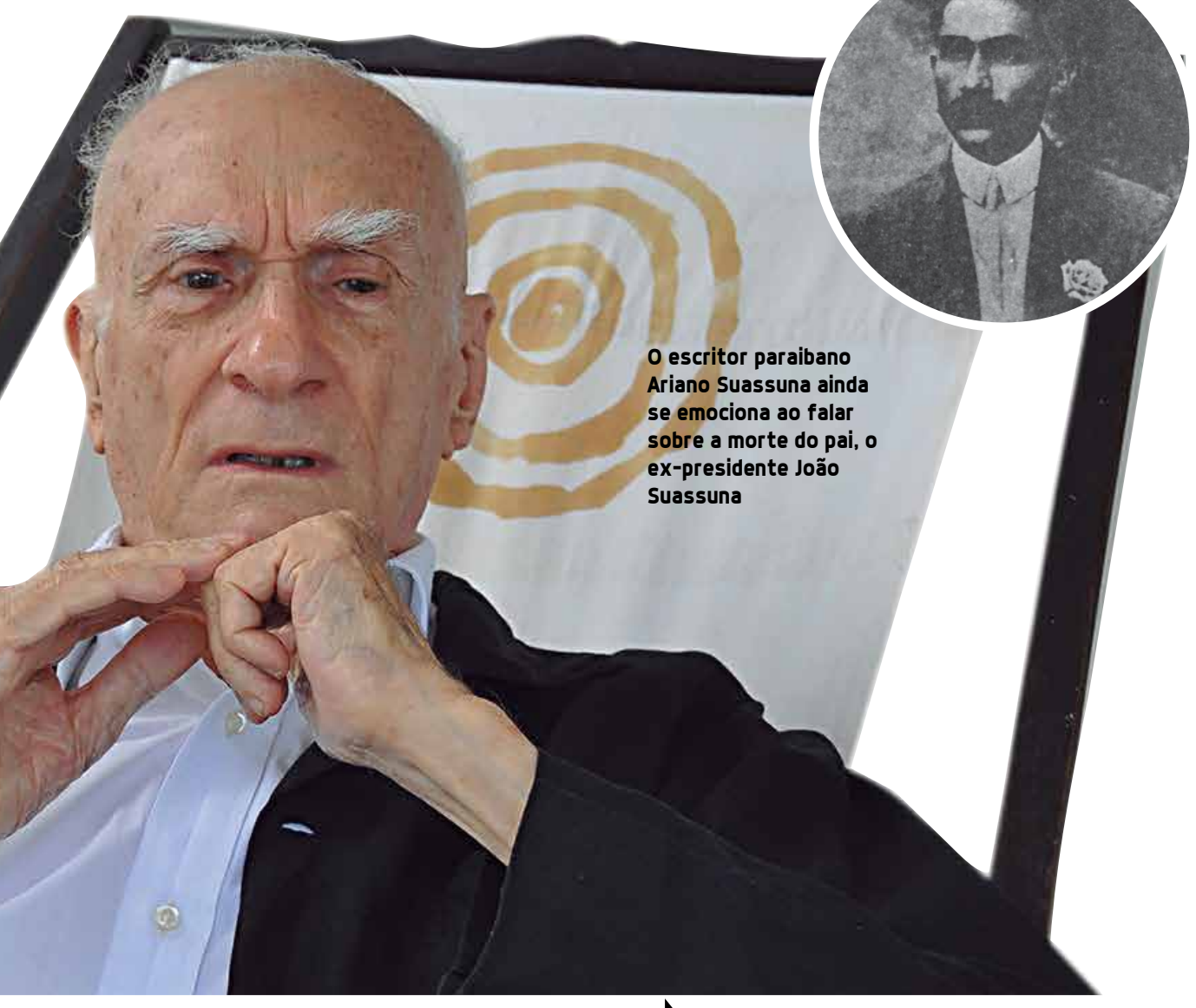
- Você não tem ideia de quanto meu pai é importante em minha vida, revela Ariano, de 85 anos, confirmando que, para ele, a presença paterna em sua vida transcende o aspecto meramente físico. Tanto é assim, que Ariano é capaz de contar até histórias hilárias do cotidiano do pai na fazenda Acahuan, em Taperoá. A mãe, os irmãos, os tios e os amigos do ex-presidente terminaram por preencher o que não era lembrança para Ariano.

Suassuna levou um tiro na Rua Riachuelo, esquina com a Rua dos Inválidos, em 9 de outubro de 1930. Não demorou muito para a polícia identificar o autor do disparo. O historiador José Jofilly, em "Anayde: Paixão e Morte na Revolução de 30", confirma que o assassino confesso Miguel Alves de Souza foi preso à casa de número 261 da Rua São Clemente, em Botafogo, residência de Joaquim de Souza Leão, concunhado do também ex-presidente João Pessoa, assassinado três meses antes, na Confeitaria Glória, em Recife (*ver matéria à página 4 deste caderno*). Para Jofilly, essa circunstância indicaria algum grau de envolvimento da família do ex-presidente na morte do deputado Suassuna.

Ariano não tem dúvidas quanto ao envolvimento dos Pessoa no crime. E teve essa certeza quando ingressou na Faculdade de Direito do Recife. "Quando eu entrei na faculdade, uma vez chegou um estudante mais velho do que eu. Ele perguntou: 'você é Ariano Suassuna'. Eu respondi, sim. Aí ele disse que era filho de Joaquim Pessoa, irmão de João Pessoa, e continuou: 'meu pai me disse e eu acredito que ele não teve nada a ver com a morte de seu pai. Agora, não posso dar essa mesma garantia em relação ao meu tio, Aristarco Pessoa'. Aristarco foi o mandante e Otacilio Pessoa Montenegro, sobrinho, foi quem empreitou a morte por intermédio de Antonio Granjeiro. Granjeiro, inclusive acompanhou Miguel de Souza no momento do assassinato".

Jofilly afirma que, à época, a família Pessoa acreditava no envolvimento de Suassuna na morte de João Pessoa, porque o pai de Ariano era amigo de João Dantas. Posteriormente, passou-se a enxergar que o crime na Confeitaria Glória tinha motivação passional, não política. O também historiador Humberto Nóbrega resumiu a condição de João Suassuna à luz dos acontecimentos: "A Revolução de 30 nascia maculada com o sangue de um inocente".

Um fato que poucas pessoas têm conhecimento é que o criminoso já havia armado uma emboscada anterior ao deputado João Suassuna, no dia em que este chegou de navio ao Rio de Janeiro. O plano foi frustrado porque, alertado por amigos, Suassuna não desembarcou onde os passageiros comumente faziam. "Depois, eles descobriram o hotel em que meu pai se hospedara, Novo Hotel Belo Horizonte, na Rua Riachuelo, e foi nesta rua em que ele foi assassinado", afirma Ariano, antes de interromper a entrevista com os olhos marejados: "Eu ainda tenho muita dificuldade de falar sobre esse assunto".



O escritor paraibano Ariano Suassuna ainda se emociona ao falar sobre a morte do pai, o ex-presidente João Suassuna

O tempo e o evento

31 JAN 1966
João Agripino e Cabral tomam posse hoje - O novo governador. A Paraíba que deu a vitória a João Agripino nas urnas de 3 de outubro, assistirá hoje, num renovado frêmito de alegria e de amor ao Estado, à sua posse de governador"

4 FEV 1966
Ato Institucional nº 3 leva tensão aos meios políticos. " Verdadeiro estado de tensão foi observado nos círculos políticos com sucessivos contatos com o líder do Governo no Senado, Sr. Daniel Kriger. O senador anunciou para dentro de uma semana a edição do Ato Institucional nº 3 que sairá estabelecendo eleições indiretas para governador e nomeações de prefeitos das capitais.

9 FEV 1966
Conclusão do inquérito: Castelo ia ser baleado." Já está concluído o inquérito policial militar promovido para apurar a responsabilidade de Adilson Pimentel, acusado de ter tentado contra a vida do presidente Castelo Branco".

23 JUN 1966
Castelo sancionou importante Decreto – "Antes de embarcar para o Recife, o presidente **Castelo Branco** assinou um decreto, criando o Plano nacional de Assistência aos Trabalhadores Desempregados".

26 JUN 1966
Gal. Costa e Silva lutará contra esvaziamento de sua candidatura – "Com viagens por todo o pais, o Gal. Costa e Silva prepara-se para lutar contra o esvaziamento de sua candidatura, provocado por sua saída do Ministério da Guerra, evitando assim que seus adversários possam ter condições de modificar o atual status em prejuízo de sua candidatura".

29 JUN 1966
Argentina é palco de novo golpe militar: Presidente IIIia deposto – " O Presidente da Argentina Arthur IIlia, foi deposto na madrugada de hoje, tendo assumido uma Junta Militar".

3 JUL 1966
Prisão – " A cantora **Ângela Maria** deverá ser presa logo que regresse ao País, de uma excursão pelo exterior. Revela-se que ela estaria implicada com outros elementos na emissão de cheques sem fundos".

1930 'começou' em 1929

João Pessoa rivaliza com governo federal e coronéis

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Os acirramentos políticos que culminaram com o assassinato do governador João Pessoa, em 1930, na realidade começaram em 29 de julho de 1929, ao surgir o virtual rompimento do Palácio do Governo da Paraíba com o Catete, que apresentara a candidatura de Júlio Prestes à Presidência da República.

João Pessoa se negou a apoiar a candidatura de Prestes – daí a famosa frase Nego – e aceitou participar, como vice, da chapa do gaúcho Getúlio Vargas. A partir de então, **A União** centralizou seu fogo contra a burguesia recifense dos Pessoa de Queiroz e seus aliados externos e internos, que também trabalhavam para vencer a eleição presidencial.

Com a chamada Guerra Tributária, iniciada no segundo semestre de 1929, **A União** passa a polemizar com o Jornal do Commercio, do Recife, sobre as taxas e impostos estabelecidos pelo governador João Pessoa, desejoso de deslocar a economia estadual do Sertão para o Litoral e de fazer a capital paraibana comercializar diretamente com os fornecedores de estados vizinhos.

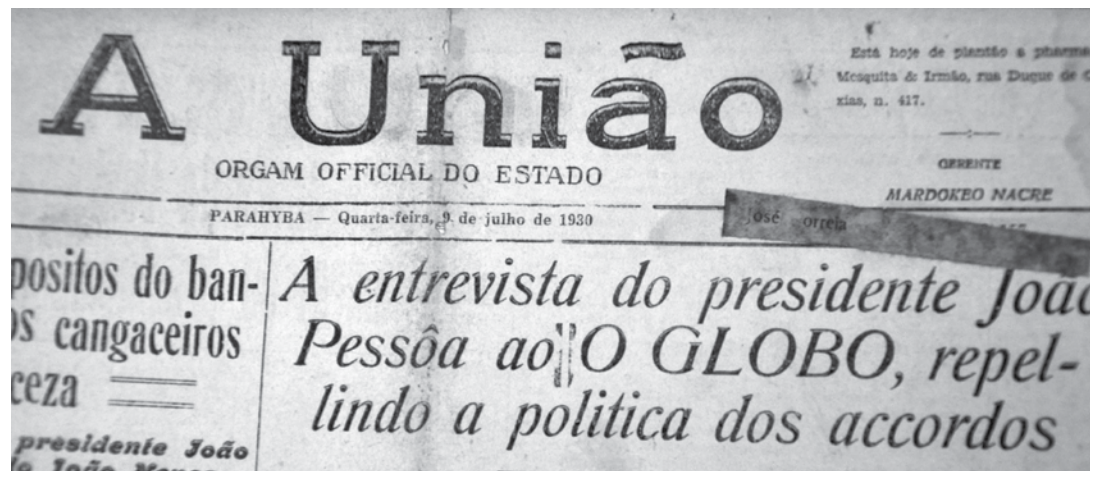
E quem mais se incomodava com essas mudanças tributárias, que tomariam 70% do poder político-econômico dos coronéis, famosos na época por sonegarem impostos sobre gado e algodão, era o coronel José Pereira Lima, mandatário de Princesa Isabel, na época próspero município paraibano, onde reinava a aristocracia rural. A revolta de Zé Pereira contra o governo estadual estava engatilhada. E passou a atirar, de verdade, quando o Governo Central, por motivos meramente políticos, desafinou com João Pessoa e passou a apoiar, com dinheiro, armas e ações, os propósitos de Pereira.

A União
ORGAM OFFICIAL DO ESTADO
PARAHYBA — Domingo, 27 de Julho de 1930
NUMERO 173

PRESIDENTE JOÃO PESSÔA

O assassinato hontem, em Recife, do eminente e bravo parahybano

PRESIDENTE JOÃO PESSOA


A União
ORGAM OFFICIAL DO ESTADO
PARAHYBA — Quarta-feira, 9 de julho de 1930
GERENTE
MARDOKEO NACRE

positos do ban-
s cangaceiros
ceza

A entrevista do presidente João Pessôa ao O GLOBO, repellindo a politica dos accordos

Capa de A União **de 27 de julho de 1930 (E) noticia a morte de João Pessoa. Dezessete dias antes de sua morte, o jornal reproduz declarações do presidente em O Globo contra o Governo Federal**

Presidente levou três tiros dentro da Confeitaria Glória

O governador João Pessoa entrou na Confeitaria Glória por volta das 17h28. Às 17h30 do dia 26 de julho de 1930, o advogado João Duarte Dantas entra na confeitaria e, sem desferir palavra, dispara cinco tiros contra João Pessoa. Três acertam o alvo.

João Dantas corre para a rua, acompanhado de seu cunhado, Augusto Caldas. Os dois são interceptados por Antônio Pontes, motorista de João Pessoa, que saca do bolso uma pistola da marca SN, possivelmente de calibre 22, e atira toda a carga de cinco balas contra João Dantas, que cai ao solo ferido na testa. Augusto Caldas, cunhado do assassino, foi detido pela polícia, juntamente com Antônio Pontes. Até aqui, já haviam se passado cerca de 40 minutos da hora em que João Pessoa fora assassinado.

Dominado, Dantas estava levemente atordoado, por causa do tiro que recebera na cabeça. O povo quis linchá-lo, mas a polícia impediu. O paulista Francisco Gonçalves foi a primeira pessoa a prestar socorro a João Pessoa, conduzindo-o para a Pharmácia Pinho. O proprietário, apesar de ferrenho partidário da causa Liberal, recusou medicar o governador, alegando falta de recursos técnicos. João Pessoa foi levado para a Drogaria Brasil.

A notícia da morte de João Pessoa espalhou-se em Recife com muita rapidez. Às 18h30, uma grande multidão já se formava na Rua Nova, onde funcionava o IML do Recife. João Pessoa morrera, exatamente, às 17h35. Às 23h do mesmo dia, Estácio Coimbra, comunica que um telegrama da família Pessoa, enviado do Rio, pedia-lhe para encaminhar o embalsamamento do corpo.

Fotos: Anayde, Paixão e Morte na Revolução de 30, de José Joffily

Anayde Beiriz namorava o advogado João Dantas em 1930

Polícia invadiu escritório de Dantas e apreendeu cartas

Muito se falou de que a morte de João Pessoa, na Confeitaria Glória (Recife), em 26 de julho de 1930, foi motivada pelo fato de o governador paraibano ter autorizado a seu chefe da imprensa oficial, Osias Gomes, publicar as cartas de João Dantas dirigidas a Anaide Beiriz, sua namorada. Isto não aconteceu.

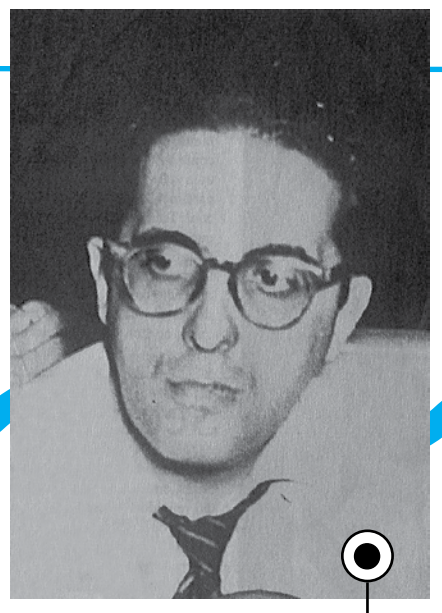
O que houve foi a invasão autorizada por João Pessoa do Escritório de Dantas, na Duque de Caxias e a apreensão de correspondências. As publicáveis saíram com destaque, na edição de capa de **A União**, em 26 de julho, justamente na data em que Dantas assassinou João Pessoa e uma delas dizia: " O arquivo de cartas e telegramas desse tarado era um verdadeiro manancial de monstruosidade; aí encontrou em primeiro lugar a polícia um exemplar das "célebres instruções reservadas", que o perrepismo daqui organizou para a prática das mais repellentes falcatruas nas eleições de 1º de março"

Num maço de notas atribuídas a João Dantas, a polícia disse ter encontrado "narrativa de atos amorais, por ele mesmo praticadas". **A União** avisou: "Três notas não podem ser publicadas porque ofendem ao decoro comum." **A União** também avisava que "quem quisesse ler as cartas amoraes o pode fazer na polícia". Uma das correspondências publicadas em **A União.**

O tempo e o evento

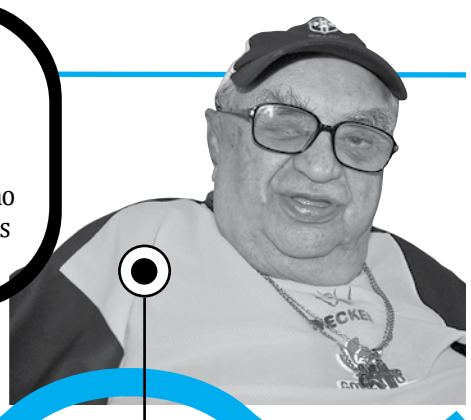
3 JUL 1966
Roberto Carlos poderá ser preso – O cantor **Roberto Carlos** terá que depor até quinta-feira sob pena de prisão do Delegado da 9ª Delegacia distrital, Sr. Mirabeau Souto, que concedeu esse prazo para o cantor depor no processo da Jonas Garret, acusado de, com o cantor ter participado de um espetáculo, no Clube Hebraico com a presença de menores".

7 JUL de 1966
Costa e Silva: espero governar o Brasil sem os atos Institucionais. "O General Costa e Silva conversou com os jornalistas e disse: "Não creio que haja qualquer intuito em prejudicar a minha candidatura, nem acredito que haja relação entre minha visita ao Rio G. do Sul e as cassações realizadas".



1 DEZ 1966
Lacerda poderá ser cassado em 48 horas. "Apesar do parecer do Conselho de Segurança Nacional haver optado por abertura de inquérito para apurar as irregularidades da vida do ex-governador da Guanabara, Sr. Carlos Lacerda, alta fonte informou, na noite de ontem, que o presidente Castelo Branco dentro de 48 horas, decretará o ato suspendendo por dez anos os direitos políticos do Sr. **Carlos Lacerda**."

25 DEZ 1966
Mem De Sá quer revisão nos atos punitivos da Revolução. " O senador Mem de Sá confirmou que votará a favor da nova Constituição, assim como tentará a possibilidade de rever os atos punitivos da revolução".



27 DEZ 1966
Equipes de "**A União**" e Tabajara brilharam na Imprensa Esportiva. "Assim como no futebol profissional e no setor amadorista, a crônica esportiva também apresenta os seus campeões. O processo de escolha dos melhores da ACEP, este ano, foi a repetição passada, quando uma comissão especialmente composta por homens ligados aos mais diversos setores esportivos ". **Ivan Bezerra** fazia parte da equipe

21 DEZ 1966
Fundo de garantia por tempo de serviço: CB sancionou Decreto. "O presidente Castelo Branco assinou, hoje, o decreto que regulamenta o fundo de garantia por tempo de serviço".

30 DEZ 1966
Presidente CB manterá nova Lei de Imprensa. "O Presidente Castelo Branco acaba de declarar, em entrevista coletiva a imprensa, que à lei de imprensa não será reformulada ou retirada do Congresso".

Resistência aos comunistas

Jornal diz que membros da Intentona são aventureiros

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

A revolução conhecida como Intentona Comunista rebentara em Natal em 23 de novembro de 1935, mas **A União**, 24 horas depois, não se reportou ao fato. A única notícia envolvendo militares naquele dia só registrou uma pequena nota de pé de página, na capa, dando conta de que as retretas da Banda do 22º Batalhão de Cavalaria programadas para a Praça João Pessoa estavam suspensas, "em virtude das férias concedidas àquele harmonioso conjuncto musical". O jornal do Governo da Paraíba deixou de noticiar a maior tentativa armada de se instalar um governo comunista no Brasil, havendo, no momento da sua deflagração, a adesão do 21º Batalhão de Caçadores de Natal, do 29º Batalhão de Caçadores de Socorro (Recife) e do 3º Regimento de Infantaria, sediado no Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

No dia 26, dois dias após iniciar o movimento, o jornal estampa, na primeira página e com destaque, a manchete "Movimento sedicioso em Recife e Natal". Por cerca de 30 dias **A União** informou, desinformou, corrigiu-se, opinou e movimentou os meios políticos e militares da Paraíba. No dia 5 de dezembro de 1935, **A União** publica editorial de primeira página, conclamando o povo "a instalar um movimento de opinião contra esses aventureiros que pretenderam a dissolução do regime com a implantação de uma ideologia inassimilável às tendências profundas da alma brasileira".

A partir de 27 de novembro, **A União** continua a noticiar as ocorrências da Intentona, inclusive publicando "que segundo boatos, uma tropa armada de insurrectos estava se aproximando de João Pessoa e já realizava manobras no Vale do Gramame". Alarme falso. O movimento ficara restrito a Natal e a Recife. O 22º Batalhão de Caçadores de João Pessoa foi deslocado para reforçar a guarnição federal da cidade vizinha. Aqui, o governador Argemiro de Figueiredo lançava notas na imprensa se solidarizando com vizinhos de Pernambuco. Outra nota de **A União** dá conta de prisão de membros importantes do movimento: o capitão Otacílio Lima, o tenente Lamartine Coutinho, e o ex-tenente Sylo Meirelles.

QUEM PLANEJOU

Um homem branco, de estatura considerada alta para a geração da época, dotado de olhar firme e gestos inseguros ao mexer com as mãos, se tornara o inimigo público nº 1 do Governo de Getúlio Vargas, por isto era procurado em todo o país, pela terrível polícia de Felinto Muller. O capitão Luís Carlos Prestes, denominado "O Cavaleiro da Esperança", fora o responsável, entre outras coisas, pelo levante de intenções comunistas rebentado nos quartéis de Natal, Recife e Rio. Por esta razão, prendê-lo era questão de honra para o Governo Federal.

Em notas, editais e pequenos comentários, **A União** chegou a divulgar o relacionamento do casal na época mais procurado no país, Carlos Prestes e sua mulher, Olga Benário Prestes, também chamada Maria Prestes ou Maria Bergner. A fim de explicar a formidável rota de fuga de Carlos Prestes, **A União**, confiando no que lhe passava a agência AB, divulgou que o líder da Intentona dispunha de um jatinho particular para deslocar-se entre o Rio, São Paulo, Mato Grosso e mesmo para fora do País, como o Paraguai e a Bolívia. O jatinho nunca existiu.

O temível Felinto Muller (acima) empenhou-se na caça a Luis Carlos Prestes (ao lado), líder da Intentona Comunista

nonon nnon on onononon oon ono

Em Piancó, padre é morto com crueldade

A penetração da Coluna Prestes na Paraíba foi pacífica, a exceção de sua chegada a Piancó, que ocorreu no dia 9 de fevereiro de 1926. Ainda no acampamento de Coremas, foram dadas ordens ao capitão Pires, integrante da coluna, para fazer o reconhecimento da próxima cidade situada no roteiro do grupo. A marcha, no entanto, acabou surpreendida num piquete coordenado pelo sargento Arruda, que acabou ferido a tiros de rifle, o que resultou na morte do cavalo do batedor prestista.

Este episódio despertou a ira dos chefes do QG acampados em Coremas, que resolveram acabar com qualquer resistência encontrada pela frente. Piancó dispunha apenas de 12 praças, um cabo, um sargento, 30 paisanos e dois oficiais (Manuel Marinho e Antonio Benício).

O governador do Estado, João Suassuna, solicitou ao deputado Pe. Aristides, chefe político do município, que convocasse a população e se unisse às forças policias na defesa do lugar. Em telegrama enviado ao parlamentar, Suassuna informou que o grupo dos rebeldes era reduzido, faminto, sem munição suficiente e que um grande reforço policial estava sendo encaminhado ao Vale para se unir à resistência. Um dia antes do ataque o Pe. Aristides dividiu as forças disponíveis em quatro grupos, instalando-os em pontos estratégicos. Sobre o clima vivido, o historiador João Francisco faz a seguinte citação: "Era anoitecer do dia 8 de fevereiro de 1926. Dúvida e apreensão absolutas pairavam na mente de todos. Ao longe, os cães latiam como se avisassem um mau presságio. Padre Aristides - e parte dos que resistiam - foi morto de forma cruel: teve o pênis decepado e colocado na boca.

O tempo e o evento

1 JAN 1969
Músicas de Aranha e Jomar fazem sucesso. "As músicas "Giramulher" de Fernando e **Carlos Aranha**, e "Eu sabia, sabiá", de Vital Farias e Jomar Souto, em pesquisa efetuada por disc-joqueis dos setores radiofônicos locais, são as que mais têm possibilidades de estourar nas paradas de sucessos".

4 JAN 1969
Apollo 9 preparada para primeira teste no espaço. "A cosmonave "Apollo 9" será colocada hoje na plataforma para ser lançada ao espaço no dia 28 de fevereiro próximo, e realizar o voo na órbita da terra".

8 JAN 1966
"Grileiros" vão ser enquadrados no AI-5. " Noticia-se que os "Grileiros" de terra, envolvidos em transações irregulares, com propriedades rurais, serão enquadrados no AI-5".

10 JAN 1969
Israel em vias de possuir a primeira bomba atômica. "Fontes bem informadas disseram ontem que Israel possui conehcimentos suficientes para produção de uma bomba nuclear , mas carece de dinheiro para financiar sua fabricação".

14 JAN 1969
Atuação de Agripino merece destaque nos jornais do Sul . "Os jornais do Sul vêm dando grandes destaques ao empenho do governador João Agripino em encontrar, juntamente com outros governadores nordestinos, uma fêrmula capaz de dar ao governo condições para enfrentar o "déficit"orçamentário sem necessidade de reduzir o Fundo de Participação dos Estados.

14 JAN 1969
Albuquerque Lima vê no AI-5 poderoso instrumento. "Falando ontem à imprensa paulista, o ministro do Interior, general Albuquerque Lima negou, categoricamente, que o ato AI-5 representasse uma arma tomada pelo Governo, exclusivamente, com o objetivo de punir e perseguir, pois considera-o "um poderoso instrumento, para propiciar ao povo brasileiro, a realização das reformas de base".

15 JAN 1969
Porcelana real terá fábrica em Campina. "Procedentes de Campina Grande, estiveram ontem nesta capital em companhia do sr. José Silveira, os engenheiros Martim e Ingo Schimidrt, diretores da Porcelana Real, em São Paulo. A vinda daqueles empresários à Paraíba, prendeu-se aos contratos finais, para a instalação de uma unidade fabril no bairro de Bodocongó, em área já escolhida de 190 mil metros quadrados".

Não se faz jornal

sem planejamento.

A prova disso é que

já se passaram 120 anos.

Parabéns, **A União**.

INTERPA
Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba

Secretaria de Estado do Desenvolvimento **da Agropecuária e da Pesca**

GOVERNO DA PARAÍBA

O coronel de Princesa

José Pereira foi líder aos 21 anos

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

A Assembleia Legislativa do Estado comemorou o centenário de nascimento do coronel José Pereira em 1984, com uma solenidade especial, com o objetivo de lançar "A Chama Acesa", uma revista comemorativa, sob a coordenação de Aloysio Pereira Lima (filho do coronel), tendo como editor o jornalista Agnaldo Almeida. O então secretário de Comunicação do Estado, jornalista Luiz Augusto Crispim, responsabilizou-se pela apresentação em forma de prefácio.

Líder aos 21 anos

Conhecido pelo bom humor, elegância e firmeza nas decisões, o coronel José Pereira se tornou um dos líderes políticos mais importantes do interior do Estado, até 1930, quando rompeu com o presidente João Pessoa, desencadeando um dos episódios importantes na recente história da Paraíba: a Guerra de Princesa.

Deputado em seis mandatos, o coronel, aos 21 anos assumiu o comando dos negócios da família e a chefia política local, quando faleceu o seu pai o coronel Marcolino Pereira.

Começava então a vida pública de um ex-terceiranista de Direito que, depois, se tornaria protagonista de uma luta, cujo lance mais significativo foi a criação do território Livre de Princesa - sua terra natal e a quem ele tanto amou.

Antes de assumir a chefia política local, o coronel José Pereira procurou o ex-presidente Álvaro Machado e o presidente Walfredo Leal, comunicando-lhes a sua deliberação. Aquelas autoridades tentaram dissuadi-lo daquela atitude, ponderando-lhe ser muito jovem (tinha apenas 21 anos) e por terem ciência de que a tarefa não seria fácil. O coronel mostrou-se irredutível e assegurou àqueles líderes partidários que nada o removeria daquela decisão, pois contava com a solidariedade dos irmãos, amigos e conterrâneos.

Os sentimentos telúricos de José Pereira, sobremodo arraigados e a veneração que sempre teve pelo seu pai, estimulados ainda pela vocação política, logo o fizeram chefe respeitado e acatado, inteiramente voltado para o desenvolvimento de sua terra, edificando na Lagoa da Perdição, primeira denominação de Princesa, as obras de que ela tanto necessitava.

Nas décadas de 1905 a 1915, o coronel José Pereira consolidou a sua chefia política municipal e ampliou influência na região.

O coronel José Pereira foi adversário ferrenho de João Pessoa, em 1930

Marcolino era famoso pela valentia

A invasão da casa do Caboclo Marcolino

O escritor Rostand Medeiros cometeu um verdadeiro furo histórico ao escrever "Um episódio da (quase) esquecida Guerra de Princesa", em 2010. O artigo versa sobre a invasão da casa do Caboclo Marcolino, cunhado de Zé Pereira, realizada pelas tropas do famoso sargento Quelé, em 22 de março de 1930.

A seguir trechos do artigo de Rostand:

(...)É de se estranhar que atualmente, na região, ocorra um acentuado desconhecimento e uma estranha falta de informações sobre o conflito deflagrado no ano de 1930, em Princesa Isabel, próximo à fronteira com Pernambuco e conhecido como a "Guerra ou Sedição de Princesa".

Esta guerra - e não há exagero de assim chamá-la -, foi pródiga de episódios interessantes e cruéis, onde tudo começou através de discórdias políticas e econômicas, envolvendo poderosos coronéis do interior do Estado e o governador eleito da Paraíba em 1927, João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque.

João Pessoa discordava da forma como o grupo político que o elegera conduzia a política paraibana, onde era valorizado o grande latifundiário de terras do interior, possuidores de grandes riquezas baseadas no cultivo do algodão e na pecuária.

Por esta época, os coronéis exportavam o produto principalmente através do principal porto de Pernambuco, em Recife, provocando enormes perdas de divisas tributárias para a Paraíba. Procurando evitar esta sangria financeira e efetivamente cobrar imposto dos coronéis, João Pessoa implantou diversos postos de fiscalização nas fronteiras da Paraíba, irritando de tal forma estes caudilhos, que pejorativamente passaram a chamar o governador de "João Cancela".

Os embates políticos entre o governador e os coronéis foram crescendo. A maior liderança entre estes poderosos, sem dúvida, surgiu do coronel José Pereira Lima, verdadeiro imperador da região oeste da Paraíba. O embate entre estes dois homens resultou em um dos maiores conflitos armados do Brasil Republicano.

A contenda teve início em 28 de fevereiro de 1930, quando ocorreu a invasão da então Vila do Teixeira (PB), por parte da polícia paraibana, com o aprisionamento da família Dantas, ligada por profundos laços de parentescos e interesses ao coronel José Pereira.

Com o apoio discreto, mas efetivo, do presidente da República e dos governadores de Pernambuco, Estácio de Albuquerque Coimbra, e do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine de Faria, o coronel José Pereira decidiu criar o "Território Livre de Princesa" com absoluta autonomia, separando-se durante o período do conflito do restante do estado da Paraíba.

O tempo e o evento

19 JAN 1969
Nixon assume o governo dos EUA segunda-feira – " O senador Edward Kennedy declarou hoje, no plenário da Câmara Alta, que as divergências entre a sua família e a do presidente Johnson foram provocadas sempre pelo desejo de servir ao público e não por animosidades pessoais. Vários senadores dos dois partidos fortes dos Estados Unidos falaram em homenagem a Lyndon Johnson, que passará na próxima segunda-feira, o governo americano a Richard Nixon."

6 MAI 1969
Poços de petróleo poderão ser abertos no município de Sousa – "O governador João Agripino encaminhou ao governo Federal anuncio da possibilidade de perfurações de quatro poços para exploração de petróleo, pelo Ministério de Minas e Energia, no município de Sousa, compreendendo todo o Vale do Rio do Peixe".

1 JUL 1969
A catarinense Vera Fischer quando recebia de Marta Vasconcelos, sábado à noite, no Maracanãzinho, a coroa de Miss Brasil-69.

17 JAN 1969
Deputados paraibanos tiveram mandatos cassados – " Em reunião realizada hoje às 16 horas e encerrada às 19 horas, o Conselho de Segurança Nacional, sob a presidencia do marechal Costa e Silva, foram cassados os mandatos de vários deputados federais e senadores. Dentre os cassados, figuram os nomes dos deputados paraibanos Osmar de Aquino e Antonio Vital do Rêgo".

16 MAI 1969
Apollo – 10 colocará Estados Unidos a um passo da Lua – " Apesar do primeiro problema sério – a baixa pressão do hélio no sistema usado para controlar a nave – os técnicos da NASA não suspenderam a contagem regressiva para o lançamento amanhã da "Apollo-10"

18 JAN 1969
Justiça brasileira é a mais adiantada do mundo – " O presidente do Supremo Tribunal Militar, general Olímpio Mourão Filho, afirmou que a Justiça Militar brasileira é a mais adiantada do mundo e o Brasil pode orgulhar-se dela, que vem traçando uma luminosa trajetória que se baseia no caminho único da democracia."

1 JUL 1969
Charles assume hoje o principado de Gales – " Com as mãos unidas e postas sobre as de sua mãe a rainha Elizabethy, o príncipe Charles se transformará hoje, oficialmente, ao pronunciar o juramento, o Príncipe de Gales."

não temos mais nada o que desejar a um jornal que já tem tudo.

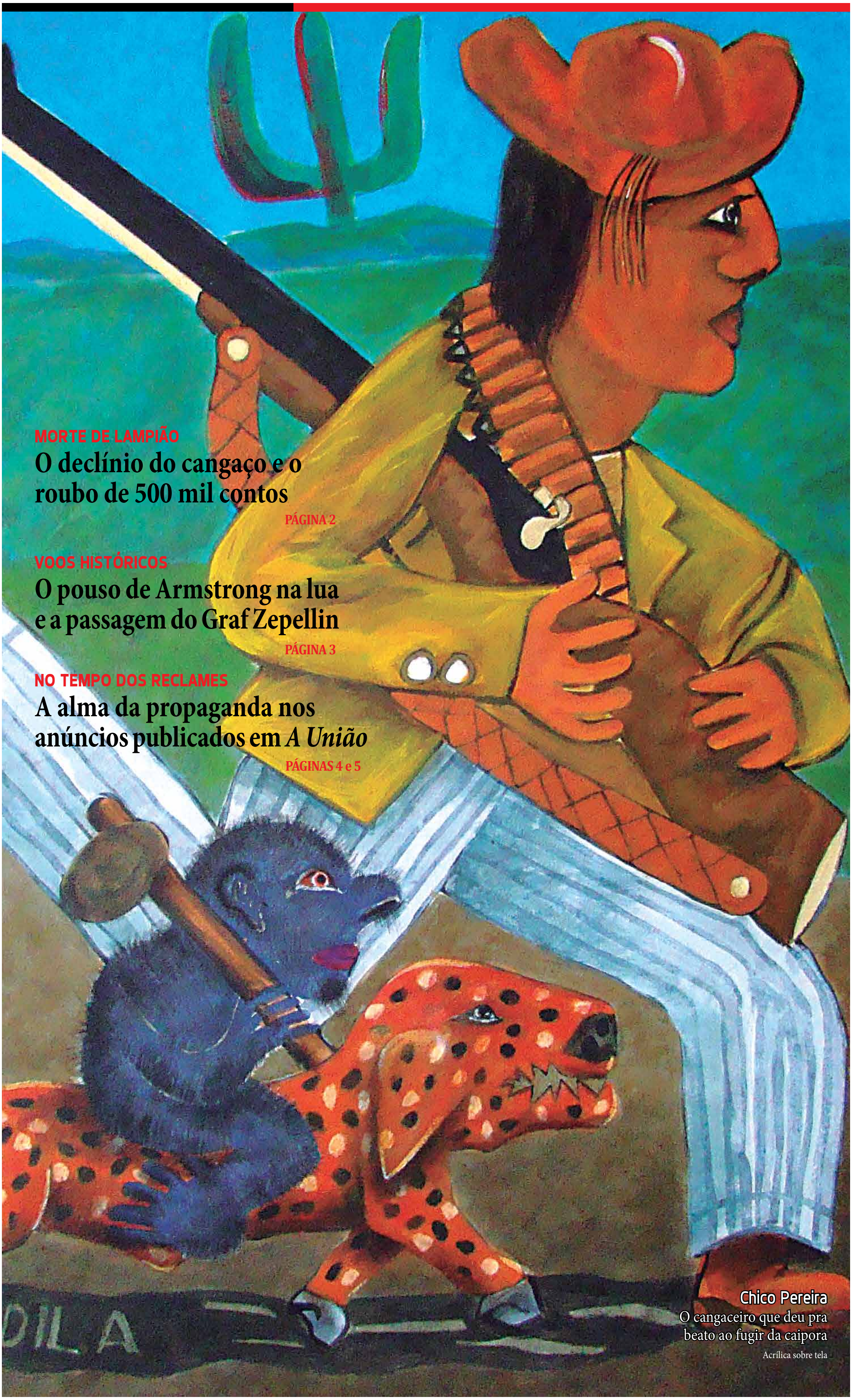
DURANTE ESSES 120 ANOS, O JORNAL A UNIÃO CONQUISTOU TUDO O QUE UM GRANDE VEÍCULO DESEJA: OPINIÃO, LEITORES E LONGEVIDADE. PARABÉNS A TODOS QUE CONTRIBUÍRAM COM CADA PALAVRA DESSA HISTÓRIA.

três comunicação

EDIÇÃO Especial
CADERNO 4

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013



MORTE DE LAMPIÃO

O declínio do cangaço e o roubo de 500 mil contos

PÁGINA 2

VOOS HISTÓRICOS

O pouso de Armstrong na lua e a passagem do Graf Zepellin

PÁGINA 3

NO TEMPO DOS RECLAMES

A alma da propaganda nos anúncios publicados em *A União*

PÁGINAS 4 e 5

Chico Pereira
O cangaceiro que deu pra beato ao fugir da caipora
Acrílica sobre tela

Arte da capa

O declínio do cangaço

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

FOTOS: Reprodução

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, e o anúncio da recompensa oferecida pelo Governo da Bahia oferedcida a quem o capturasse vivo ou morto. No alto, à direita, a vaidade de Maria Bonita

Uma volante da Polícia Militar alagoana cerca a grota de Angicos, em Sergipe e mata 11 dos 35 cangaceiros acampados no local, entre eles Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião e Maria Déa dos Santos, a Maria Bonita. O jornal **A União** noticiou o fato 24 horas depois, com pequena nota nas páginas internas. Lampião já havia atacado vilas e cidades paraibanas como Sousa, em 1927, aliado ao bando de Chico Pereira, Monteiro, Bom Jesus e Santa Helena.

Os jornais do País se calam sobre o saque realizado nos corpos dos cangaceiros mortos, cujo teor foi calculado em 500 mil contos, em ouro e moedas O Governo da Bahia oferecia prêmio de 50 contos pela captura ou morte do bandido. Também não há registro na imprensa se o sargento João Bezerra, chefe da volante alagoana, recebeu este prêmio e o dividiu com os 48 integrantes da volante

As novas pesquisas sobre Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, cada vez mais separam a verdade dos mitos. Uma das realidades agora apurada é a de que Maria Bonita ainda estava viva, consciente - embora ferida com um tiro nas costas -, quando foi degolada pelo cabo Panta de Godoy, da polícia alagoana. Outra é que, o combate entre a volante de 48 soldados comandados pelo tenente João Bezerra e os 35 cangaceiros amoitados na Grota do Angicos (SE), não durou mais que 15 minutos. Os mitos falam em "horas de tiroteio". Na realidade, polícia e cangaceiros não dispunham, no momento, de tanta munição.

Os cangaceiros, segundo testemunhas ainda vivas, foram surpreendidos dormindo, ao raiar do dia, com uma saraivada de tiros de fuzil Mauser e de duas metralhadoras da marca Hot-Kiss (beijo quente, em inglês) de fabricação americana. Lampião, um dos primeiros a morrer, nem teve tempo para piscar. Dos 35 acampados no grotão, 24 arribaram sob forte chuva de balas. A natureza também deu sua contribuição, fazendo cair um aguaceiro sobre o mato. Os que escaparam, não viam em que atirar. A maioria dos acoitados acreditava que o grotão era inexpugnável. A audácia da volante alagoana provocou uma surpresa tal, que a reação dos cangaceiros foi quase nenhuma.

A volante militar de Alagoas atravessou o São Francisco, desrespeitou as fronteiras de um Estado vizinho e manteve-se na caça a Virgulino, estimulada, também, por uma ambição: abocanhar os 50 Contos de réis oferecidos como prêmio, pelo Governo da Bahia, para quem entregasse Lampião, vivo ou morto. Esta quantia, a dinheiro de hoje, equivaleria a R$ 200 mil reais, segundo informa o historiador Frederico Pernambucano de Mello.

Paralelamente, também corria a lenda de que Lampião e seu bando conduziam verdadeira fortuna em suas andanças. Verdade? Frederico de Mello afirma que, no momento em que foi morto, somente no chapéu, Lampião carregava 70 peças de ouro.

A cigana e a premonição

Existem pessoas que querem dar foros de verdade a um caso que é contado como lenda. Diz-se que Lampião, quando jovem, honesto e trabalhador, encontrou uma cigana bonita e sorridente, na feira de Pariconhas. Virgulino deu-lhe a mão para ser lida. A vidente começou a tremer lábios e pálpebras e fez terrível revelação: "Tenha cuidado com o número sete. Ele vai ser a sua perdição". Até então, Virgulino trabalhava como almocreve do coronel Delmiro Gouveia, que, por coincidência, possuía nome e pré-nome com sete letras.

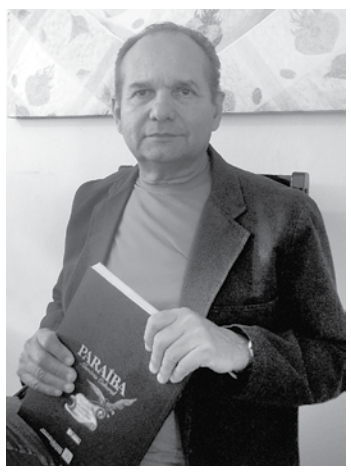
> A vidente fez terrível revelação: 'tenha cuidado com o número sete'

Querem mais coincidência? Delmiro foi assassinado a tiros, no dia 10 de outubro de 1917. Lampião morreu nas mesmas circunstâncias, na grota de Angicos, dedurado por um coiteiro de nome Cândido, no dia 28 de julho de 1938. Angicos e Cândido são nomes de sete letras. Vinte e oito, o dia da morte de lampião, é múltiplo de sete. Julho é o sétimo mês do ano. Mil novecentos e trinta e oito tem quatro algarismo que, somados, totalizam 21, múltiplo de sete. Também foi de 21 o número de anos de diferença entre as mortes de Delmiro e Lampião.

Mossoró, uma cidade de sete letras, foi invadida por Lampião às 17 horas da noite de 13 de junho de l927. A cidade estava em festa, promovida pelo Humaytá, uma instituição desportiva que possuía sete letras em sua denominação. Também tinha sete letras o nome do coronel Rodolfo, prefeito de Mossoró, que organizou a resistência contra o cangaceiro.

Se, supersticioso como era, Lampião tivesse dado mais atenção às palavras da cigana de Pariconhas, notaria que, na realidade, o número sete tinha muito a ver com a sua vida.

Lampião, capitão, cangaço são exemplos de nomes que possuíam o número de sete letras. A metralhadora que ceifou a vida do cangaceiro era da marca Hot-Kiss, outro nome de sete letras funestas, ligado ao destino do cangaceiro.



CHICO PEREIRA
Nasceu em Campina Grande-PB, 1944. Vive e trabalha em João Pessoa. Artista plástico e professor (Depto. de Artes Visuais/UFPB). Criou, no início dos anos 1960, com Eládio Barbosa e Anacleto Elói, o grupo Equipe 3, em Campina Grande. Exposições: Bienal Nacional da Bahia (Salvador, 1968); XVI Bienal Internacional de São Paulo e Bienal Internacional de Valparaíso (Chile, 1986); I Salão MAM-Bahia (Salvador, 1994); e, de inúmeras mostras coletivas e individuais no Brasil e no exterior. Atua nas áreas de museologia, arte-educação, história da arte, semiótica e artes. É membro do Conselho Internacional de Museologia e da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Fundou o Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB.

A União registrou

Armstrong entra para a história ao pisar na lua pela primeira vez

O astronauta americano Neil Armstrong, 38 anos, entrou ontem para a história como o primeiro homem a pisar na lua e avistar a Terra de lá. Isto aconteceu às 23h53 (horário de Brasília), deixando cerca de 1,2 bilhão de pessoas testemunharam, via satélite a alunissagem, considerada impossível tempos atrás. **A União** noticiou o feito em 1969.

A bordo da nave Apolo 11, ele, Edwin Aldrin, conhecido como "Buzz" (zumbido) e Michael Collins cumpriram a missão de alunissar (pousar na Lua) após levantarem vo o em 16 de julho do mesmo ano.

Como comandante da Apolo 11, Armstrong pilotou o módulo lunar com Aldrin, enquanto Collins permaneceu no outro módulo em órbita lunar. Por quase duras horas e meia, os dois coletaram amostras do solo lunar, fizeram experimentos e tiraram fotografias.

O mundo inteiro permaneceu em alerta naquele dia. Nada menos que 850 jornalistas de 55 países registraram o acontecimento. E estima-se que cerca de 1,2 bilhão de pessoas testemunhavam via satélite a alunissagem, considerada impossível tempos atrás. Muitos, inclusive, ainda duvidam de que tal fato tenha realmente acontecido, mesmo com tantas outras missões tripuladas que se lançaram no espaço, após Armstrong ter colocado seu pé esquerdo, coberto pela bota azul, no chão fino e poroso do solo lunar.

"Este é um pequeno passo para o homem, um gigantesco salto para a humanidade" ("That's one small step for man, one giant leap for mankind"), frase dita pelo astronauta, ouvida no mundo inteiro.

RUSSOS EM ÓRBITA

Em 4 de outubro de 1957, russos e americanos disputavam o espaço sideral. Os russos se anteciparam e lançaram em órbita o primeiro satélite artificial, o Sputinik. **A União**, dois dias depois, estampava a manchete: A URSS na vanguarda dos engenhos interplanetários, embora a nave não se destinasse a nenhum planeta, pois sua missão era, apenas, orbitar em torno da Terra e enviar sinais de rádio para as estações rastreadoras montadas nos Urais e no mundo inteiro.

A União não foi o único jornal do mundo a noticiar com atraso de 48 horas o lançamento do Sputinik no Espaço. O trabalho de despiste dos soviéticos também deixou os americanos com as calças nas mãos. Quando o anúncio do Sputinik foi ao ar, o satélite já estava em órbita e pouco faltando para voltar à Terra.

Apenas em 1961, os russos conseguiram levar o primeiro homem à órbita, o cosmonauta **Yuri Gagarin.**

Graf Zepellin voa a pouca altura sobre a cidade de João Pessoa

A obra mais perfeita na espécie da engenharia germânica, quiçá do mundo, acaba de realizar o terceiro grande raid, direto de Frendrichsafen – Alemanha, para o Recife. As ruas da capital paraibana amanheceram sombrias, mas todos notaram o surgimento da máquina voadora no céu, em forma de um gigantesco grão de arroz, que sobrevoava a pouca altura as ruas Nova e Direita (atuais General Osório e Duque de Caxias). **A União** registrou a passagem do Zepellin

O dirigível voava a uma altitude de mais ou menos 100m, cumprindo, nesta viagem, o triângulo Europa, América do Sul e América do Norte, segundo informou a empresa de passagem Kroncke Commercio e Indústria, sediada em Recife, onde o Zepellin fez uma parada de três dias. Ao aterrisar, o comandante Hugo Eckner fez a continência de praxe e anunciou a carga transportada: uma tonelada de correspondência postal, 24 tripulantes, além de 53 passageiros, entre eles o príncipe Juan Carlos, herdeiro do trono da Espanha.

Jornalistas brasileiros e americanos, que acompanhavam a rota do Graff Zepellin, informaram que o aparelho completou 100 mil milhas aéreas de percurso ao atingir a Paraíba.

O negócio já estava na alma

Quarta página da primeira edição já trazia reclames

Martinho Moreira Franco
Especial para A União

O número 1 de **A União**, datado de 3 de fevereiro de 1893, demonstra que a propaganda começou a ocupar espaço neste jornal bem antes de inspirar, no século seguinte, a definição que a conceituaria como "a alma do negócio". Na verdade, a propaganda em **A União** marcou o próprio nascimento do jornal. Basta ver que a quarta (e última) página do histórico primeiro exemplar é inteiramente ocupada por anúncios. Anúncios, não; reclames, como se dizia na época.

Há quem registre que, por volta de 1800, os mascates, os ambulantes e os tropeiros foram os primeiros vendedores a divulgar os seus produtos em impressos que circulavam aleatoriamente no Brasil. Mas o primeiro jornal de anúncios editado no país foi o "Diário do Rio de Janeiro", lançado em 1821. Era um "Classificados" sem ilustrações. Anunciava a venda de imóveis, carroças e... escravos, conforme assinalam os mesmos registros.

Há também menções que entraram para o folclore. Uma delas sugere que a propaganda no Brasil teria começado com aquela carta em que Pero Vaz de Caminha cunhou a frase; "É uma terra em que se plantando tudo, dá". E sejamos francos: foi um belíssimo achado do escrivão-mor da esquadra de Pedro Álvares Cabral,

Nos anos 1800, a propaganda brasileira apenas engatinhava. E só começaria a dar os seus primeiros passos quando aqui se iniciou a venda de automóveis. Abria-se um mercado que passou a rivalizar com o de venda de remédios, então dominante.

Com efeito, até 1930, sobressaíam anúncios de produtos como os caminhões Ford e Chevrolet, na parte que toca ao latifúndio da indústria automobilística, e os medicamentos Magnésia Fluida e Óleo de Fígado de Bacalhau, no loteamento dos remédios - sem contar os clássicos Emulsão de Scott e Biotônico Fontoura.

Pois são justamente os anúncios de automóveis e de remédios que pontificam nos "Classificados" do número 1 de **A União**. Anúncios assinados, em sua maioria, por importadores de matrizes estrangeiras e suas filiais nacionais.

Tal diapasão seria mantido ao longo dos anos, dividindo centimetragem com produções locais de forte apelo publicitário. Destacavam-se ainda entre os anunciantes as lojas, os cinemas e outras casas de espetáculo (são primorosos os anúncios de películas e montagens teatrais em cartaz).

Consta que os anúncios ganharam figuras coloridas e textos objetivos no início do século XX. E que as primeiras agências de publicidade brasileiras surgiram em 1914,vendendo espaço em veículos impressos. Uma curiosidade: o paraibano Assis Chateaubriand, fundador dos Diários Associados e então dono de uma cadeia de jornais e emissoras de rádio, além da pioneira TV Tupi, é considerado o criador do primeiro departamento de propaganda de um jornal ("O Jornal", do Rio de Janeiro).

Bem, o que se verá a seguir, nesta publicação, é um painel de surpreendente e admirável riqueza gráfica ilustrando o espírito de uma época que, se hoje adquire algum tom nostálgico, na verdade representou um marco no surgimento e na evolução da publicidade e da propaganda em veículos impressos na Paraíba. Tendo, claro, **A União** como testemunha e referência.

Atentem para a forma e o conteúdo dos reclames selecionados para a presente edição, com ênfase a anúncios veiculados de 1893 a 1900 e nas primeiras décadas do século XX. E curtam cada um deles como protagonistas, também vocês, de uma história de 120 anos.

Na quarta página da primeira edição de A União, de 1893, os reclames já ocupavam espaço privilegiado

Anúncios publicados em *A União* entre 1941 e 1942: desenhos cuidadosos e utilização da fotografia

Propaganda e publicidade nas páginas de **A União**

David Fernandes
Especial para **A União**

Em 1808, surge o primeiro jornal brasileiro, e nele, a Gazeta do Rio de Janeiro, o primeiro anúncio. Na Paraíba, o primeiro jornal foi a "Gazetta do Governo da Parahyba do Norte", surgido em 1826 e que circulou até 1827.

Fátima Araújo, em sua obra "História e Ideologia da Imprensa na Paraíba (1983), nos mostra em sua pesquisa a existência de mais de 50 periódicos na Paraíba, a maioria de vida bastante efêmera.

A propósito da propaganda e da publicidade, importante levantamento realizado pelas professoras da UFPB, Ana Cristina Aldrigue e Roseane Nicolau, publicado no livro "Quem o Pretender Comprar Dirija-se a...", produzido pela Editora da UFPB, nos mostra anúncios que correspondem ao período de 1850 a 1900.

"A Imprensa" é o jornal mais antigo encontrado no acervo da Fundação Casa de José Américo, e são incluídos os jornais "Gazeta da Parahyba" (1888), "Estado da Parahyba" (1891), "O Paraybano" (1892), **A União** (1893) e a "Gazeta do Commercio" (1895).

O primeiro anúncio de **A União** mantém o mesmo formato que fundou a dinastia dos classificados (que de certa forma se mantém até hoje), e que imperou nesse período, enchendo o jornal de informação, de casas que se alugam, compram e vendem, que se oferecem produtos, professor ou padre.

Rapidamente as ofertas de novos produtos se multiplicam, e os serviços também. São unguentos, livros, roupas, produtos de toucador, são retratistas, relojoeiros, tipografias, restaurantes. Quem não lembra da famosa Emulsão de Scott, que existe até hoje? Esse reclame, inclusive, está na primeira edição de **A União**.

Nos primeiros classificados ninguém argumenta, apenas enumera. Os substantivos são firmes e fortes e os adjetivos são raros. Com o passar do tempo ocorrem mudanças significativas: ganham vinhetas, ilustração, crescem de tamanho, de espacejamento. Ficam mais atraentes para o leitor.

Nas páginas de **A União**, portanto, se tem, a partir dos anúncios, importante manancial para se estudar os costumes de nossa gente, os hábitos de consumo, o potencial de comércio da época.

Professor do Departamento de Comunicação da UFPB

Vitamina, aguardente, inseticida e produtos da Bayer e Gillette, empresas que até hoje atuam no mercado: variedade dos reclames de *A União* no século passado

Minha HISTÓRIA

A importância de **A União**

Renato César Carneiro
Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Patos

Este ano o jornal oficial do Governo do Estado, **A União**, completará, 120 anos de sua fundação. No seu primeiro número, cuja circulação ocorreu a 02 de fevereiro de 1893, numa quinta-feira, o periódico já dizia aos seus leitores a que veio: ser uma "folha política, um jornal de partido, o Órgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba", fundado em 30 de março do ano anterior.

Idealizado pelo segundo governante republicano, o Major Álvaro Lopes Machado, o nome do jornal oficial refletia justamente o tipo de política conciliatória adotada no início de sua gestão: unir em uma só agremiação partidária as diversas correntes políticas da época, conservadores e liberais, mas "homens nobres de pensamentos e de esperanças comuns".

Ao longo de seus 120 anos de existência, **A União** tem sido uma das principais fontes primárias para os historiadores da terra, que se deleitam em suas páginas e viajam no tempo, rememorando fatos, resgatando versões e, às vezes, analisando homens e mitos criados ao longo do tempo.

O meu primeiro contato com o jornal oficial ocorreu na infância, quando vendia jornal para Romildo (hoje, a cultura), em minha terra natal, (Patos), isso lá nos idos de 1970. Vinte e sete anos depois, já na capital do Estado, vim tomar consciência da real importância do aludido jornal. Ano passado, por ocasião dos oitenta anos de instalação da Justiça Eleitoral, encarregou-me o presidente do Tribunal Regional Eleitoral da publicação de três obras que tratassem acerca da história do Poder Judiciário Eleitoral local.

Aceito o desafio, não sabia por onde começar. Mas arregacei as mangas e comecei a me "deliciar" nas páginas do jornal fundado por Álvaro Lopes Machado. Fiquei maravilhado com a descoberta! A história da primeira fase da Justiça Eleitoral na Parahyba, até então desconhecida até pelos magistrados mais antigos, ou pelo menos, até então ainda não registrada por historiadores, se encontrava lá, no centenário jornal. Todas as atas do período da fundação da Justiça Eleitoral (julho de 1932), até a sua extinção pelo Estado-Novo de Vargas (novembro de 1937), estão registradas naquele periódico. Assim surgiram os livros "Origens da Justiça Eleitoral na Parahyba: '1932 a 1937' e "A Justiça Eleitoral na Parahyba: Fragmentos de sua História (1945/2012)".

Além daquelas duas obras, o acervo de documentos constantes no jornal **A União** permitiram a criação do Memorial Virtual da Justiça Eleitoral do Estado, inaugurado no mês de agosto de 2012, e que se constitui numa importante fonte de pesquisa história, considerando a quantidade de fotos e de informações acerca de eleições, editais de alistamento eleitoral e demais fatos que marcaram a trajetória do voto na Parahyba.

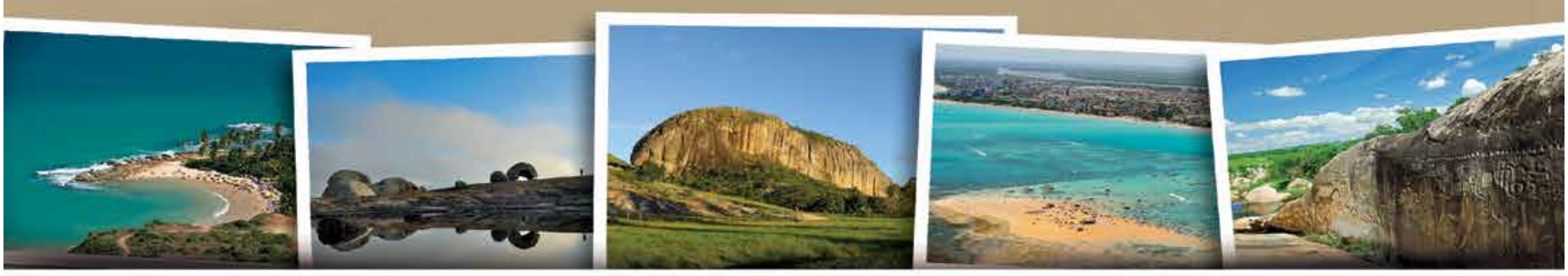
Quando da extinção da Justiça Eleitoral, em novembro de 1937, o então ministro da Justiça, Francisco Campos, enviou telegrama ao Interventor da Parahyba, Argemiro de Figueiredo, para que este ficasse responsável pelo arquivo da Justiça Eleitoral.

Até a presente data, o Tribunal Regional Eleitoral da Parahyba ainda não conseguiu localizar o seu arquivo, referente à primeira fase de sua história, de 1932 a 1937. Porém, graças ao jornal **A União**, a Justiça Eleitoral do nosso Estado pôde comemorar, com brilho, os oitenta anos de sua história.

antares / abmp.pb

Dá vontade de ler.
E depois, de conhecer.

A União.
120 anos noticiando
e mostrando a Paraíba
como ela é.



PBTUR

Secretaria de Estado do Turismo
e Desenvolvimento Econômico

GOVERNO
DA PARAÍBA

Nossa escola de jornalismo

Chico Pereira
Especial para **A União**

A história da **A União** se confunde com a própria história da Paraíba. Seja naquilo relacionado ao passado, tantas vezes retratado nas suas páginas, ou nos acontecimentos mais recentes de registros indeléveis que transformaram o velho jornal na principal fonte de consulta da nossa identidade, desde quando começou a circular em 1893.

Muito já se disse dessa matriarca da nossa Imprensa, tida como principal escola de jornalismo impresso desse irrequieto e politizado pedaço de terra, que apesar de tão pequeno tem sido palco para muito dos acontecimentos que ajudaram a formatar um lugar chamado Brasil. Tudo isso, é claro, bem antes daqui se falar em cursos de comunicação, quando o jornal oficial ditava as regras das novas invenções gráficas e editoriais. **A União** que circula initerruptamente há mais de um século pode muito bem servir de fonte de estudo para se entender como tem sido a evolução do jornalismo impresso, não só na Paraíba mas como um todo, já que acompanhou de perto a modernidade.

Muito jovem me viciando na leitura diária de jornais, esperava ansiosamente pela edição de **A União** do domingo, quando o jornal vinha recheado de artigos e notícias culturais, além dos suplementos com maravilhosas ilustrações de Walfredo Rodriguez, Hermano José, de Raul Córdula, de Arnaldo Tavares, de Elcir Dias, José Lyra, e entre outros do próprio Santa Rosa, autor da vinheta do Correio das Artes, que mesmo morando no Rio de Janeiro sempre se fazia presente nessas edições semanais. Edições essas que tinha a mão generosa de Simeão Leal enviando artigos e artes de ilustres intelectuais e artistas que residiam no Rio de Janeiro, na época capital da República e da cultura nacional. Só depois de degustar o jornal é que me dava ao direito do encontro dos amigos e da cerveja.

Foram iniciativas e o cotidiano de **A União** responsáveis não só pela formação de profissionais nas várias faces de um jornal mas de editores, publicitários, e artistas, destes alguns colaboradores já senhores de seus saberes e de outros que aprederam lá mesmo esse ofício, transformando a editora e o jornal também numa escola de artes gráficas. Nomes que vieram se tornar conhecidos na atualidade como Milton Nóbrega, Tônio, Régis, Unhandeijara Lisboa, Domingos Sávio, Nivaldo Araújo, Tadeu Lira, Sandoval Fagundes, Archidy Picado, Deodato Borges (pai e filho),Fred Svendsen, Marcos Pinto, Pedro Osmar e tantos outro consagrados artistas e colaboradores que foram sendo absorvidos pelo mercado quando a era da off-set e da propaganda passou a reinar absoluta. Alguns até hoje ilustrando suas páginas.

Mais do que isto: **A União** foi também desde sua fundação o principal espaço para a intelectualidade paraibana se mostrar em artigos, crônicas, ensaios ou mesmo no pensamento ou no diário da política. Raros foram os intelectuais, ou políticos cultos que não passaram em suas páginas. De Zé Lins a Zé Américo, Ernani Sátyro a Pedro Gondim, de Mário Pedrosa a Orris Soares. Somando-se aí o teatro ,a música, o folclore,e o cinema, este por onde começou de fato não só a crítica mas o próprio registro histórico dos nossos primeiros realizadores.

No caso mais específico das artes plásticas, acredito que não há nenhum artista que não tenha sido registrado em suas páginas, pelo menos os conhecidos. Com certeza alguns que aqui cito não só estão documentados seus feitos mas colaboraram em momentos alternados, em diferentes edições e momentos: Chico Dantas, Regis Cavalcanti, Clóvis Junior, Chico Pereira, Pontes da Silva, Flávio Tavares, Cristovan Tadeu, Celene Sitônio, Elpidio Dantas, Emir Ribeiro, Henrique Magalhães, Ivan Freitas, João Câmara, José Altino, Miguel dos Santos, Nivalson Miranda, Regis Soares, entre tantos outros do passado e do presente, no único jornal paraibano que sempre buscou nos artistas plásticos o complemento dos seus textos e embelezamento das suas páginas.

Não podemos esquecer a presença indispensável da fotografia que fixou em imagens a trajetória dos acontecimentos através das lentes de pioneiros tão antigos que se confundem com a história do jornal. Citamos de memória alguns dos mais recentes com ligações funcionais ou colaboradores, entre eles Aguinaldo Estrela, Arion Farias,Hudson Azevedo, José Bezerra, Machado Bitencourt, Antonio David, Gustavo Moura, Rizemberg Felipe, Germana Bronzeado,e outros que ajudaram o jornal chegar ao século 21.

Atingindo 120 anos sem interrupções, o jornal, gráfica, editora , difusor da cultura e guardião da memória não se entregou ao tempo das mídias eletrônicas fechando o ciclo do papel impresso como outros jornais paraibanos, alguns tão longevos como **A União**. Pelo contrário, se revigora desafiando o admirável mundo novo das tecnologias etéreas. Pode ser uma atitude insensata diante da realidade dos fatos onde até os gigantes impressos estão encolhendo e até desaparecendo da paisagem. Pode ser um capricho dos paraibanos em manter um jornal pela sua história. Mas afinal não é a própria história paraibana e a sua cultura sua grande riqueza?

Artista plástico e professor aposentado da UFPB

Aquarela de Sóter Carreiro

Minha **HISTÓRIA**

A página primeira

Patrícia Teotonio
Ex-editora geral de **A União**

Trabalhávamos com um novo projeto gráfico e, desde que fora implantado em 9 de setembro de 2003, as páginas de **A União** eram um desafio diário à criatividade. Pela novidade, pelo formato, pela dinâmica da impressão e por outras especificidades que aquela novidade nos impunha.

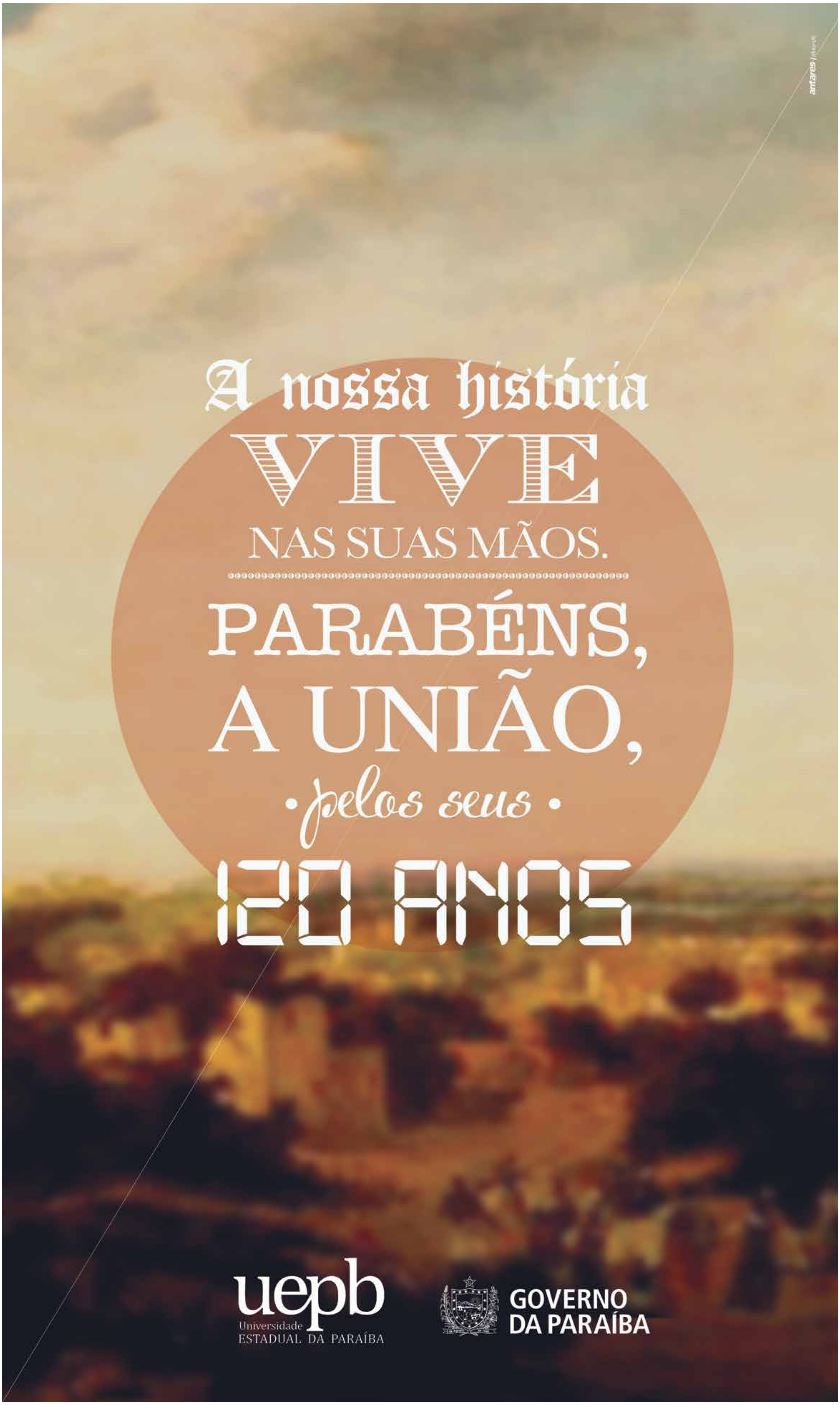
Mas para que servem os desafios senão para serem superados? De olho no tempo, nas fontes e nas formas, a brava equipe do jornal se ajustava e garantia a edição de cada dia. E na hora da primeira página, que é sempre a última, nosso editor de artes, o jornalista Cícero Félix, sempre nos emprestava seu talento.

Às vezes, uma ou outra capa gerava burburinhos, até mesmo polêmicas decorrentes de interpretação divergente da concepção original. Não estávamos vendendo notícias, não seguíamos o formato comercial. Procurávamos oferecer conteúdo jornalístico. Privilegiávamos o inusitado, o diferente. Destacamos os personagens que traduziam as diversidades da história paraibana. Essa era a nossa linha editorial.

Lembro-me daqueles últimos dias de 2003, quando a ideia de uma capa diferente para a edição de Natal, nos levou ao belo presépio, criado a partir de uma visão bem nordestina e esculpido em massa de modelar pelas mãos hábeis de nosso cartunista Domingo Sávio e de Cícero Félix e, por fim, eternizado pelas lentes de Ortilo Antônio. Foi uma capa bem marcante.

Na semana seguinte, circularíamos com um caderno especial na edição do dia 10 de janeiro que traria a retrospectiva do ano que se encerrara. Ainda não tínhamos definido a imagem que traríamos em nossa capa. Era o tempo escorrendo entre os dedos e em nossas mãos a missão de definir o conceito a se materializar.

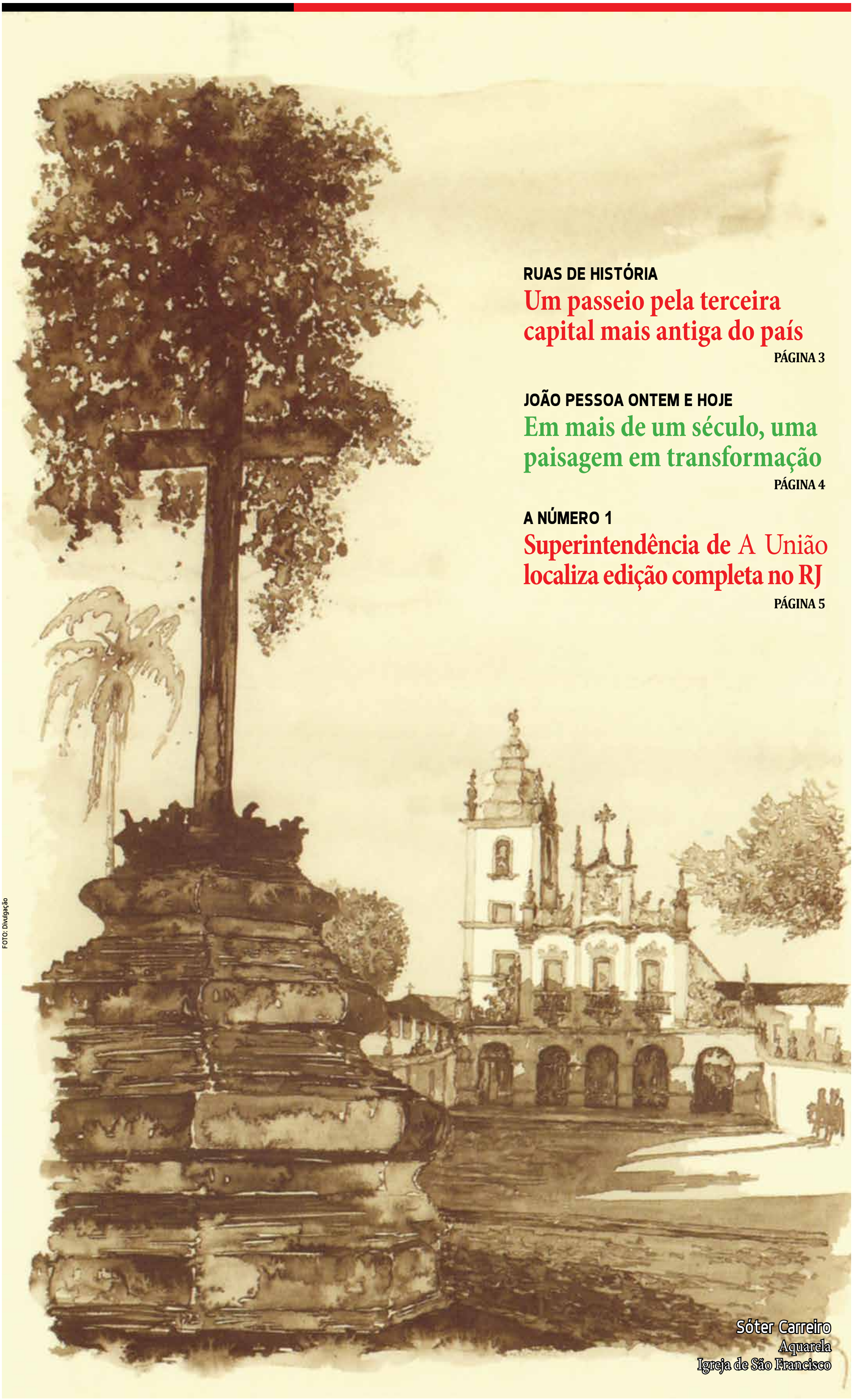
Enquanto eu rabiscava pensamentos soltos em busca da linha que os uniria, Cícero olha minhas mãos e sugere a imagem. Entre as palavras soltas, saúde, educação, respeito e valorização, figuravam entre outros tantos sinônimos dos avanços conquistados naquele último ano. E sob o conceito "A Paraíba reescreve sua história", vi minha mão posando como modelo que simbolizaria tantas outras que trabalharam duro para colocar o Estado em movimento e impulsionar seu desenvolvimento.


A nossa história
VIVE
NAS SUAS MÃOS.
PARABÉNS,
A UNIÃO,
pelos seus
120 ANOS
uepb
Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA
GOVERNO
DA PARAÍBA

EDIÇÃO Especial
CADERNO 5

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013



RUAS DE HISTÓRIA

Um passeio pela terceira capital mais antiga do país

PÁGINA 3

JOÃO PESSOA ONTEM E HOJE

Em mais de um século, uma paisagem em transformação

PÁGINA 4

A NÚMERO 1

Superintendência de A União localiza edição completa no RJ

PÁGINA 5

FOTO: Divulgação

Sóter Carreiro
Aquarela
Igreja de São Francisco

Capa da capa

O artista

Um passeio pela Capital

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Três, quatro, cinco, seis horas da manhã. No Ponto de Cem Réis, as portas de aço das lojas e restaurantes começam a abrir. Na Praça Vidal de Negreiros, que se ergue sobre o Viaduto Damásio Franca, no centro de João Pessoa, transeuntes sonolentos olham para cima e veem o Paraíba Palace Hotel, do alto de seus 25 metros, contemplando o panorama central da capital paraibana. O pessoense acordou e, com ele, o visitante estrangeiro e nacional. É hora de dar um giro pela terceira metrópole do Brasil que já nasceu cidade e capitania real, por causa da sua posição geográfica e estratégica nos mapas que então assinalavam os domínios portugueses de além-mar.

Volto dois anos no tempo. Naquele dia eu matutava pelo centro, quando Louis, um francês que se tornou meu amigo, abordou-me na altura do Bar Luís XV. Misturando francês e português, ele me fez perguntas várias. E eu respondia como bem podia. Daí, tirei a lição de que qualquer pessoa que visita uma cidade, sempre está interessada em saber onde pisa.

Por que esta cidade se chama João Pessoa? Dizem os historiadores que se trata de uma homenagem ao grande estadista homônimo, assassinado em 1930, na Confeitaria Glória, em Recife, por um inimigo e adversário político. João Pessoa morreu em 26 de julho de 1930. Dois meses depois a então Cidade de Parahyba do Norte tomou seu nome e adotou como bandeira as cores vermelha e preta, com a legenda Nego, pois foi esta a expressão do ex-governador, ao se opor à candidatura de Júlio Prestes, à Presidência da República.

Só? Não. No centro, bairros e arredores da cidade mais oriental das Américas, a história está presente em cada curva. E os exemplos são muitos. Quem visita a Praça João Pessoa, enxerga logo, do lado poente, o Palácio da Justiça. Em seu subsolo se encontra a cripta do ex-presidente Epitácio Pessoa e de sua esposa Maria da Conceição Sayão Pessoa. O monumento foi construído em 1919 e contém documentos e objetos que retratam diversas fases da vida do ilustre paraibano, além de quadros, medalhas, selos e outros objetos que lhes pertenceram.

> No Centro, bairros e arredores da cidade mais oriental das Américas, a história está presente em cada curva. E os exemplos são muitos

Vamos dar meia volta e entrar pela rua Duque de Caxias. Seu nome lembra o grande militar brasileiro Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, herói da Guerra do Paraguai. Nesta rua, a casa de número 548 tem um significado histórico especial. Foi lá que morreu o padre Francisco João de Azevedo, reconhecido internacionalmente como o inventor da máquina de escrever. Depois de ganhar uma medalha doada por D. Pedro II, na Exposição Industrial Agrícola de 2 de dezembro de 1861 (RJ), Azevedo foi boicotado em sua invenção e recolheu-se, velho e doente, à sua casa, em Recife

Contam que foi lá que Christopher Alan Sholes, tipógrafo e inventor americano, visitou o padre Azevedo e convidou-o a levar sua invenção para os EUA. Azevedo recusou, mas teria consentido que o estrangeiro examinasse sua criação. Em 1873 Sholes, com a ajuda de Desmonroe, um tipógrafo amigo, vendeu a invenção de Azevedo ao industrial de armas Remington, que lançou a primeira máquina de escrever no ano seguinte, tendo, como garoto propaganda, o escritor Mark Twain.

Continua na página 3

SÓTER CARREIRO

Nasceu em Fortaleza e vive e trabalha em João Pessoa. Artista plástico e arquiteto. Graduação em Arquitetura (UFPE). Cursos com Liliane Dardot, José Moura, Delano e José Carlos Viana (MAC Olinda). Sua produção atual é dedicada a reproduzir, em aquarelas, o acervo arquitetônico paraibano, como o Convento de Santo Antônio, São Bento, o Carmo, Capela do Engenho da Graça, Misericórdia e o Casarão de Azulejos. Ilustrou o livro Cidade de João Pessoa – Roteiro de ontem e de hoje[de José Américo de Almeida] (Prefeitura de João Pessoa, 2005).

Fonte dos Milagres: o frade que matou por amor

No final da Duque de Caxias surge a Ladeira de São Francisco, que conduz a uma estreita rua de entrada para o Baixo Roger. Aqui, está emparedada a Fonte dos Milagres, onde, em 1801, o franciscano José de Jesus Maria Lopes, matou, com a ajuda de um escravo e um índio, a mestiça Tereza. Enciumado por causa do amor de Tereza por um capoeira, o frade resolveu tirar-lhe a vida. Foi condenado à prisão perpétua, no convento da sua ordem, em Salvador-BA.

Na cabeça da Ladeira de São Francisco, o ádrio da igreja homônima exibe seus azulejos tricentenários, trazidos de Portugal, que retratam as estações da paixão de Cristo. São peças adornais do século XVIII. O conjunto é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN -, que o considera relíquia da arquitetura colonial do Brasil.

Ainda na mesma igreja, uma curiosidade: até pouco tempo se lia, numa lápide da soleira da porta, estranho pedido feito por um capitão-mor da Paraíba: "Eu, Pedro Monteiro Macedo, peço a todos que me pisem quando aqui passarem, por ter governado mal esta capitania, e que rezem uma Ave Maria e um Padre Nosso pela minha alma, pelo amor de Deus". Macedo morreu em 1744.

Se o visitante caminhar para a cidade baixa, ao chegar ao Parque Solon de Lucena, a popular Lagoa, de longe observa o relógio do Liceu Paraibano. O primeiro andar deste prédio de arquitetura neoclássica, construído em 1937, pelo governador Argemiro de Figueiredo, ostenta vitrais criados pelo artista alemão Heinrich Moser. As peças vieram da Europa. Acredita-se que Moser foi o mesmo profissional que criou, sete anos antes, os vitrais da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Jaguaribe.

Como uma idéia puxa a outra, a Igreja do Rosário também merece um destaque. Projetado, no final da década de 1920, pelo frade alemão Martinho Jansweid, este templo possui 15 vitrais, implantados pelo artista alemão Heinrich Moser. Quatorze deles mostram os mistérios do Rosário. O 15º retrata a Coroação de Nossa Senhora. Dois outros vitrais novos mostram a aparição de Nossa Senhora de Fátima, aos irmãos pastores, em Portugal. No subsolo encontra-se a cripta de Frei Martinho, que morreu em 28 de julho de 1930, dois dias após a morte de João Pessoa. Jansweid tinha fama de santo. Ele previu a morte de um homem e a prisão do cangaceiro Antônio Silvino.

Estamos caminhando para o Leste. Já subimos a Avenida Getúlio Vargas e ultrapassamos a Maximiano Machado. Entramos na Duarte da Silveira. Surge o prédio do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem – DER. Num painel ao lado, destacam-se esculturas do artista pernambucano Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand. Muitas de suas obras – como esta – se caracterizam pela elaboração de seres abstratos. São símbolos de sensualidade. As partes anatômicas do corpo feminino motivam seus estudos. As obras do artista também são encontradas no Aeroporto de Guararapes e no Parque de Esculturas do Porto do Recife. Brennand é fabricante de famosa linha de cerâmicas.

CURIOSIDADES

A Rua Beaurepaire Rohan (ex Rua do Melão) resgata o nome de Henrique Pedro Carlos de Beaurepaire Rohan, governador provincial da Parahyba do Norte, entre 1857 e 1859. Atribui-se a ele o primeiro mapa urbanístico oficial da Capital. O nome Ponto de Cem Réis, que até hoje identifica o centro de João Pessoa, começou com a introdução do bonde na c apital, como transporte coletivo. Consta que os cobradores, ao anunciarem o preço da passagem, acionavam a campa do veículo e gritavam: "Cem Réis, Cem Réis" (hoje equivalente a 10 centavos de real).
O ônibus para o atual bairro de Jaguaribe tinha escrito no destino "Cabo Branco", até o início da década de 1970. Motivo. Era neste bairro que se encontrava o Estádio do Cabo Branco Futebol Clube, hoje funcionando em Miramar. Jaguaribe, em tupi, significa "Rio das Onças".

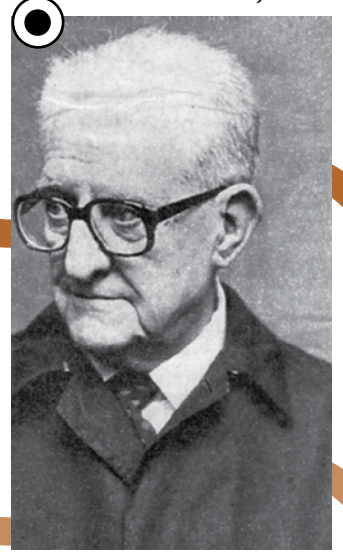
> Se o visitante caminhar para a cidade baixa, ao chegar ao Parque Solon de Lucena, a popular Lagoa, de longe observa o relógio do Liceu Paraibano

O tempo e o evento

16 JUL 1969
Apollo inicia hoje a maior conquista da história – " A explosão do "Saturno 5" está prevista para hoje às 9h32 locais. Ontem foi o último dia em que os astronautas **Neil Armstrostrong**, Michael Collins e Edwin Aldrin se dedicaram ao treinamento com simuladores".

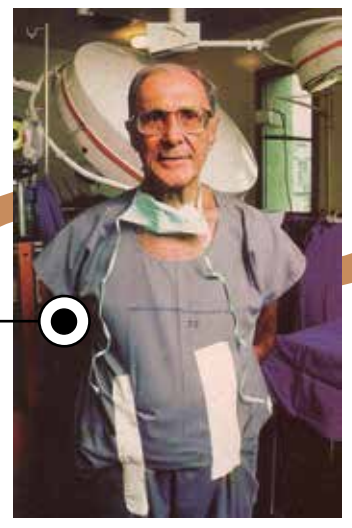
22 JUL 1969
Homem na Lua – pisaram no solo lunar pela primeira vez – "Esse é um pequeno passo para um homem e um grande passo para a humanidade – foram estes os termos de Armstrostrong, ao pisar na Lua".

9 AGO 1969
Afonso Arino encontra-se desde ontem em João Pessoa – "Chegou ontem a João Pessoa, o jurista Afonso Arinos de Melo Franco, que visita a Paraíba atendendo a convite dogGovernador João Agripino e que participará das solenidades comemorativas da fundação dos Cursos Jurídicos do Brasil"



20 AGO 1969
DOPS efetuou prisão de falsos camponeses – "A Delegacia Auxiliar do DOPS informou, ontem, que não são membros do Comitê Regional de Ação Popular o advogado e o estudante de Engenharia que foram presos em um engenho, na cidade de Escada, em Pernambuco, onde diziam-se camponeses e nessa condição tentavam motivar os trabalhadores para a luta política".

15 AGO 1969
Empresário é a 8ª vítima de série de crimes em Hollywood – " O empresário William Lennon, de 51 anos, foi morto ontem em Hollywood, no oitavo assassinato ocorrido na região de Los Angeles desde o último fim de semana. Lennon era pai de cinco cantoras e pertencia ao mundo do show business californiano".



21 AGO 1969
Jesus vai pronunciar conferência – " O professor **Eurípedes de Jesus Zerbini** chegará ao Rio de Janeiro no dia 15 e ficará até o dia 19 de setembro, com a finalidade de pronunciar conferência sobre transplantes cardíacos, durante a terceira Semana de Debates Científicos, promovido pela Associação de Estudantes de Medicina da Guanabara.

João Pessoa: uma cidade em transformação

Rafaela Gambarra
rafaelagambarra@hotmail.com

Em 1893, quando **A União** Superintendência de Imprensa e Editora foi fundada, sob a alcunha de Órgão do Partido Republicano do Estado da Parahyba, a cidade de João Pessoa ainda dava seus primeiros passos em termos de urbanização. Muito do que hoje se conhece, com seus prédios, shoppings centers e enormes áreas residenciais, àquela época ainda se tratava de um "gigantesco campo de peladas" – áreas que pouco se diferenciavam uma das outras. Os arranha-céus eram sobrados, de dois, três andares. As ruas, de barro. Carros eram poucos.

A cidade vivia em função dos vapores e era marcada pelo ritmo dos sinos. Primeiro, das igrejas; depois, as sirenes das fábricas. Antes, os bondes; depois, o bonde elétrico que, aumentando seus trajetos, foram os grandes responsáveis pela urbanização de vários bairros. A cidade, que no início do século XX se concentrava no bairro do Varadouro, pouco a pouco foi crescendo, alcançando áreas que antes pareciam inóspitas.

No Varadouro, na década de 1890, concentravam-se os escritórios de representação de várias instituições e o porto da cidade, engrenagens do mercantilismo. "Era uma cidade colonial, em sua arquitetura, que vivia da importação e exportação. Hasteavam-se bandeiras que significavam a chegada dos vapores para que a população pudesse ir comprar artigos como seda e bacalhau", conta o historiador José Octávio de Arruda Melo, autor do livro "História da Paraíba".

Os bairros de Tambiá e Trincheiras, por sua vez, eram, junto ao Varadouro, a área mais urbanizada da cidade, onde estavam as residências do patriarcado, geralmente de três andares. Embaixo, ficava o comércio; no segundo andar, moravam os caixeiros; no terceiro, enfim, estavam as famílias nobres, que optavam pelos andares mais altos por conta do mau cheiro que, nesse tempo, habitava a cidade.

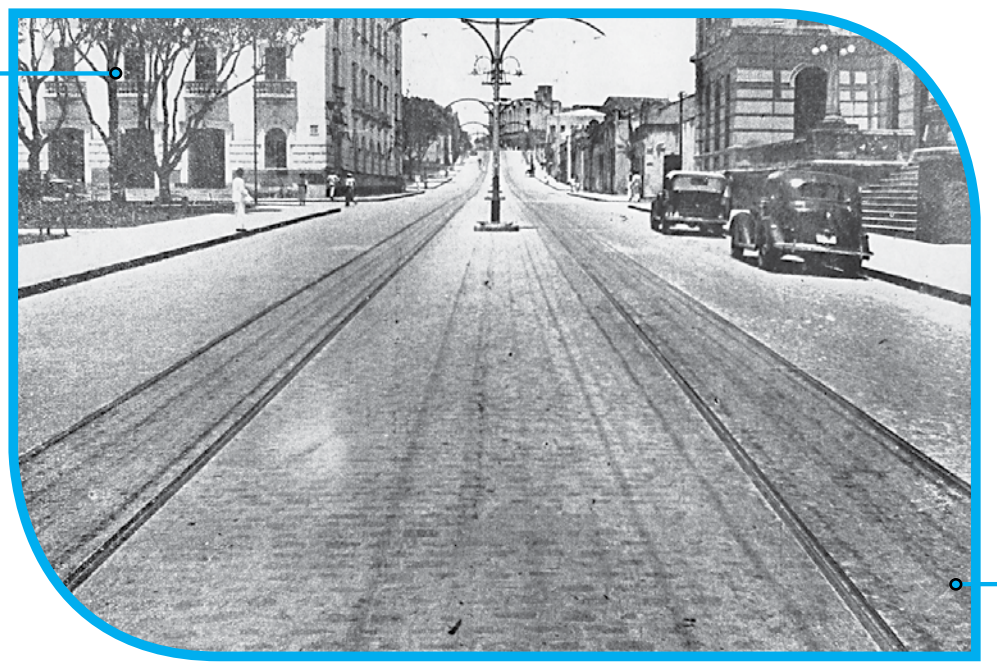
A cidade ainda era o que se considera uma cidade "rurbana" (rural + urbana). Como uma herança das características das cidades portuguesas, que prolongavam o campo, João Pessoa era formada, além do Varadouro, Tambiá e Trincheiras, por sítios que se espalhavam por toda a cidade e, depois, transformaram-se em bairros. É o caso do Jaguaribe (Sítio do Jaquaripe), do Róger (Aburizona) e do Jardim Luna (Sítio dos Luna).

Pouco a pouco, esses sítios transformaram-se em bairros. Com o centenário da Independência, em 1922, criou-se a Bica, a Praça da Independência e a Academia de Comércio. Com a chegada de novos transportes, na década de 1950, novas áreas também se urbanizam. Com a ditadura militar, a partir de 1970, surgem os conjuntos, como Geisel e Valentina. A partir de 1980, o Governo Federal investe na urbanização da área da praia e a cidade já se delineia como é hoje.

O Passado

Lyceu Paraibano

Pavilhão do Chá



Rua Guedes Pereira

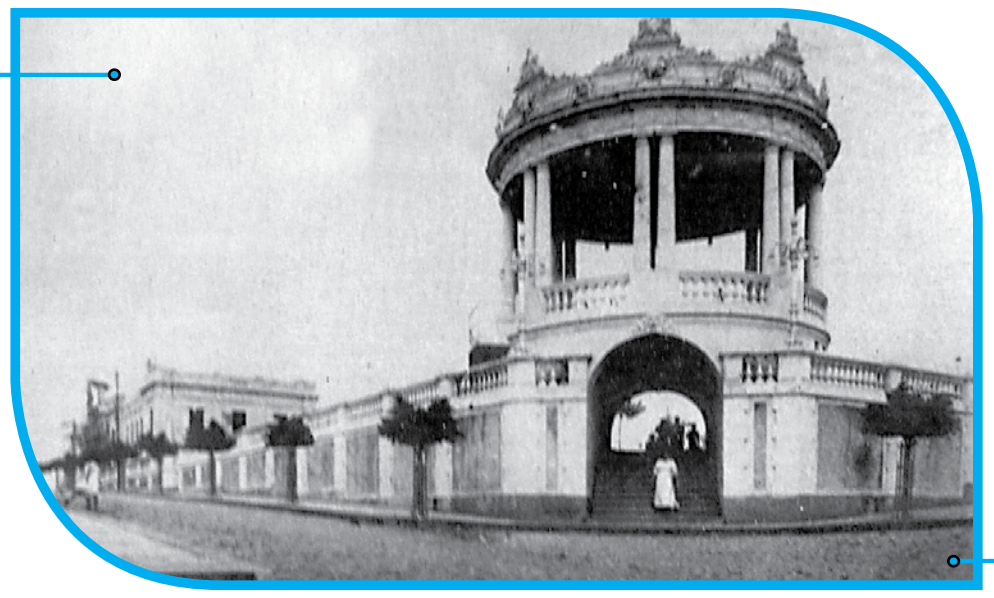
Casarão dos Azulejos

O Presente

O Passado

Praça Rio Branco

Casa da Pólvora



Coreto do Pavilhão do Chá

Paraíba Palace Hotel

Hotel Tambaú

Cassino da Lagoa

O Presente

Rede Paraíba de Supermercados

A Rede Paraíba de Supermercados parabeniza o Jornal A União pelos 120 anos de circulação.

Fábio Cabral
Presidente da Rede

Nossas Lojas

JOÃO PESSOA-PB
SUPERMERCADO AMARELINHO
Rua José Gomes de Abreu, 701
Alto do Mateus - João Pessoa-PB
83 3212.9999

SUPERMERCADO GIRASSOL
Rua Embaixador Sérgio Vieira, 26
Valentina - João Pessoa-PB
83 3237.5056

SUPERMERCADO UNIÃO
Rua 19 de Março, 135
Róger - João Pessoa-PB
83 3221.5573

SUP E PANIFICADORA GLÓRIA
Rua Genésio de Andrade, 132
Róger - João Pessoa-PB
83 3221.5417

SUPERMERCADO UNIÃO
Rua Mariangela Lucena Pixoto, 1215
Valentina - João Pessoa-PB
83 3237.5526

ALAGOA GRANDE
ÁGUA DOCE SUPERMERCADOS
Rua Cônego Firmino Cavalcante, 899
Centro - Alagoa Grande-PB

BAYEUX
SUPERMERCADO JOSÉ LIRA
Rua José Lira, 458
Sesi - Bayeux-PB
83 3232.5728

SUPERMERCADO UNIÃO
Rua Locutor, Quadra D 150 Lote 23
Mário Andreaza - Bayeux-PB
83 8896.0551

BELÉM
SUPERMERCADO VIDA NOVA
Rua Solon de Lucena, 176
Centro - Belém-PB
83 3261.1553

CABEDELO
SUPERMERCADO REAL
Rua Pedro Aleixo de Moura, 350
Centro - Cabedelo-PB
83 3228.1109

CAPIM
SUPERMERCADO SÃO JOAQUIM
Av. São Sebastião, 56
Capim-PB
83 3622.1099

CUITÉ DE MAMANGUAPE
SUPERMERCADO SÃO JOAQUIM CUITÉ
Rua da Matriz, S/N
Centro - Cuité de Mamanguape
83 3623-1086

ITAPOROROCA
SUPERMERCADO IRMÃOS TAVARES
Rua Vitorino Miguel de Oliveira, 05
Centro - Itapororoca-PB
83 3294.1048

MAMANGUAPE
SUPERMERCADO TEM MAIS
Pátio do Mercado Público de Mamanguape, s/n
Centro - Mamanguape-PB
83 3292.3235

MARI
SUPERMERCADO BOM MARCHÊ
Rua Fugêncio Rique, 377
Centro - Mari-PB
83 3287.1796

SANTA RITA
SUPERMERCADO OPÇÃO
Rua Jaciara de Almeida Lima, 139
Marcos Moura - Santa Rita-PB
83 3217.2020

SAPÉ
SUPERMERCADO UNIÃO
Rua Orcine Fernandes, 247
Sapé-PB
83 3283-2559

TACIMA
SUPERMERCADO BEZERRA
Rua João Ferreira da Silva 334
Centro - Tacima-PB
83-3378-1018

Rede Paraíba de Supermercados
Essa é Nossa!

Quatro folhas de história

Biblioteca Nacional disponibiliza edição nº1 completa

Fernando Moura
Superintendente de a União

Ao historiador Eduardo Martins, autor do livro "A União – Jornal e História da Paraíba – Sua evolução gráfica e editorial", lançado em 1977, cabe e primazia da descoberta da primeira página do jornal, lançado em 2 de fevereiro de 1893. Está na capa da publicação e passou a ser referência histórica e estética do periódico, desde então. O restante da edição, com quatro páginas – embora fosse descrita por Martins – nunca havia sido localizada. Um hiato documental que agora, cento e vinte anos depois, é preenchido e disponibilizado ao público, pesquisadores e estudiosos.

Ao dar início ao processo de formatação das comemorações alusivas à passagem do 120º aniversário de circulação ininterrupta do órgão oficial, em abril de 2012, surgiria a necessidade de recomposição do acervo da hemeroteca, desfalcada, principalmente, pelos anos iniciais. Arquivos como os do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, Academia Paraibana de Letras, Fundação Espaço Cultural, Arquivo Público do Estado, Prefeitura de Esperança e coleções particulares foram vasculhados na tentativa de preencher as lacunas, para dar início ao processo de digitalização e posterior disponibilização pública.

Concluídas as buscas dentro do Estado, com resultados medianamente satisfatórios, a próxima etapa seria, naturalmente, a Biblioteca Nacional do Brasil, considerada pela Unesco como a mais completa da América Latina e uma das dez maiores do mundo. Pela estrutura, esmero técnico e longevidade, havia uma natural expectativa em torno da existência de exemplares antigos, considerando o volumoso acervo de periódicos nacionais, extintos ou em circulação, já disponíveis na internet ou em processo de digitalização. O resultado da pesquisa iria muito além do imaginado. A Fundação Biblioteca Nacional, além de dispor de quase 1.000 exemplares microfilmados, entre os anos de 1894 e 1899, possuía, em perfeito estado de conservação, o primeiro número completo. A cereja do bolo havia sido localizada.

Realizados os primeiros contatos institucionais, diretores e técnicos da FBN, compartilhando do mesmo entusiasmo e emoção dos paraibanos, não apenas disponibilizariam a rara edição para digitalização em alta definição (permitindo a qualidade verificada na reprodução encartada nesta edição), como promoveriam pequenos restauros, em tempo recorde, possibilitando ao público uma análise precisa do documento, sem "manchas", "rasgos" ou "sombras" acumuladas em mais de um século de existência do papel jornal, de fácil deterioração.

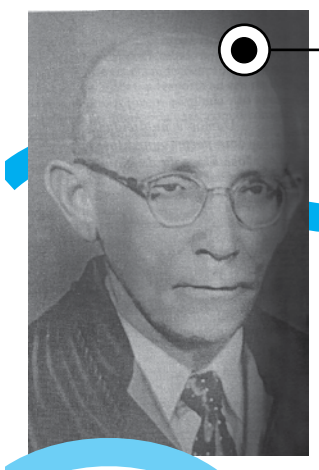
A Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, tem em seus arquivos o exemplar completo da primeira edição do Jornal A União**, de 1893**

Mas as surpresas e parcerias não ficariam restritas ao primeiro exemplar. Além das edições microfilmadas e disponibilizadas na internet, abrangendo os seis primeiros anos de existência do matutino paraibano, ainda no século XIX, arquivados na coleção "Obras Raras", também seriam localizadas no acervo de "Periódicos em Circulação", milhares de outros exemplares d´**A União**, cobrindo boa parte do século XX. Um convênio de intercâmbio técnico está sendo formatado entre as duas instituições, com o cruzamento das listagens disponíveis em ambas as casas, prevendo um complemento mútuo das duas coleções, chegando o mais próximo possível da preservação completa de um dos mais importantes e antigos jornais do Brasil, contribuindo para a guarda da memória nacional e democratização do conhecimento.

É este o presente que a Paraíba recebe neste momento, em forma de papel, tinta e emoção, embalado no invólucro indestrutível da partilha histórica. A primeira etapa do processo está cumprida. Passemos a outras.

O tempo e o evento

1 NOV 1969
Sucursal de **A União** inaugurada ontem à tarde em Campina Grande - " O secretário para Assuntos Extraordinários, jornalista Noaldo Dantas, afirmou, ontem, que a instalação da nova sucursal de **A União** nesta cidade revela o quanto o Governo João Agripino tem interesse pelo desenvolvimento da cidade, procurando divulgá-la em toda a Paraíba e estabelecendo um porta voz de suas reivindicações".



2 NOV 1969
Professor **José Flóscolo** faleceu ontem de manhã – "Faleceu, ontem, ás 9h30 o profº José Flóscolo da Nóbrega, um dos mais consagrados mestres da Faculdade de Direito da Paraíba".

2 NOV 1969
Comemorações dos 50 anos do "EU" foram encerradas – " As comemorações alusivas ao cinquentenário de "Eu e Outras Poesias" de Augusto dos Anjos, foram encerradas ante- ontem , nesta capital com um jantar oferecido pelo secretário da Educação e Cultura, Sr. Antonio Mariz, aos participantes da promoção".

5 NOV 1969
Morto **Marighella** pelos agentes federais em São Paulo – " O terrorista Carlos Marighella foi abatido, por volta das 12h30m de ontem, em meio a cerrado tiroteio, ao reagir à voz de prisão dada por agentes federais que cercaram a casa onde se encontrava"..

20 NOV 1969
Carioca viu ontem à noite Pelé fazer o milésimo gol – "O estádio do Maracanã viveu ontem um dos seus maiores momentos históricos, com a marcação do milésimo gol de Pelé, por ocasião da peleja entre Santos e Vasco da Gama.

12 NOV 1969
Pelé e sua Troupe amanhã no Boi-Só – "Com a presença do Santos de São Paulo – tendo como atração maior o "Rei **Pelé**" – será realizada amanhã à noite a reabertura do estádio olímpico José Américo de Almeida, numa festa que desde já vem movimentando todos os setores esportivos do Estado".

23 NOV 1969
Pessoense deu último adeus a Nininho – " Com grande acompanhamento foi transportado ontem para a cidade de Jaboatão, o corpo do jogador Nininho, onde foi sepultado na tarde de ontem, no cemitério de sua cidade natal".

A UNIÃO 120

A UNIÃO

DEPOIS DE 120 ANOS, PODEMOS CONCLUIR: O TEMPO MELHORA AS COISAS.

A ABAP-PB reconhece a importância de ter como parceiro um jornal como A União. Nesses 120 anos, ele se reinventou a cada mudança, levando para o dia-a-dia dos paraibanos um veículo que testemunhou a nossa história.

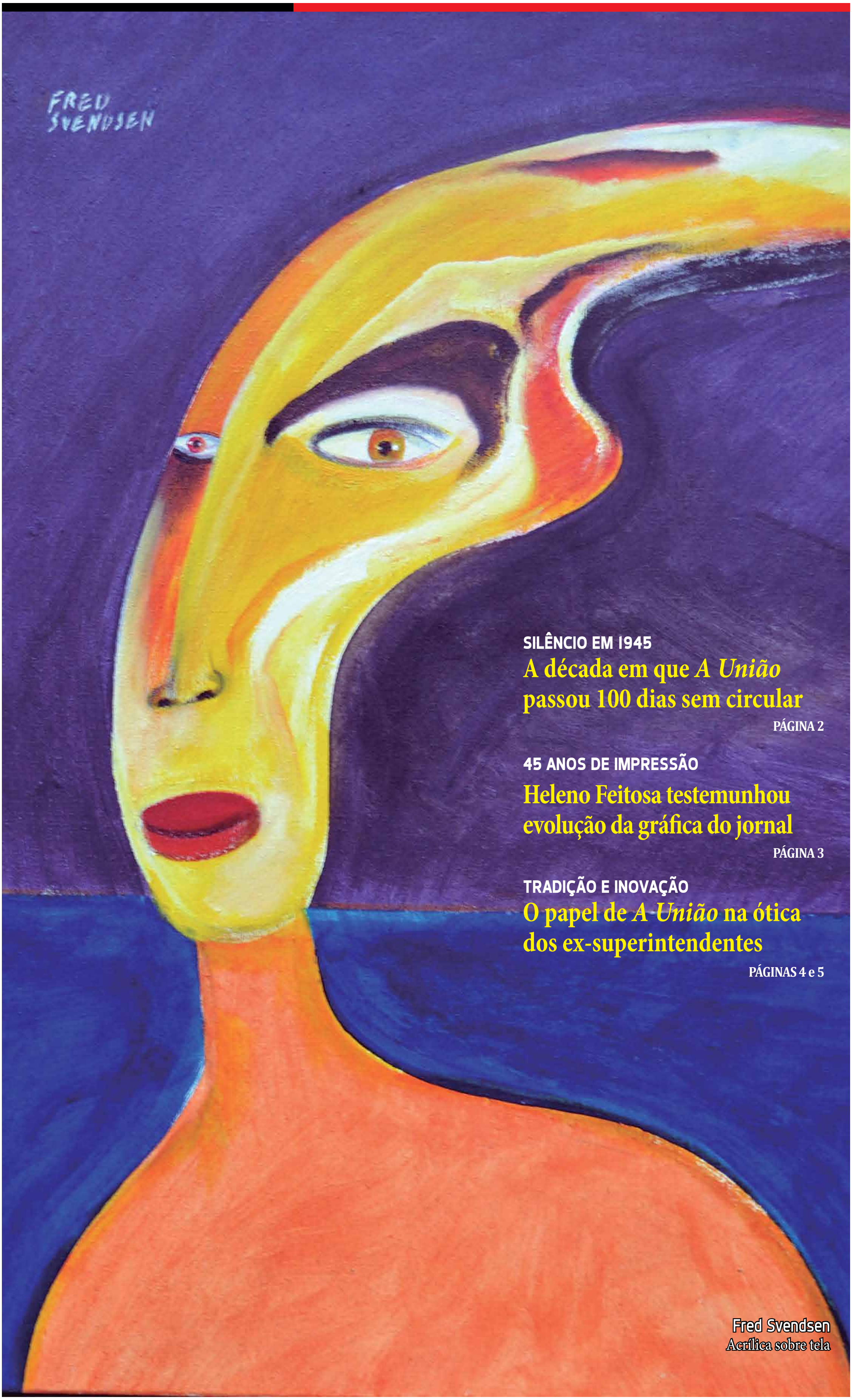
PARABÉNS A TODOS QUE CONSTRUÍRAM OS MAIS DE 40.000 EXEMPLARES DE UMA GRANDE HISTÓRIA.

abap-pb
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE

EDIÇÃO Especial
CADERNO 6

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013



SILÊNCIO EM 1945

A década em que *A União* passou 100 dias sem circular

PÁGINA 2

45 ANOS DE IMPRESSÃO

Heleno Feitosa testemunhou evolução da gráfica do jornal

PÁGINA 3

TRADIÇÃO E INOVAÇÃO

O papel de *A União* na ótica dos ex-superintendentes

PÁGINAS 4 e 5

Fred Svendsen
Acrílica sobre tela

Nesta edição da capa

1945: 100 dias sem notícias

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Na década de 1945 **A União** passou 100 dias sem registrar notícias. De acordo com o jornalista Gonzaga Rodrigues, isto aconteceu na gestão do governador Severino Peregrino Montenegro, exemplo de lisura na magistratura paraibana, que assumiu o Governo do Estado da Paraíba poucos dias após a derrubada do presidente Getúlio Vargas, em 29 de outubro de 1945.

Getúlio foi substituído no cargo, pelo ministro José Linhares, então presidente do Supremo Tribunal Federal. A fim de apaziguar os ânimos políticos reinantes no País, a substituição de Vargas por Linhares foi a solução encontrada, numa espécie de comum acordo firmado pelos candidatos da UDN, Eduardo Gomes, e do PSD, Eurico Gaspar Dutra. Isto também evitaria que outra indicação pudesse influir e alterar o futuro resultado da primeira eleição a realizar-se no Brasil, após a ditadura-Vargas.

De forma coerente, Gomes e Dutra concordaram em escolher, para as interventorias estaduais, os chefes do Poder Judiciário. As exceções ocorreram no Ceará, com a nomeação de um amigo de José Linhares, a mesma coisa acontecendo em Santa Catarina e na Bahia. Isto quer dizer que, mesmo não pertencendo ao Poder Judiciário, os interventores do Ceará e da Bahia eram pessoas ligadas a Linhares, que não foi tão coerente, politicamente falando, como era de se esperar.

RESPEITADO NA MAGISTRATURA

Na Paraíba ia ser nomeado José Pereira Lira, jurista e professor da Escola Nacional de Direito, mas por ter sido assessor de Dutra em sua campanha e ser concunhado de Rui Carneiro, candidato ao Senado pelo PSD (também partido de Dutra), ficou suspeito. Houve correria nas hostes udenistas, ameaçadas com essa opção. Um colega e amigo de Oswaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, este candidato da UDN da Paraíba, é que barrou a nomeação de Lira: era assessor do Brigadeiro e em menos de 24 horas fez valer o princípio inicial, saindo a nomeação de Severino Peregrino Montenegro, expoente dos mais respeitados da história da magistratura paraibana.

Já apeado no Governo, Montenegro entendeu de suspender a parte noticiosa de **A União,** que durante esses cem dias circulou apenas como Diário Oficial. Carlos Romero estava iniciando como revisor do jornal, numa redação chefiada por Silvino Lopes.

"A título de sugestão, não devemos esquecer essa figura notável do jornalismo nordestino. "Nos anos de Rui Carneiro, Silvino "foi o cara" do governo", afirma Gonzaga. Era bom de redação e melhor ainda como cronista. Voltando para Recife, no final dos anos 1940, passou a escrever no Diário da Noite, vespertino que era um encanto de jornal. Chegava em João Pessoa quando a gente saía das matinês do Plaza ou do Rex, com as luzes da Praça Vidal de Negreiros já acesas.

Indicado interventor na Paraíba, Severino Montenegro suspendeu o noticiário de A União. **Apenas o Diário Oficial foi autorizado circular**

FRED SVENDSEN

Artista plástico. Autodidata. Colaborou no Correio das Artes (jornal A União, 1976). Entre suas exposições individuais: destacam-se: Duas fases (NAC/UFPB; MAAC, 1982); Olhos de trator (Galeria Gamela, 1985); Rosas de Hiroshima(Galeria Macunaíma, Rio de Janeiro, 1987); Os deuses brancos do Cabo (Pinacoteca da UFPB, 1988); O eremita (NAC/ UFPB, 1989) e o O pássaro do canto de flauta na mata grande (Galeria Bonino, Rio de Janeiro, 1991). Exposições coletivas: Mostra Internacional de Arte Postal (Espaço NO, Porto Alegre, 1981); IV Salão Nacional de Artes Plásticas (MAM Rio, 1981); XVI Bienal de São Paulo [Núcleo Arte Postal] (1981); International Mail Art Workshop (Bergkament/ Alemanha, 1981)1982) e 'univers mythique: la terre, les hommes, les bêtes(Tessalonica/Grécia, 1988)

O homem da impressão

Heleno Feitosa acompanhou evolução da gráfica

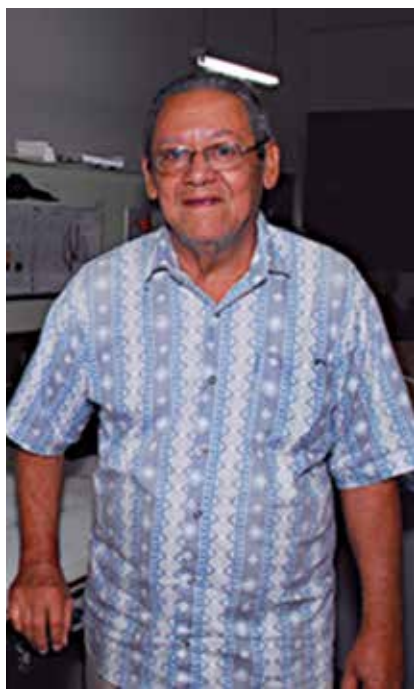
Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Heleno José Feitosa, 71 anos, conseguiu a proeza de testemunhar os quatro processos de impressão utilizados em **A União**. Primeiro, foi o chumbo quente, que o linotipo, uma fabulosa máquina de invenção alemã, fazia derreter os lingotes de diversos tipos e transformá-los em letras de tamanhos variados. Depois, um hábil tipógrafo montava a chapa móvel, de impressão direta e, horas mais tarde, o jornal estava prontinho, circulando nas ruas.

Ao passar 45 anos nas oficinas de **A União**, Heleno juntou muita história para contar: começou em 1965, como cortador de papel, operando um facão chamado guilhotina. "O corte do papel representava um cálculo matemático perfeito pois, se a gente errasse, punha o material a perder", lembra Feitosa. Alguns meses depois, já habituado ao macete da oficina, ele passou a operar como impressor.

E haja lembranças: "O facão, da marca Guarany, era pesado e produzia pouco. Muitas vezes provocava acidentes".

FOTO: Ortilo Antônio



Heleno Feitosa passou 45 dos seus 71 anos atuando na gráfica do jornal A União

Quando passou a impressor, **A União** funcionava num prédio antigo, onde hoje é a Assembleia Legislativa do Estado. Em 1973 o jornal passou para o Distrito Industrial, inclusive levando maquinário e redação. Numa das mudanças de diretores, Heleno foi nomeado chefe da gráfica, promoção que não o envaideceu, por causa de sua grande simplicidade.

Mas, numa das reviravoltas de sua vida profissional, Heleno voltou a cortar papel, desta vez com um facão moderno, da marca Polar. O trabalho ficou mais ágil e ele operou nesta profissão até 1982.

Seu batismo de fogo, porém, aconteceu quando foi ser impressor de uma máquina a quente. Ele aprendeu por curiosidade, pois, como ajudante do impressor, vivia bisbilhotando os movimentos do mestre. No íntimo ele sabia que, um dia, operaria aquela máquina. E aprendeu.

A máquina era um linotipo de teclado e cadeira, que funcionava a 200 graus, para derreter o chumbo. Se o linotipista calculasse errado, a abertura das linhas, cujas medidas tipográficas eram chamadas de "cíceros", levava um jato de chumbo nos peitos. Daí o hábito de todo linotipista usar um avental protetor de couro, quando em operação.

A máquina de imprimir o jornal de antigamente era do tipo carroção. Foi aposentada em 1974, quando **A União** adquiriu a impressora Off Set Cotrel, que operava a frio e, como as máquinas modernas de hoje, era dotada de impressão indireta, ou seja: a chapa imprime na blanqueta e a blanqueta no papel, obtendo-se excelente qualidade de impressão em papel comum ou brilhante.

FOTO: Arquivo **A União**

Inauguração do processo off set, em 74. O ex-ministro José Américo de Almeida é o sexto, da esquerda para direita

Minha HISTÓRIA

Os dois focas

Tião Lucena
Ex-repórter de A União

Quando aqui cheguei vindo do Sertão, em 1975, **A União** era a verdadeira universidade da imprensa paraibana. Tinha a melhor equipe do Nordeste, os melhores redatores da cidade, repórteres que descobriam chifres em testas de cavalos, um senhor equipamento de não sentir inveja de nenhum outro existente no Nordeste, além de pagar os melhores salários da praça.

Comecei a trabalhar em jornal por acaso. Poderia ter sido noutra coisa, até mesmo cobrador de ônibus servia. Viera do Sertão meio perdido, meio desiludido, recém demitido de um emprego que não chegara a assumir de fato, meu pai fazia um esforço enorme para custear minhas despesas de estudante, de modo que eu queria mesmo era um trabalho, um bico que me permitisse alugar um quarto, comer as três refeições e preparar-me para o vestibular.

Dei sorte. Fui apresentado a um sujeito bom chamado Werneck Barreto, irmão de minha amiga Ivete, que, a pedido dela, levou-me para um teste na reportagem de **A União**.

Lembro como se fosse hoje da minha entrada naquela sala apertada onde a reportagem trabalhava, na Duque de Caxias, centro de João Pessoa. Frutuoso Chaves, o chefe, até que tentou quebrar o meu acanhamento, tratou-me com profunda delicadeza, fez algumas perguntas e mandou-me para a rua. O teste seria na rua, cumprindo pauta.

Quando entrei na sala da chefia de reportagem, um sujeito alto, magro, de bigode, todo ancho, falava com o chefe de reportagem demonstrando certa intimidade. "Deve ser um figurão", pensei comigo. E assim que ele levantou-se informando que iria conversar com o gerente do Banco Real, não tive mais dúvidas: "É um figurão e tanto!". Lá em Princesa, naqueles idos, gerente de banco era mais importante do que prefeito, mulher de prefeito, padre, sacristão e delegado de polícia. Ser íntimo de gerente de banco, então, não era para qualquer um.

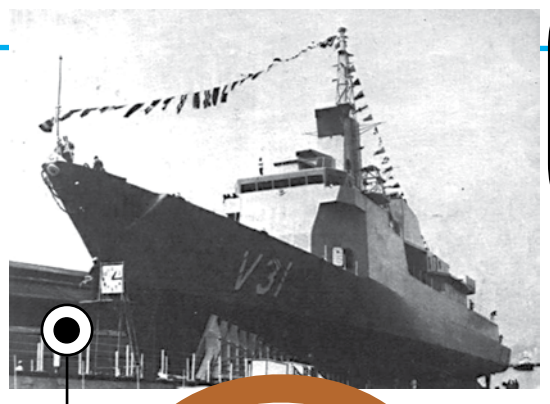
Deixei pra lá, fui cumprir a pauta, precisava do emprego. O questionário de Frutuoso perguntava um monte de coisas que o tempo me fez esquecer, mas eu cumpri tudo direitinho, voltei e, diante de uma velha Oliveti, dedilhei tudo com a facilidade de quem se formou na Escola de Datilografia 25 de Março, do saudoso Antonio Eugênio, o Totinha de Princesa que ensinava a meninada a bater nas teclas e, de quebra, pedia alguns em "casamento".

Subi no onibus para o bairro da Torre no final da tarde. Estava hospedado na casa de minha amiga Eleika, que em contra partida gozava da hospitalidade de seu Miguel Fotógrafo em Princesa. Era fim de tarde. Aproximei-me da porta traseira, dirigi-me à roleta e, me preparava para dar a moeda ao cobrador quando aquele moço importante que vira pela manhã indo conversar com o gerente do banco avisou: "Pode deixar que eu pago". Agradeci e ele: "Cumpriu a pauta direitinho?" Meio encabulado diante da autoridade, respondi: "Cumpri sim senhor". Disse e fui embora para a parte da frente do onibus. Dias depois descobri que a autoridade era Chico Pinto, o famoso Cabo Duca, foca feito eu, candidato a emprego em **A União** do mesmo jeito, mas já metido a besta naquele tempo.

O tempo e o evento

18 DEZ 1969
Morte do presidente Costa e Silva enlutou o país – " Deixando todos os brasileiros sensibilizados, faleceu, ontem, às 13 horas no Rio de Janeiro, o ex-presidente marechal Arthur da Costa e Silva. A notícia da morte do marechal Costa e Silva foi transmitida ao general Médici pelo chefe da Casa Militar da Presidência da República, general João Batista Figueiredo".

24 DEZ 1969
Governador fez visita a "**A União**" – "O governador João Agripino compareceu ontem à noite à redação deste matutino, para apresentar a quantos nele trabalham seus votos pessoais de boas festas.



8 JAN 1970
Fulminados 20 mil ratos na primeira semana em Brasília – " O subchefe do gabinete do Ministério da Saúde, em Brasília, Sr. Olimpio Caseaes, comunicou ao ministro Rocha Lagoa que foram mortos cerca de 20 mil ratos na capital federal"

20 DEZ 1969
Abertas novas perspectivas para cura do câncer no NE – " O isolamento do elemento ativo do látex do avelós, o glucosídio, substância componente da parte cáustica do vegetal, efetuada pelo professor José Augusto de Farias, do Instituto de Pesquisas e experimentação Agropecuária do Nordeste, abre amplas perspectivas no emprego do avelós na cura do câncer".

1 JAN 1970
Brasil vai construir navios militares – "O presidente da Comissão Naval da Marinha de Guerra, almirante Coelho de Souza, ao comentar o programa de construção de navios de guerra no Brasil, assegurou que os planos não são sofisticados nem tencionam mostrar grandeza militar, mas cumprir estritamente a determinação constitucional de manter condições de defesa do país".

14 JAN 1970
Trem mata 10 pessoas em Campina Grande – "Dez pessoas morreram e 145 ficaram feridas, algumas em estado grave, num desastre de trem ocorrido ontem entre Galante e Campina Grande".

3 JAN 1970
Avião brasileiro foi seqüestrado no 1º dia do ano – " Segundo os jornais peruanos, seis sorridentes brasileiros esperavam a oportunidade de continuar a "peregrinação revolucionária" com destino a Cuba, a bordo do primeiro avião sequestrado no ano novo, o qual acha-se retido no Aeroporto de Lima, em virtude de uma falha mecânica." Os piratas, entre eles uma mulher, apoderaram-se do avião, que planejavam voar para Cuba em homenagem ao falecido Ernesto **Che Guevara**."

A União na ótica dos ex-gestores

Alexandre Nunes
Alexandrenunes.nunes@gmail.com

Na opinião do jornalista Biu Ramos, o jornal **A União** é um dos raros fenômenos de longevidade na imprensa brasileira. Ao lado do Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro, do Diário de Pernambuco e de o Estado de São Paulo, situa-se entre os mais antigos periódicos da América Latina. Nem o Jornal do Brasil, que aparentava ser uma empresa sólida, fundado em 1891, resistiu aos impactos da internet e a expansão das redes sociais, sucumbindo pouco mais de duas décadas depois de completar o seu centenário.

O ex-superintendente afirmou que a longevidade de **A União** deve-se à sua condição de imprensa oficial, imune e a salvo das tempestades e maremotos que convulsionaram a área econômica ao longo de toda essa trajetória, abalada por duas guerras mundiais, pelo domínio da energia nuclear, pela chegada do homem a Lua e pela eleição de um negro para presidente dos Estados Unidos.

Quando foi superintendente da empresa pela segunda vez, Biu Ramos perguntou ao governador Tarcísio Burity: "O senhor acha que **A União** é viável?"

Burity respondeu tranquilamente:

- Você está louco? Acha que eu vou manchar a minha biografia com o epíteto pouco honroso do "Governador que acabou com **A União**"? Se nenhum chefe de governo da Paraíba teve a coragem de fazer isso até agora não seria eu que iria me imortalizar com essa herança maldita.

"Burity tinha razão. **A União** transformou-se num dos maiores patrimônios culturais do Estado, com uma contribuição decisiva para o seu desenvolvimento intelectual, no campo das artes e da literatura, e tem cumprido esta honrosa missão", concluiu.

Furo jornalístico

Já o jornalista Hélio Zenaide, que dirigiu **A União** de 1961 a 1962, destacou os avanços tecnológicos e a evolução da linha editorial do jornal, hoje bem definida e que tanto abre espaço para divulgar as ações do Governo do Estado, como também divulga acontecimentos envolvendo segmentos de qualquer natureza política, seja situação ou oposição. "No passado, **A União** era um jornal extremamente político e que defendia a linha partidária do governo, combatendo os inimigos políticos. Hoje isso não acontece mais", destacou.

O jornalista relembrou um furo jornalístico de **A União**, que resultou na maior tiragem em toda a sua história: a cobertura da morte de João Pedro Teixeira, fundador da primeira liga camponesa na Paraíba, que ocorreu no dia 2 de abril de 1962. "Imediatamente eu chamei o jornalista Gonzaga Rodrigues, um fotógrafo e nós três nos dirigimos para o local", detalhou.

Hélio Zenaide disse que no dia seguinte o jornal publicou a matéria em duas páginas dando um furo de reportagem. "Esse foi o dia em que **A União** teve a maior tiragem em toda a sua história. Nós fizemos três edições no mesmo dia e vendemos somente em João Pessoa cerca de sete mil exemplares", complementou.

> "**A União** transformou-se num dos maiores patrimônios culturais do Estado, com uma constribuição decisiva para o desenvolvimento intelectual, no campo das artes"
>
> **Biu Ramos**

Divulgação da Cultura

O jornalista Petrônio Souto, que dirigiu **A União** no período de 7 de abril de 1981 a 26 de maio de 1982, destacou a contribuição para a cultura brasileira do Correio das Artes, o suplemento literário mais antigo em circulação no Brasil.

Ele acrescentou que, mesmo com a situação da empresa complicada, comemorou o prêmio nacional da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA, conquistado pelo Correio das Artes pela melhor divulgação cultural, em 1981. O suplemento cultural também foi incluído na Modern Language Association of América (USA), periódico responsável pelo registro das mais importantes publicações culturais do mundo.

14 de maio de 1981 é uma data também considerada marcante na trajetória de Petrônio Souto. Trata-se do dia em que **A União** vendeu mais que os jornais O Norte e o Correio da Paraíba, por haver dado um destaque especial, naquela edição, ao atentado do turco Ali Agca contra o Papa João Paulo II, na Praça de São Pedro. O jornal divulgou fotos do Papa baleado sendo conduzido para o hospital, e esse foi o diferencial diante dos outros jornais.

Inovação

A União é um patrimônio cultural da Paraíba. Foi o que afirmou o executivo Rui César de Vasconcelos Leitão, que marcou sua passagem pela superintendência de **A União**, no período de 1998 a 2001, com a mudança da circulação do jornal de matutina para vespertina. "A ideia foi fazer com que o jornal circulasse à tarde, porque na minha visão ele passaria a não somente furar as notícias, como também a pautar a imprensa da Paraíba, porque circularia com acontecimentos ocorridos durante o mesmo dia", justificou.

Carlos Vieira da Silva, que dirigiu o jornal de 1973 a 1975, foi o responsável pelo trabalho de substituição dos velhos equipamentos por novas e modernas máquinas.

Em 120 anos de história, o jornal **A União** é uma imensa reportagem sobre a Paraíba, sobre o Nordeste e sobre o Brasil, como faz questão de afirmar o jornalista Nelson Coelho, que dirigiu a empresa em três oportunidades.

Ele acentuou que o jornal tem oferecido, no transcorrer de sua trajetória, um espaço destacado para registro da cultura, história e belezas naturais, além dos mais variados aspectos da economia paraibana e nacional. "**A União** tornou-se de uma forma respeitosa um jornal republicano, um jornal a serviço do povo da Paraíba e isso é muito importante para a liberdade de imprensa, para os que fazem jornalismo e para a população, porque ela tem nas páginas de **A União** opiniões divergentes que formam um conteúdo verdadeiro do que se vive em cada instante da vida política da Paraíba", comentou.

Amor e fidelidade à notícia

Uma empresa que é amada pelos seus funcionários. É essa imagem que o ex-superintendente de **A União**, Zélio Marques, diz ter do jornal que administrou por volta do ano 2000, onde passou aproximadamente três anos.

Zélio Marques disse que, quando superintendente, observou como os jornalistas que formavam o quadro funcional de **A União** e até mesmo os que já haviam deixado o jornal, amavam a empresa, ou numa linguagem mais simples, queriam bem ao jornal.

"Publicamos mais de 30 fascículos com a história de vida das principais figuras da Paraíba, a exemplo de Rui Carneiro, João Agripino, Dom Adauto, Augusto dos Anjos e Jackson do Pandeiro, entre outros. Acho que comemoramos bem os 500 anos do Brasil mostrando as figuras que fizeram a história da Paraíba", concluiu.

Continua na página 5

Ramalho: de revisor a superintendente

Transformar o jornal num veículo de cultura e que colaborasse com as transformações da Paraíba. Essa foi a meta traçada pelo jornalista Severino Ramalho Leite, ao assumir a superintendência de **A União**.

Ramalho Leite começou sua carreira jornalística em **A União** e, em 2011, após quarenta anos, retornou aos quadros do periódico, desta vez para dirigir a empresa. "Quis o destino que o governador Ricardo Coutinho me confiasse a missão de conduzir a imprensa oficial", comentou.

Ele observou que durante o seu retorno ao jornal não mais encontrou as linotipos do passado, cheiro de chumbo ou temperaturas elevadas. "Tudo está climatizado e informatizado. Não existe mais a preocupação dos gráficos com as moléstias provocadas pela atividade insalubre. Agora, todo cuidado é pouco contra a ação dos hakkers que tentam invadir suas páginas e sabotar os atos oficiais. São os tempos modernos", complementou.

A digitalização do arquivo secular de **A União**, para disponibilização na rede mundial de computadores, foi outra proposta defendida por Ramalho Leite. "Confesso a minha atração pelo passado e pelos arquivos de **A União** que sonhei em oferecer aos navegantes da internet", disse.

O ex-superintendente lembrou os velhos tempos de redação, quando iniciou como revisor em **A União**. "Seria exagero dizer que ainda sinto nas ventas o cheiro quente das linotipos que produziam o jornal. Mas que a lembrança permanece ativa, não tenham dúvidas.

Ramalho acrescentou que foi com o emprego de revisor de **A União** que conseguiu fazer as primeiras feiras de adolescente casado, ainda aluno do Liceu e a caminho da Faculdade de Direito. Nesta época, o diretor da Imprensa Oficial era Antonio Brayner. Foi ele quem me concedeu uma coluna, quando comecei a dar os primeiros passos no jornalismo. "Com correspondentes voluntários em todo o interior, minha coluna abordava assuntos municipais", detalhou.

Segundo Ramalho Leite, a história da Paraíba, em muitos episódios, está umbelicalmente ligada à história do centenário periódico oficial. "Foi através das páginas de **A União** que João Dantas tomou conhecimento da presença de João Pessoa no Recife e partiu para a sua vingança pessoal contra a campanha de ataques que vinha sofrendo. E que imprensa? Justamente A **União**", ressaltou.

Ele lembrou ainda que alguns governadores, a exemplo do próprio João Pessoa, costumavam redigir editoriais para o órgão oficial. José Américo, Pedro Gondim e Ernani Satyro foram igualmente assíduos na redação de editoriais.

Galeria dos ex-superintendentes

1. Tito Silva - 2. Carlos Dias Fernandes - 3. Celso Mariz - 4. Samuel Duarte - 5. Silvio Porto - 6. Ascendino Leite - 7. Otacílio Queiroz - 8. Sabiniano Maia - 9. Hélio Zenaide - 10. Biu Ramos - 11. Luiz Augusto Crispim 12. Luiz Ferreira da Silva - 13. Carlos Vieira - 14. Petronio Souto - 15. Etiênio Campos - 16. Deoclécio Moura 17. Jório Machado - 18. Nonato Guedes - 19. Eraldo Nóbrega - 20. Itamar Cândido - 21. Zélio Marques 22. Rui Leitão - 23. Nelson Coelho - 24. Ramalho Leite

Minha HISTÓRIA

O caso dos calendários

Joanildo Mendes
*Ex-editor de **A União***

"Senhor presidente, senhoras e senhores senadores, não concederei apartes, nos termos regimentais. Não quero solidariedade; assumo solitariamente a responsabilidade pelas palavras que vou aqui pronunciar. Começo lendo um manifesto que distribuí na Paraíba sobre o julgamento do senador Humberto Lucena". Foi dessa forma que o então senador da República Antônio Mariz deu início a um dos pronunciamentos mais contundentes da história política brasileira contra o Poder Judiciário nacional.

O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) havia cassado o mandato do presidente do Congresso Nacional da época, o também senador paraibano Humberto Lucena por abuso de poder econômico por ter utilizado a gráfica do Senado para imprimir 130 mil calendários de propaganda eleitoral na Paraíba, para onde enviou o material, por meio da franquia postal do Senado.

Era uma tarde do mês de setembro do ano de 1994. Estávamos na redação do jornal **A União**, no Distrito Industrial, quando o telefone toca e o então assessor de imprensa do senador Mariz, jornalista Walter Santos, pede para que o discurso proferido pelo seu assessorado seja publicado na íntegra nas páginas do centenário matutino oficial.

Como se tratava de um órgão de imprensa oficial e o governador era o atual senador Cícero Lucena, aliado dos dois senadores, Humberto e Mariz, não havia nada demais em publicar o pedido do então assessor e futuro secretário de Comunicação, uma vez que Mariz era candidato ao Governo do Estado e franco favorito para vencer as eleições.

Mas todos sabem que no jornalismo nem tudo são flores, principalmente quem trabalha em um órgão oficial de comunicação, onde existem uma infinidade de chefes, secretários e políticos que se acham os verdadeiros donos do veículo.

Nem bem desligamos o telefone, corremos para a mesa do diagramador e começamos a preparar duas páginas com o discurso do senador Mariz, onde ele não poupava os ministros do TSE, as elites brasileiras e a mídia do sul e sudeste do País. Em um dos trechos do discurso ele bradou: "As grandes revistas, todos os canais de televisão sediados no Rio e São Paulo juntaram-se, acumpliciaram-se, formaram a quadrilha dos interesses nacionais e internacionais para exigir do TSE a cassação do registro de Humberto, do paraibano, do nordestino, do pau-de-arara, do paraíba, como eles nos chamam com desprezo".

O discurso era uma verdadeira bomba atômica no meio político e jurídico do país na época e por esse motivo alguns políticos paraibanos temiam que a Paraíba sofresse algum tipo de represália. Tanto é que antes mesmo de "descer" as duas páginas recebo outra ligação telefônica, dessa vez do coordenador de comunicação do governo na época, o advogado e hoje vice-prefeito de Campina Grande, advogado Ronaldo Cunha Lima Filho.

O pedido, na realidade uma ordem imediata, uma vez que era o principal responsável pela comunicação governamental, foi simples e direto: "Não devemos publicar o discurso de Mariz". Tive que ligar para o assessor do senador, Walter Santos, e comunicá-lo que o pedido dele não poderia ser atendido. Comuniquei em seguida o que estava ocorrendo ao superintendente de **A União**, jornalista Nonato Guedes, e ele me disse para resolver a questão da melhor forma.

Voltei ao trabalho, mas tive o cuidado de não desfazer o serviço que já estava quase concluído e pedi para o diagramador "guardar" as duas páginas com o discurso do senador Antônio Mariz em defesa de Humberto Lucena.

Poucos minutos depois o telefone volta a tocar e mais uma vez o assunto era o mesmo, o discurso de Mariz. Mas dessa vez a pessoa que estava do outro lado da ligação era nada mais nada menos do que o próprio autor do discurso, Antônio Mariz. Ele, com voz trôpega, não falou muito, mas fez o seguinte pedido: "Joanildo, gostaria muito que você publicasse o meu discurso, pois a Paraíba acaba de sofrer a mais dura e cruel das injustiças. Não é Humberto a vítima. A vítima é a Paraíba".

"Prego batido e ponta virada", pensei. Respondi que iria comunicar ao coordenador de comunicação do governo o pedido feito e que o material deveria ser publicado, no que ele agradeceu e desligou.

Liguei para "Ronaldinho" (Ronaldo Cunha Lima Filho) e expliquei o que havia acontecido e a resposta foi simples e direta: "Mariz ligou? Quem sou eu para dizer que não publique. Se ele mesmo pediu, que assim seja". E assim foi feito. No outro dia o discurso de Mariz foi a manchete do jornal.

Humberto acabou sendo absolvido pelos seus pares no Senado e Mariz venceu as eleições para governador no ano seguinte. Pena que não tenha conseguido terminar o mandato devido ao câncer que o consumia.

O tempo e o evento

14 JAN 1970
Alunas do Lins podem ir às aulas de calças compridas – "Segundo a professora Joselita Bezerra, vice-diretora do Colégio Lins de Vasconcelos, aquele educandário será o primeiro a adotar o uso de calças compridas por suas alunas".

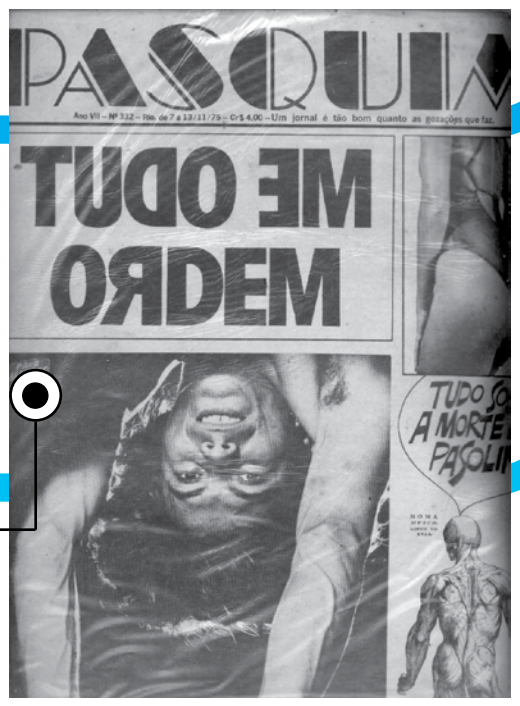
20 JAN 1970
João Pessoa e Campina Grande incluídas no Mobral – " As cidades de João Pessoa e Campina Grande foram incluídas no plano de Alfabetização que o Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral -, empreenderá no corrente ano visando beneficiar um milhão e 300 mil brasileiros entre adolescentes e adultos".

28 ABR 1970
Autoridades conseguiram interceptar bomba que ia explodir na Casa Branca – " Duas bombas enviadas pelo correio, uma a Casa Branca e outra ao Quartel General dos Serviços de Recrutamento em Washington, foram interceptadas e desmontadas, segundo informações oficiais".

9 MAI 1970
Faleceu com 89 anos de idade o matador de Maria Goretti – " Alessandro Berenelli, que matou Santa Mara Goretti, faleceu aos 89 anos de idade no Convento dos padres capuchinhos de Macerata.

10 MAI 1970
Governador inaugura hoje em Campina a milésima obra de sua administração – " O governador João Agripino encontra-se em Campina Grande acompanhado de auxiliares e a imprensa para juntamente com a população, fazer a entrega da milésima obra de sua gestão, o Instituto de Educação.

13 MAI 1970
Cruzeiro novo circulará esta semana – " A partir da próxima sexta-feira , o novo cruzeiro vai ser velho e o antigo voltará a ser novo. Isto é em termos monetários. As novas cédulas de cruzeiro, que foram impressas na Casa da Moeda, começam mesmo a circular. O projeto gráfico foi do artista plástico pernambucano, Aluisio Magalhães".



14 MAIO 1970
Semanário "O Pasquim" sofreu novo atentado – " O jornal "O Pasquim", voltou a sofrer novo atentado. Elementos não identificados lançaram por volta das 24 horas, uma granada de efeito moral".

SEMEANDO, TUDO DÁ.

120 ANOS DE HISTÓRIA, PESQUISA, ANÁLISE,
INFORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.
TERRENO FÉRTIL PARA O NOSSO FUTURO.

A **EMEPA – EMPRESA ESTADUAL DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DA PARAÍBA** SE ORGULHA DE TAMBÉM FAZER PARTE DA HISTÓRIA DO JORNAL **A UNIÃO**.

emepa-pb

Secretaria de Estado
do Desenvolvimento
da Agropecuária
e da Pesca

GOVERNO
DA PARAÍBA

A evolução gráfica

Paulo Sérgio Carvalho
Supervisor Gráfico

O ano era 1995. O governo era o de Antônio Mariz. O superintendente era Itamar Cândido, que estava na segunda de suas três gestões de **A União**.

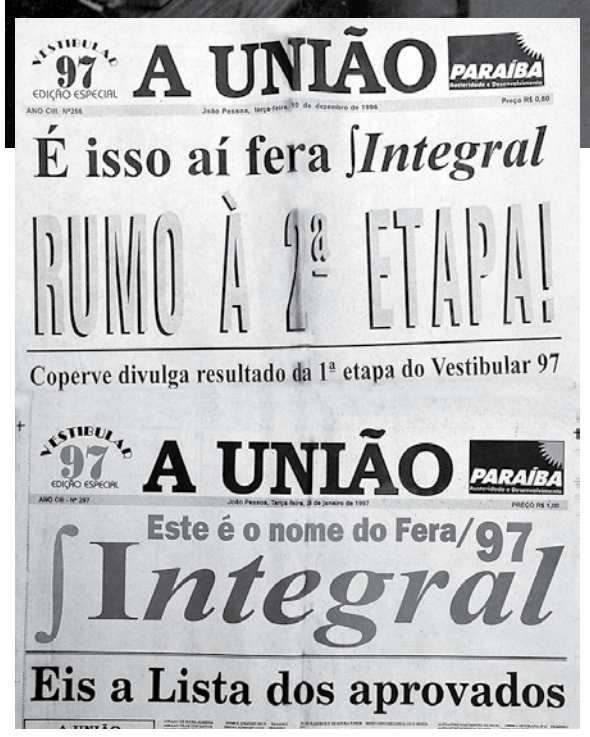
Naquele momento, o equipamento usado para confeccionar o jornal **A União** e trabalhos gerais para a gráfica estava entrando em colapso, pouco a pouco o outrora poderoso sistema de fotocomposição Photon, com sua incrível capacidade de ler 25 linhas por minuto, estava inviabilizando a circulação do jornal. Não que a capacidade de leitura dessas máquinas fosse o problema. No caso o que estava inviabilizando a rotina diária do jornal eram as constantes paralizações do equipamento por absoluta fadiga dos componentes eletromecânicos que compunham essas máquinas. Este equipamento, já fora de linha, não tinha no mercado peças sobressalentes que pudessem substituir as que se desgastavam com o uso contínuo e praticamente ininterrupto.

As redações dos jornais O Norte e Correio da Paraíba já haviam migrado do sistema de fotocomposição para a editoração eletrônica, usando, para isso, os "modernos" computadores da geração 386 da Intel.

Logo que assumiu a Superintendência de **A União,** pela segunda vez, Itamar Cândido percebeu a necessidade de uma mudança radical no sistema de composição do jornal, como também a necessidade de modernizar a redação, substituindo, por computadores, as velhas máquinas Remington e Olivetti que eram as ferramentas de trabalho dos repórteres e redatores naquela ocasião.

Reunido com os assessores e colaboradores, recebeu de Walcemi Maria, então supervisora gráfica, a indicação da possível solução: a contratação, através de aluguel, dos equipamentos necessários, para assim se iniciar a transição da fotocomposição para a confecção digital do jornal, usando-se, para isso, softwares de editoração eletrônica.

Walcemi, com "carta branca" de Itamar, apresentou um esboço do projeto que poderia servir de solução, escalando, então, dois colegas já afeitos aos traquejos dos novos horizontes que se descortinavam com o advento dos computadores e seus softwares maravilhosos, pois já traziam na bagagem as experiências vividas com a transição do sistema em O Norte e no Correio da Paraíba. Numa rápida reunião na sala da Superintendência, Paulo Sérgio e Eduardo Félix acertaram as bases do trabalho a ser iniciado. De imediato seriam instalados cinco computadores 386 (esses computadores já estavam ficando obsoletos e já iam sendo substituídos no ávido e emergente mercado da informática pelos poderosos 486, muito caros naquela época), um scaner e duas impressoras a laser. Todo o equipamento era de propriedade dos dois sócios.


VESTIBULAR 97 EDIÇÃO ESPECIAL
A UNIÃO PARAÍBA
É isso aí fera ∫Integral
RUMO À 2ª ETAPA!
Coperve divulga resultado da 1ª etapa do Vestibular 97
VESTIBULAR 97 EDIÇÃO ESPECIAL
A UNIÃO PARAÍBA
Este é o nome do Fera/97
∫Integral
Eis a Lista dos aprovados

Nestas máquinas, a equipe perfurava as fitas de papel, que depois eram decodificadas pela fotocompositora. Ao lado, reprodução das edições do Vestibular de 1997

O compromisso de Paulo Sérgio e Eduardo Félix era entregar o caderno de Cultura pronto, para fotolitografia, até às 14 horas. Os dois profissionais estariam integrados ao expediente diário, com a função de editorar as páginas, acompanhar o desenvolvimento do trabalho e passar o know-how dos softwares, PageMaker, Corel Draw e Photoshop aos membros efetivos do quadro de funcionários. Gradativamente, a empresa iria se equipando, adquirindo equipamentos até poder romper o contrato de equipamentos e serviços prestados por Paulo Sérgio e Eduardo Félix. Nessa transição, foram habilitados como paginadores eletrônicos os funcionários Geraldo Flor, Roberto dos Santos, Júnior Damasceno, Neide Maria, Castor, Joaquim Ideão e outros.

A carência de **A União** por novas tecnologias era total. Na redação, repórteres e fotógrafos saíam para cumprir as pautas e já deixavam, na antiga Casa dos Fotógrafos, o filme para revelação e impressão em papel das fotografias. Isso demandava um tempo e um gasto extraordinários. Procurou-se, como solução, a implantação de um laboratório fotográfico próprio, com capacidade de baratear o processo e agilizar o trabalho. Desse embrião surgiram dois nomes: Alexandre de Figueiredo e Sandro Alves. Oriundos da fotomecânica, os dois profissionais tinham experiência com os laboratórios totalmente escuros e acertaram com isso as pretensões da empresa. Alexandre hoje demonstra sua competência no escaneamento, digitalização e tratamento de imagens no jornal. É um dos poucos remanescentes da intensa revolução por que passou o jornal em apenas poucos meses.

A lamentar-se, porém, a extinção de postos de trabalho como fotolitógrafos, retocadores, emendadores e paginadores. São os reveses da tecnologia da automação que consome todo aquele que não se habilita ou que não se atualiza, seja nos jornais, nas oficinas gráficas ou em qualquer setor que está sendo avidamente engolido pela tecnologia da informática.

Foi assim, dessa forma claudicante, que gradativamente **A União** foi se atualizando, se modernizando e, com certeza tem hoje um complexo sistema de composição, editoração e criação, usando, para isso, softwares de ponta e que não deixam nada a desejar a outras empresas de comunicação. Alcançamos o futuro.

História

Como fato a se contar, não como "causo", mas, como conquista de uma equipe engajada e coesa que pautava os seus objetivos junto às metas da empresa, posso citar um fato ocorrido no ano de 1997, quando os jornais e rádios promoviam uma verdadeira "guerra santa", para alcançarem respaldo junto à opinião pública. Naquela época, tinha-se como questão de honra chegar em primeira mão com a edição especial trazendo a listagem dos aprovados no vestibular. A massa estudantil se aglomerava diante das oficinas gráficas dos jornais à espera desta edição especial que não tinha dia nem hora para ser publicada. Por isso, na eminência da notícia, equipes de jornalistas e gráficos ficavam em regime de plantão à espera da liberação da lista pela Coperve. **A União**, deslocada do foco da questão, pois suas instalações gráficas estão muito distantes do centro da cidade, contentava-se em somente trazer no dia seguinte um caderno extra contendo a tal listagem.

Já na gestão do então superintendente Eraldo Nóbrega, uma parceria realizada entre **A União** e o Integral Colégio e Curso aguçou o instinto de competição da equipe, e então foi elaborado um ousado e mirabolante plano, para se conseguir satisfazer o ego de dirigentes e membros da equipe (se posso, de forma errada, separar dirigentes e funcionários).

Seguimos os mesmos passos na organização tradicional: um motoqueiro estaria plantado na frente da sede da Coperve, que na época estava localizada na Av. Epitácio Pessoa, e lá receberia o disquete com a listagem dos aprovados e tentaria vencer os obstáculos de sinais e trânsito engarrafado. Nessa corrida maluca tentaria chegar à sede de **A União** no mais breve espaço de tempo possível.

Em paralelo, Paulo Sérgio, Eduardo Félix e o professor Dantas, do Curso Integral, bolaram um plano de malucos. Seríamos os precursores de uma ideia arrojada para os padrões de então. Este é o fato relevante no caso. A ideia pioneira de plantar na frente da Coperve em uma casa comercial um computador conectado a outro computador na sede de **A União**. Isso, modem a modem, via linha telefônica, já que naquele tempo não tínhamos as vantagens da Internet que conecta você a qualquer parte do mundo em segundos. Feito isso, duas equipes estavam de prontidão esperando a listagem para ser montada, gravada em chapa e depois impressa no papel. A equipe tradicional estava sob os cuidados de Walcemi Maria e a dos "loucos sonhadores" estava com Paulo Sérgio. Era evidente o nervosismo, quando percebemos que o arquivo começava a chegar (perceba que eu não estou dizendo "baixar" o arquivo). Este arquivo estava sendo copiado do disquete lá na Epitácio Pessoa e gravado no HD do computador instalado na sede de **A União**. Terminada a gravação, começamos a paginar a listagem e a cada página pronta uma impressão em papel vegetal já ia sendo encaminhada para a montagem. Com o processo já quase concluído, chegou o motoqueiro. Foi evidente o desânimo do rapaz quando foi informado de que toda aquela correria tinha sido em vão. A listagem já estava nas últimas gravações e a rotativa já pronta para começar a rodar. Havíamos vencido e posto em prática um sonho. A tecnologia finalmente se firmara e agora tudo estaria nas mãos competentes de Gilvan, impressor chefe, e de Ademir, encarregado da circulação – ambos já falecidos.

Fechando com chave de ouro todo este empreendimento, o professor Dantas e a gerente comercial de **A União**, Lúcia Rolim, haviam fretado, no aeroclube, uma aeronave, que levou exemplares do jornal a Campina Grande, Patos e Cajazeiras.

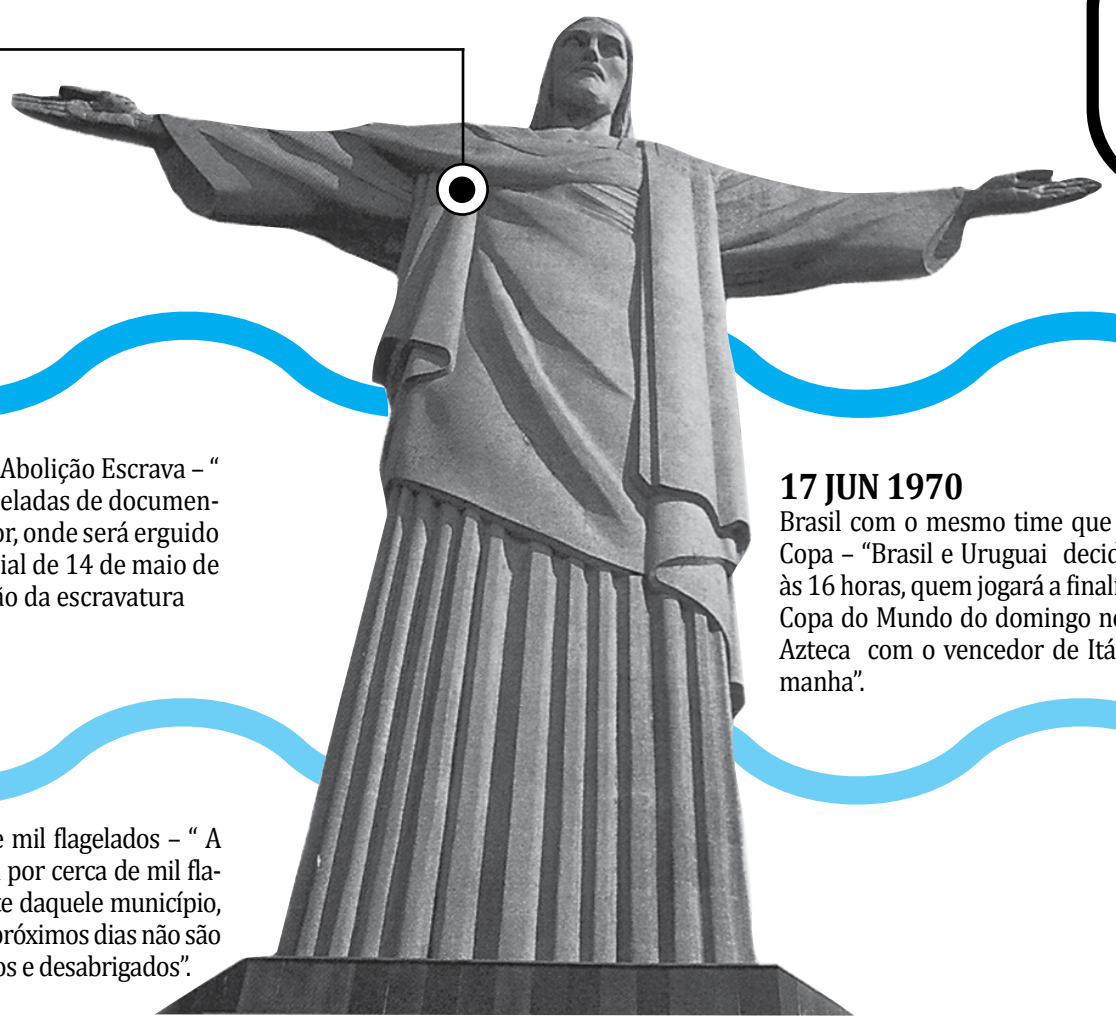
Hoje, o vestibulando acessa em qualquer parte do mundo a listagem pela Internet de forma quase que instantânea, com a liberação da Coperve.

O tempo e o evento

9 JUN 1970
Fogo ainda ameaça a estátua do Redentor – " A estátua de Cristo Redentor continua ameaçada em consequência do incêndio que se alastrou há quatro dias nas matas do morro Corcovado e do Morro das Palmeiras".

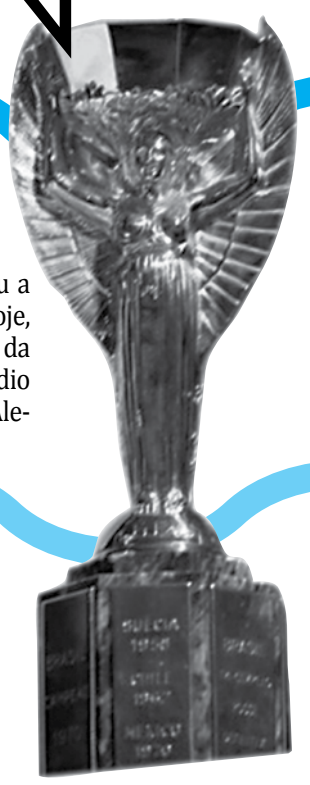
15 MAI 1970
Encontrados em Salvador Atos da Abolição Escrava – " Foi encontrado em meio a 300 toneladas de documentos, na antiga Alfândega de Salvador, onde será erguido o mercado Modelo, um Diário Oficial de 14 de maio de 1988, que publicou a lei da abolição da escravatura

19 MAIO 1970
Sousa invadida ontem por cerca de mil flagelados – " A cidade de Sousa foi invadida ontem por cerca de mil flagelados, segundo noticiou uma fonte daquele município, adiantando que a previsão para os próximos dias não são boas com a chegada de mais famintos e desabrigados".



16 JUN 1970
Brasil mais perto de conquistar a "Jules Rimet" – " O Brasil conquistou outra grande vitória nesta Copa do Mundo, abatendo domingo a seleção do Peru por 4x2".

17 JUN 1970
Brasil com o mesmo time que iniciou a Copa – "Brasil e Uruguai decidem hoje, às 16 horas, quem jogará a finalíssima da Copa do Mundo do domingo no Estádio Azteca com o vencedor de Itália e Alemanha".



20 JUN 1970
Sugerido fuzilamento para raptores – " O promotor Durval de Araújo da 11ª Auditoria do Exército, declarou que o Governo deveria adotar medidas eficazes para o banimento dos terroristas do país. Adiantou o promotor que caso o banido houvesse recorrido ao território nacional seria sumariamente fuzilado".

27 AGO 1970
Universidade de Minas aboliu vestibular – " A Universidade Federal de Minas Gerais tornou-se a primeira universidade brasileira a abolir os exames vestibulares e receber matrículas em disciplinas escolares de pessoas interessadas em completar ou atualizar os seus conhecimentos".

Três coisas que não podem faltar na agricultura familiar: incentivo, apoio e informação.

A União. Há 120 anos levando notícias da nossa terra para o homem do campo e da cidade.

EMATER PARAÍBA

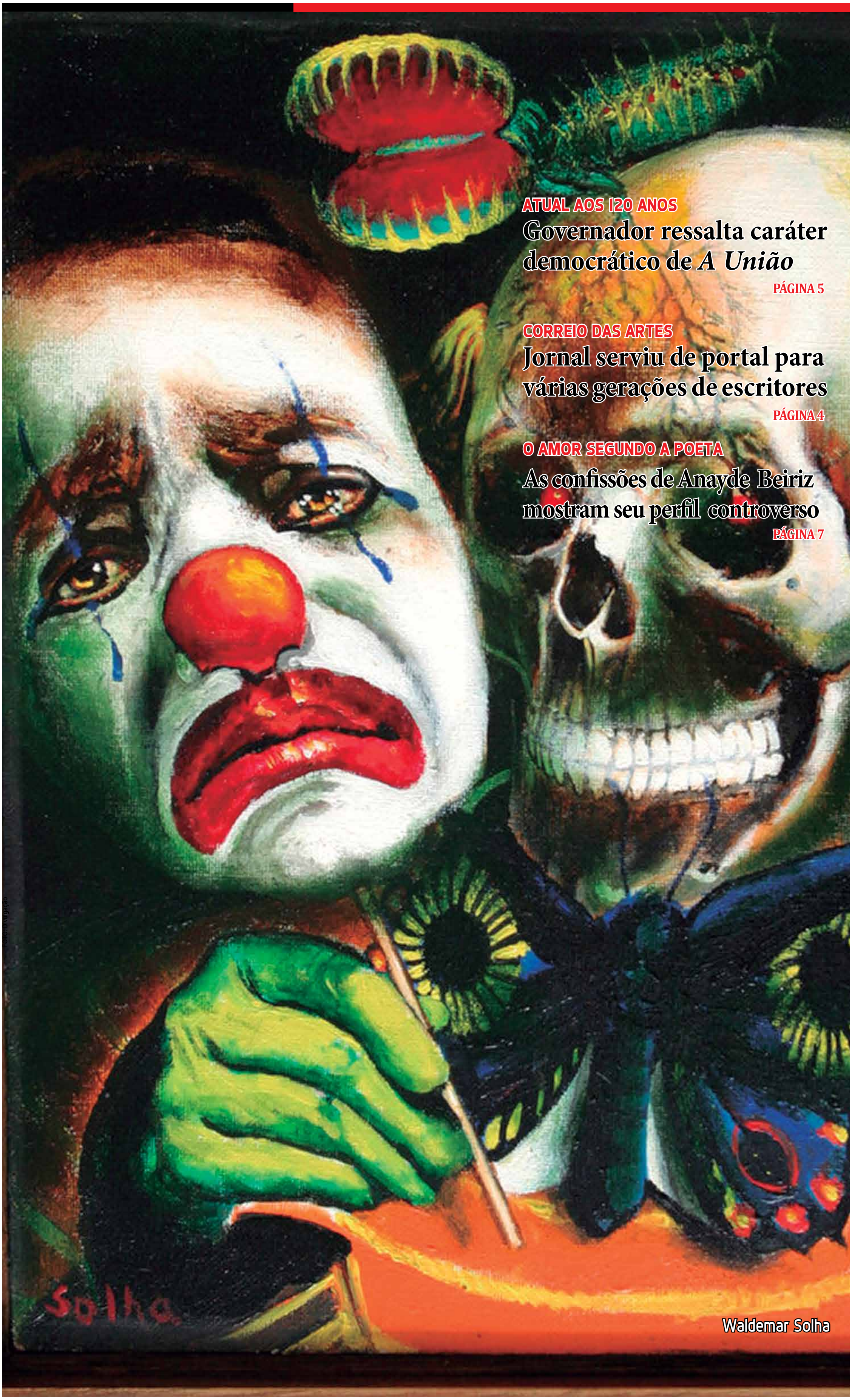
Secretaria de Estado do Desenvolvimento **da Agropecuária e da Pesca**

GOVERNO DA PARAÍBA

EDIÇÃO Especial
CADERNO 7

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013



ATUAL AOS 120 ANOS

Governador ressalta caráter democrático de *A União*

PÁGINA 5

CORREIO DAS ARTES

Jornal serviu de portal para várias gerações de escritores

PÁGINA 4

O AMOR SEGUNDO A POETA

As confissões de Anayde Beiriz mostram seu perfil controverso

PÁGINA 7

FOTO: Divulgação

Waldemar Solha

Um catalisador de cultura

Cleane Costa
cleanec@gmail.com

Fundado em 2 de fevereiro de 1893, no Governo de Álvaro Lopes Machado, **A União** é o terceiro jornal mais antigo em circulação no Brasil. Ao longo desses anos, além de se tornar conhecido como escola do jornalismo paraibano, exerceu grande influência nos movimentos culturais da Paraíba e tem contribuído para formação de leitores e escritores. Inúmeros escritores paraibanos começaram a publicar seus textos nas páginas de **A União**: José Américo de Almeida, Eudes Barros, Edson Régis (primeiro editor do Correio das Artes), Virginius da Gama e Melo, Juarez Batista, Sergio de Castro Pinto, Águia Mendes, Wellington Pereira**.** Outros, já consolidados nacionalmente, deram constribuições valiosas ao jornal, tais como Gilberto Freyre, Ledo Ivo e João Cabral de Melo Neto.

Também passaram em suas páginas nomes como Augusto dos Anjos, Orris Soares, Gama e Melo, José Lins do Rego.

O escritor José Lins do Rego foi colaborador assíduo em A União

Um jornal que respira literatura

O historiador José Octávio de Arruda Melo revelou que o jornal **A União** no século XX era uma espécie de universidade porque havia um movimento cultural na Paraíba, mas não era institucionalizado. "Era um movimento disperso", explicou.

Segundo ele, foi a partir de 1912, com a nomeação de Carlos Dias Fernandes, como primeiro diretor de **A União**, no governo de Castro Pinto, até 1960, que o jornal se tornou o foco e eixo de todo movimento cultural. "O Liceu Paraibano e a Escola Normal gravitavam em torno de **A União**. Então quem se destacava na área literária, o governo colocava em **A União**, no Liceu ou na Escola Normal, mas **A União** era o principal e o Liceu e a Escola Normal eram complementos", contou.

José Octávio lembrou que todas as figuras da literatura paraibana passaram pelo jornal de alguma forma, seja como funcionário ou como colaborador, a exemplo de Celso Mariz, José Américo e Juarez da Gama Batista. "Para se ter uma ideia da importância de **A União**, Pedro Gondim só dormia depois que o gerente do jornal, Manoel Costeira, lia o jornal para ele; e João Pessoa, antes da sua última viagem, pegou um jornal", relatou

Páginas de escritores

Para o escritor Hildeberto Barbosa, **A União** é um jornal cuja tradição histórica tem um permanente compromisso com a cultura, uma aposta permanente da presença do escritor nas suas páginas, com abertura para expor suas ideias.

Ele também lembrou que foi a partir da gestão de Carlos Dias Fernandes que **A União** passou a abrir espaço para a literatura, com a reforma feita no governo de Castro Pinto. "O próprio José Américo já dizia que, antes da Universidade existir na Paraíba, **A União** era a nossa universidade", afirmou.

Hildeberto Barbosa lembra que grandes nomes que passaram pelas páginas de **A União** são nomes que efetivamente contribuíram com a literatura paraibana, como Ademar Vidal, Álvaro de Carvalho, Osias Gomes e o próprio Edson Régis, criador do Correio das Artes.

Ele comentou que o Correio das Artes é o suplemento literário mais antigo do país em circulação e o considera "o grande portal do artista local". Mas também lembrou que o segundo caderno também abre espaço para os escritores, especialmente aos domingos, com suas reportagens culturais e críticas literárias. E citou alguns nomes de destaque que passaram pelas páginas de **A União** mais recentemente, os quais considera filhos legítimos do jornal, a exemplo de Luiz Augusto Crispim, Carlos Romero, Natanael Alves e Gonzaga Rodrigues.

E concluiu: "É o jornal mais caracterizado pelo compromisso com caráter de responsabilidade social com a cultura".

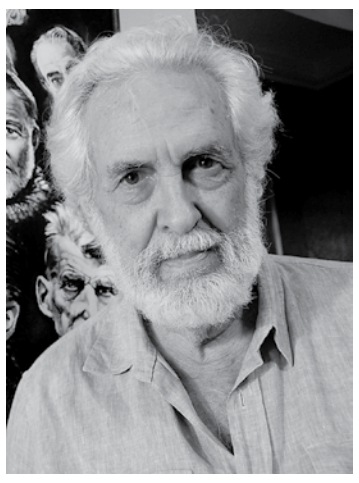
Escola de jornalistas

O professor Carmélio Reynaldo considera a Paraíba privilegiada porque, apesar de pequenina, tem uma presença marcante na cultura brasileira, citando figuras da nossa literatura que estão entre as maiores expressões nacionais, como José Américo de Almeida, José Lins do Rêgo, Augusto dos Anjos, Paulo Pontes, Virgínius da Gama e Melo. "Todos eles passaram, de alguma forma, pelo jornal **A União**. Como também muitos dos integrantes – atuais e antecessores – da Academia Paraibana de Letras", afirmou.

Ele constata que no jornalismo não é diferente: "**A União**, salvo algumas oportunidades em que sofreu com o desprezo do governante no exercício do executivo estadual, funciona como escola na formação dos jornalistas porque, devido ao estigma de ser jornal do governo, tem que primar pela qualidade para ter visibilidade e ganhar respeito. Assim, os que ingressam na profissão são levados a conviver com veteranos empenhados em projetos de obter o melhor possível para o jornal – e participar de uma empreitada dessas é lição das mais eficientes".

Carmélio Reynaldo lembrou que quando ingressou no jornalismo em **A União**, estava em curso um projeto desses, tendo à frente Biu Ramos, Barreto Neto, Martinho Moreira Franco, Marcone Cabral. No grupo de repórteres e redatores, Carlos Aranha, Cátia de França, Diógenes Brayner, Anco Márcio, Antônio Hilberto. "E, debutando na profissão, eu e Werneck Barreto".

O paraibano Augusto dos Anjos, autor de um único livro, "Eu" (1912), tornou-se um dos maiores expoentes da literatura brasileira do Século 20. A União publicou diversos artigos, ensaios e ficções decidados à obra do poeta do tamarindo.



WALDEMAR SOLHA

Nasceu em Sorocaba-SP, 1941. Reside e trabalha em João Pessoa. Escritor, dramaturgo, roteirista, produtor, ator e artista plástico. Escreveu os romances "Israel Rêmora" (1974); "A Canga" (1975); "A verdadeira história de Jesus" (1979); Zé Américo foi princeso no trono da monarquia (1984); e o poema longo "Trigal com Corvos" (2004 - Prêmio João Cabral de Melo Neto 2005), História Universal da Angústia (Prêmio Graciliano Ramos 2006). No teatro, escreveu e montou, entre outros, A Batalha de Ól Contra o Gígante Ferr (1986) e A Verdadeira História de Jesus (1988). Trabalhou como ator em vários filmes, sendo o mais recente O Som ao Redor, de Kléber Mendonça Filho (2012). É autor dos painéis [óleo sobre tela] Homenagem a Shakespeare (Reitoria da UFPB, 1997), e A Ceia(Sindicato dos Bancários da Paraíba, 1989).

Páginas que contam

A história do povo da Paraíba está em **A União**

Ricardo Coutinho
Governador da Paraíba

São poucos os jornais brasileiros que alcançaram a imponente marca de 120 anos de existência. Menos ainda os que se mantêm em plena atividade diária. Pouquíssimos também são aqueles surgidos no alvorecer da República, impulsionados pela mudança de regime. No entanto, como órgão oficial, público, patrimônio de todo um Estado, apenas **A União** pode ostentar esse feito. É única, antes e agora.

Essa inexorável circunstância já seria suficiente para que todos os esforços fossem empregados nas comemorações de tal passagem de tempo. Há mais, porém. Há paixão, cumplicidade, empatia, de lado a lado. Sempre foi assim. Uma das principais testemunhas da nossa história republicana, "A Velhinha" – como é carinhosamente chamada pelos que a conhecem de perto – chega aos doze décadas de circulação como legítima representante do mesmo sentimento que estimularia sua aparição, apenas quatro anos após o final da monarquia: espírito democrático. Esse seria o combustível a impulsionar as incontáveis vezes em que atuaria com ardor em defesa dos interesses da Paraíba e do Brasil. Sua reconhecida combatividade, mesmo questionada aos olhos antagônicos, seria sempre em prol da população, através de uma linha editorial formal, oficial, peremptória.

Nenhum outro veículo de comunicação no Estado experimentou tantas mudanças, noticiou tantos fatos, informou tantas gerações e se manteve incólume à corrosão política, ideológica e mercadológica do século XX. **A União** chega a essa invejável marca, não sem arranhões ou deslizes, mas ilesa das tramas ou interesses inconfessáveis de obscuras minorias. Avançando ou recuando, acertando ou errando, o jornal privilegiou a visibilidade, a exposição de atos e atitudes de governantes e governados, numa busca incansável pelo bem-estar geral. Do seu jeito peculiar, vem escrevendo nossa saga com a mesma jovialidade dos primeiros dias.

Para o governador Ricardo Coutinho, *A União* é a legítima representante do mesmo sentimento que estimulou sua aparição: o espírito democrático

E é por isso que a sociedade, o Governo da Paraíba, a imprensa em geral e os que fazem o longevo matutino exaltam este momento com a devida reverência e simbologia, com ações que garantam sua efetiva continuidade operacional ou em palavras impressas que contribuam para a compreensão do papel cultural e educacional intrínseco à sua atividade.

Esta edição, recheada de tradição e perspectivas, é mais uma peça na engrenagem de autoconhecimento e massificação das potencialidades desta terra brava e fértil. Conhecer a história d´**A União** é conhecer a história do povo paraibano.

Conhecer e trabalhar pelo povo da Paraíba é a missão que este Governo se impôs e que esta jovem senhora de 120 anos propaga com lucidez e pluralidade. Nas páginas do jornal, nas folhas do livro ou no papel da historiografia paraibana. Só a união de propósitos argamassa o futuro. Esse é o caso. Isso é o que conta.

Parabéns, nobre senhora! Vida longa!

Minha HISTÓRIA

Ah, que saudade me dá!

Martinho Moreira Franco
Colunista

Eu tinha 17 anos de idade quando estive pela primeira vez n'**A União**, em 1963. O jornal completava naquela época 70 anos de fundação - lá se vão 50 anos, portanto. Até já descrevi a cena, com outras palavras. Era aprendiz de crítico no borrão mimeografado do Cine Clube Charles Chaplin, do Liceu, e adentrei o set da redação temendo queimar o filme de Linduarte Noronha ou o de Antônio Barreto Neto. A **União** contava então com dois críticos de renome assinando colunas sobre cinema em suas páginas - avaliem por aí a temeridade que corri, como figurante, ao abordá-los naquele cenário. Barretinho, generoso como os heróis do faroeste, gênero da sua predileção, me disse que eu tinha futuro. Foi o mais fordiano happy-end da minha vida.

Bom, agora, corta! Como não sou programador de filmes da Sessão da Tarde, do Cine Espetacular ou da Record Filmes, não vou continuar exibindo essa reprise, claro. Abro, entretanto, uma janela, como se diz no jargão televisivo, para rememorar não mais a cena já revista, porém o ambiente em que ela se passou: a redação de **A União**, no histórico prédio da Praça João Pessoa. Pudesse definir aquele espaço em três palavras, resumiria assim: um espaço mágico. Magia cujo fascínio emanava desde o piso corrido em assoalho de tons sépia até o forro em madeira pintada de azul, grifando o décor que mais me impressionou na época: um amplo salão no qual os protagonistas dos meus sonhos de me tornar jornalista (sim, já tinha então essa aspiração) compunham um cenário que, 50 anos depois, retenho em minha memória como se fosse hoje. Desculpem o chavão, mas parece que foi ontem.

Também sinto saudades da época em que fui editor de **A União**, numa das melhores fases do jornal - apesar do editor. Com a criminosa derrubada do prédio histórico, a redação foi instalada de frente para o crime, na esquina da Duque de Caxias com a Gabriel Malagrida. Naquele endereço, vivi tempos marcantes como profissional. Tempos que nunca se apagam na minha lembrança

O tempo e o evento

21 ABR 1971
Mulher na Academia de Letras só balzaqueana – " A ausência da mulher na Academia Paraibana de Letras – onde 25 das 40 cadeiras estão vagas – é uma das causas da redução dos expoentes literários do Estado. Essa é a opinião de **Virginius da Gama e Melo**, Juarez Batista e Paulo Melo que são a favor do ingresso que terá que ser como as mulheres de Balzac, ou seja, "mulher de 30 anos, que tenha quarenta"."

3 DEZ 1971
Faleceu ex-gerente de **A União** – "**Mardokêo Nacre**, poeta popular e funcionário aposentado de **A União**, onde exerceu o cargo de gerente por mais de 20 anos, faleceu ontem vítima de mal súbito".

15 JAN 1972
Sexo de babalorixá é estudo de sociólogo – " Em sua tese para obtenção de bacharel em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Pernambuco, o sociólogo paraibano, Carlos Alberto Azevedo, afirmou que "o homossexualismo de certos babalorixás é uma consequência mística e socializante das comunidades místicas afrobrasileiras".

16 DEZ 1971
Festival Nacional de Vanguarda – (Fenav 1) – "A fase paraibana do FENAV 1, Festival Nacional de Vanguarda, será às 21 horas no Teatro Santa Roza, numa promoção conjunta de **A União**, Rádio Tabajara e Secretaria de Divulgação e Turismo".

23 NOV 1971
Crime da Bambu abalou toda a opinião pública – " Pelo fato de ter reclamado de "play boys" o amassamento do paralama do seu automóvel de praça (um opala 70), o motorista Francisco Delfino Sobrinho, de 22 anos, recebeu como resposta um tiro na testa e outro abaixo do peito esquerdo, o crime foi registrado em frente à Churrascaria Bambu."

21 JAN 1972
Ortografia nova entra em **A União** – " A partir de hoje, **A União** circula de acordo com as modificações introduzidas no sistema ortográfico. De acordo com a publicação no Diário Oficial, está em vigor a nova ortografia brasileira que simplifica a acentuação das palavras".

A União e a literatura

Jornal serve de portal de entrada na vida literária

Hildeberto Barbosa Filho
Especial para A União

Na tradição do jornalismo paraibano, **A União** possui um diferencial. Desde sempre tem sido o órgão de imprensa mais diretamente comprometido com as exigências do jornalismo literário. Seu **Correio das Artes** é expoente dessa vertente.

Tal fato implica não somente numa cuidadosa cobertura do universo das letras, em todas as suas modalidades, mas também no caráter, não raro, estético, intrínseco aos textos, gêneros e discursos que compõem suas páginas. Isto, sem falarmos na presença contínua e forte de escritores, cronistas, ficcionistas, poetas, ensaístas voltados para a palavra, tanto naquilo que ela carrega em conteúdo quanto no que pode ostentar de valor estilístico, de integridade, simetria e claridade, ou seja, de beleza, para me valer da canônica lição de São Tomás de Aquino.

A literatura, portanto, é uma das faces mais visíveis e relevantes do velho jornal. Desde o início, mas, sobretudo, a partir da gestão de Carlos Dias Fernandes, ainda na primeira década do século passado, o compromisso com essa expressão da cultura permeia os diversos modelos textuais. Quer na objetividade das informações, quer no ângulo opinativo, quer nas dimensões interpretativas, e, mesmo no campo dos serviços e do entretenimento, a "coisa literária" se faz presente como um dos valores essenciais da história e da arte.

Num sentido, o jornalismo literário de **A União**, focado na notícia, na reportagem e nos variados *features*, atém-se ao mundo literário em seus aspectos editoriais, eventológicos, históricos, econômicos e sociais. As entrevistas, os perfis, as polêmicas, os bastidores do mercado de livros e da vida dos escritores como que formam a pauta informativa e interpretativa dos fatos e acontecimentos da vida literária. Aqui, o vetusto periódico garante, em nível de excelência pouco demonstrado por outros veículos, a prática do jornalismo literário em sua modalidade extrínseca, isto é, em seu feitio informativo e investigativo, tendo como escopo prioritário o esclarecimento do leitor a respeito do universo literário.

Noutro sentido, esse tipo de jornalismo, agora convocando o olhar do escritor, não somente para os interstícios da realidade, mas, de certo modo, para os ingredientes materiais e artístico que envolvem o discurso, adentra os caminhos de um jornalismo literário intrínseco, ou, dito de outra forma, um jornalismo que incorpora, à componente da linguagem e das técnicas de expressão, mecanismos próprios da arte da palavra. Nesta acepção, o jornal se faz literário, não porque contempla as sinuosidades e facetas da vida literária, mas porque sua linguagem, sobretudo materializada em certos gêneros, em nada difere da linguagem literária. O editorial, a crônica, o artigo de fundo e, principalmente, a inserção de formas estéticas, como o poema, o conto, o fragmento de romance, o ensaio, as memórias e outros gêneros heterodoxos, respondem pela marca de literariedade presente nos textos de **A União**.

Nessa dimensão intrínseca, que transforma **A União** numa espécie de portal de entrada do escritor paraibano na vida literária, dando-lhe visibilidade perante seus pares e o público leitor, é bom lembrar, à guisa de conclusão, alguns nomes, "maiores e menores", que contribuíram e contribuem decisivamente para a formação do sistema literário local. Ei-los: Carlos Dias Fernandes, Augusto dos Anjos, José Vieira, José Lins do Rego, Américo Falcão, José Américo de Almeida, Raul Machado, Perilo Doliveira, Silvino Olavo, Eduardo Martins, Ascendino Leite, Osias Gomes, Juarez da Gama Batista, Édson Régis, Carlos Romero, Juarandy Moura, Sérgio de Castro Pinto e tantos e tantos outros.

Correio das Artes

Ano I — Número 1 — SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" — Domingo, 27-3-1949

NOTA DE CENTENARIO

HAROLDO BRUNO

HAVIA em Brunetière cujo centenário comemoramos êste ano, um senso do particular, um sentido do valor da obra estética, uma sensibilidade moral que geralmente escapam aos críticos dogmáticos. De um relêvo singular, quase único, sabe-se ser a posição que é teórico de "L'evolution des genres" concederá a Madame de Staël nos movimentos de renovação do pensamento crítico na França, um lugar sem dúvida maior que o de Chateaubriand, em cujo contrôle sentimos crescerem a originalidade, a influência, a grandeza de seus dois célebres livros "De la littérature" e "De l'Allemagne". E mais que por êsses atributos, num plano de categorias literárias, o que sempre deve ter impressionado como o seu dom pessoal mais característico seria o julgamento invariàvelmente amplo, a capacidade de generalização dêstas como um meio para chegar a unidade do espírito criador total e permanente.

Crítica exercida sôbre as grandes linhas da sociedade, é ao mesmo tempo uma tomada de consciência do fenômeno literário específico, que só por êsses caminhos vastos se explica. Tanto o naturalismo de Taine como o de Brunetière teriam um precursor em quem assim escrevia: "Je me suis proposé d'examiner quelle est l'influence de la religion, des mœurs et des lois sur la littérature". Mas dentro dessa amplitude de perspectiva sob um ângulo diverso, Brunetière, inimigo de toda crítica impressionista, de toda doutrina hedonista da arte, aproximar-se-ia muito mais de sua finalidade.

De De Staël não tinha certamente aquela lucidez e sutilidade que levaria uma romântica igual a ela a reconhecer em Racine o

Treno para Cas

MORREU UM T... EM ESPANHA, NA PRAÇA D... MALIGNA, ONDE TANT... EM TOALH...

NUM CA... O MAIOR... DE TOD... PELAS ... MORRE... COMO

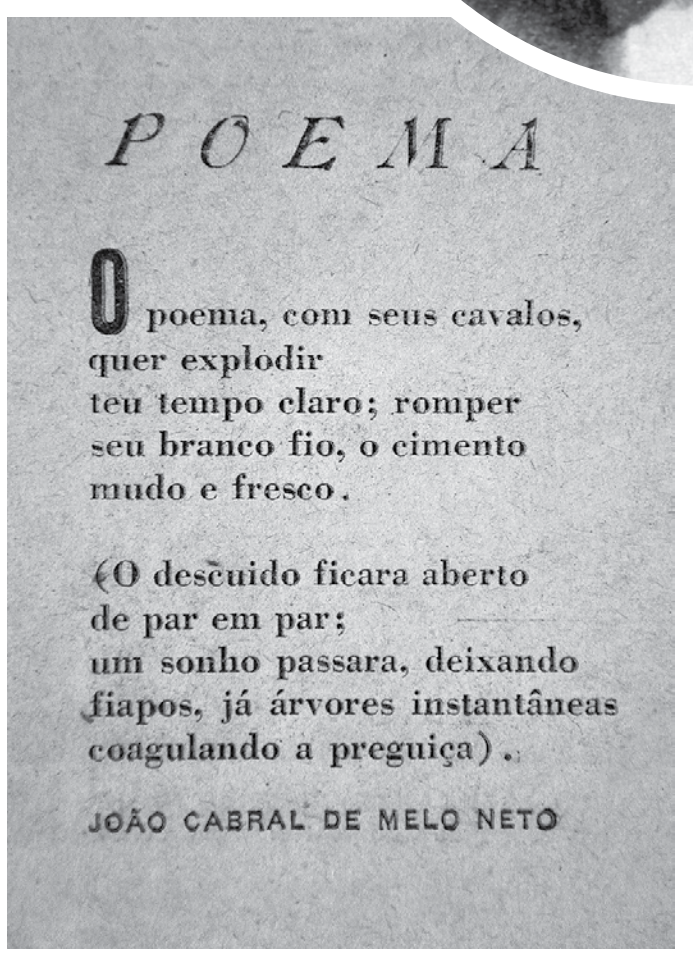
FAZIA... FAZIA... A RA... COM... DE N... DE I...

E O... UMA... GEM... QUE... DO P... DE E...

FERNAND...

da crítica de um Sarcey e de um Prévost-Paradol. Seu transformismo estava animado por uma ardente compreensão do caráter total da literatura. Justamente por isso é que ao contrário de Taine acabando consequência lóg... pensamen... cupa...

poeta mais persistente, nem dentro da sua concepção orgânica a mesma liberdade de julgamento. A subordinação de suas idéias a um sistema científico não apresentar, contudo, a rigidez que notamos na obra de Taine, nas "Essais de critique et d'histoire" ... na "Philosophie de l'... onde quase se ch... esquecimento co... relações com... dade, que... vam par... ou dos...


POEMA

O poema, com seus cavalos,
quer explodir
teu tempo claro; romper
seu branco fio, o cimento
mudo e fresco.

(O descuido ficara aberto
de par em par;
um sonho passara, deixando
fiapos, já árvores instantâneas
coagulando a preguiça).

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Primeira edição do Correio das Artes, de 1949, e Perilo Doliveira, um dos poetas que participaram ativamente da cena literária paraibana. Ao lado, poema de João Cabral de Melo Neto publicado em 49 no caderno cultural de A União

O tempo e o evento

5 FEV 1972
Paul McCartney está na Bahia e quer pesquisar o folclore paraibano – "Paul McCartney que chegou essa semana ao Brasil completamente despercebido e fazendo questão de permanecer incógnito, pode vir a Paraíba a qualquer momento. O famoso ex-beatle está na Bahia, hospedado na casa do escultor Mário Cravo e interessado pelo folclore nordestino".

16 JUN 1972
País lamenta a morte de Leila Diniz – " A morte da atriz Leila Diniz foi anunciada ontem por todas as emissoras de rádio e televisão da Guanabara, após contatos telefônicos com as embaixadas brasileiras no Japão e na India. A embaixada brasileira na India informou que está providenciando a remoção do corpo de Leila Diniz dos destroços do avião".

22 FEV 1972
Nixon e Mao surpreendem mundo antecipando encontro histórico – " O presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, e o Presidente do Partido Comunista Chinês, **Mao Tse Tung**, surpreenderam ontem o mundo quando se reuniram um dia antes da data prevista. Não foram dados detalhes sobre o encontro".

9 FEV 1972
Paulo Afonso torna-se a terceira hidroelétrica do país – " Iniciando uma visita ao Nordeste, o presidente Garrastazu Médici inaugurou, ontem a nova casa de força da usina de Paulo Afonso".

22 JUN 1972
Programada a chegada de **D. Pedro I** – " A Comissão do Sesquicentenário da Paraíba reuniu-se ontem no Salão Nobre do Palácio da Redenção e aprovou a programação definitiva para a vinda dos despojos do Imperador D. Pedro I, à Paraíba, no dia 5 de julho próximo".

Poemas inéditos

Alvorecer

O dia acorda
claro, lento e leve.

Leve, lento e claro
canta meu pássaro
na clareira da gaiola.

Que mistério liga
coisas tão simples
sob o sol que aquece
este poema?

Hildeberto Barbosa Filho

Três tigres felizes

Para Lau Siqueira e Hélio Leites

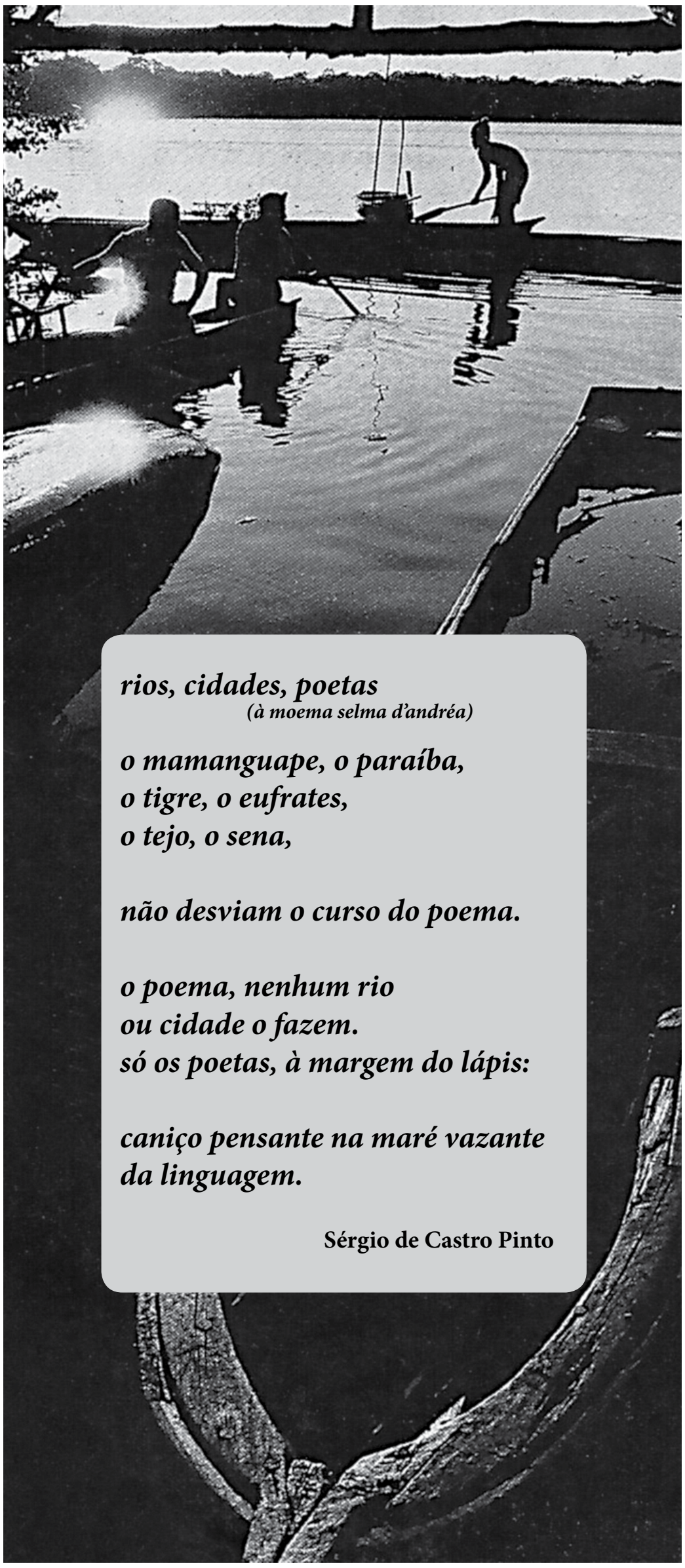
Íntimo de pássaros,
tinjo-me de tigre
pra não ser infeliz.

Entre a jaula e bala,
saraivada vertical
de um certo chafariz.

Esse voo não é fácil,
desdenho eu
das miragens.

Antônio Mariano

FOTO: Gustavo Moura



rios, cidades, poetas
(à moema selma d'andréa)

o mamanguape, o paraíba,
o tigre, o eufrates,
o tejo, o sena,

não desviam o curso do poema.

o poema, nenhum rio
ou cidade o fazem.
só os poetas, à margem do lápis:

caniço pensante na maré vazante
da linguagem.

Sérgio de Castro Pinto

Soneto com deixa de Mário Quintana

"Com a displicência de um fantasma inglês"
que percorre um museu adormecido,
eu passeio, sem pressa e sem ruído,
nos corredores do Era Uma Vez.

Cavaleiros de escudo e elmo partido,
ninfas, corvos, portais, restos de reis,
planetas, explosões, sacis, ETs...
e eu anotando O Que Teria Sido.

Da vasta cornucópia do improvável
vejo sempre a brotar a interminável
cachoeira febril do Sempre Mais.

A mente é pouca, o mundo é tanto. Tantos.
E eu prefiro seus medos, seus espantos,
ao pântano sem luz do Tanto Faz.

Bráulio Tavares

À sombra das chuteiras imortais

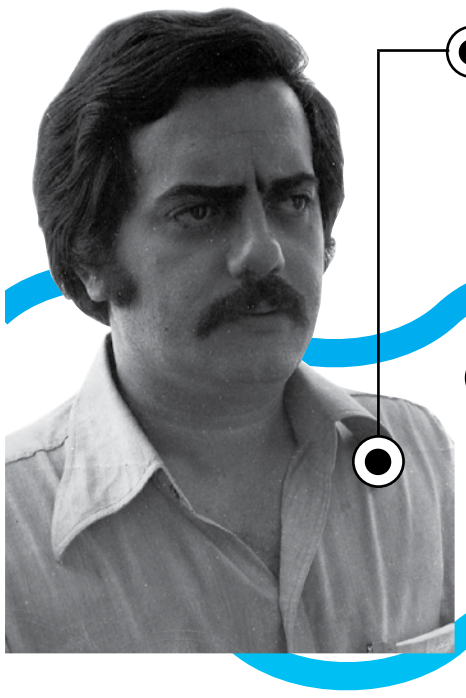
ter a dádiva de Dadá,
que a despeito do aço no peito,
alçava-se, pairava no ar,
helicóptero insurreto;

e o passo bamba de Garrincha
em diatribes pelo drible:
com o fito de ser finta
tornava pernas em móbiles;

ainda o rigor de Falcão
(da flama à fleuma sulina):
com o pé que tivesse à mão
reinava à relva, sem rapina.

Ricardo Farias

O tempo e o evento



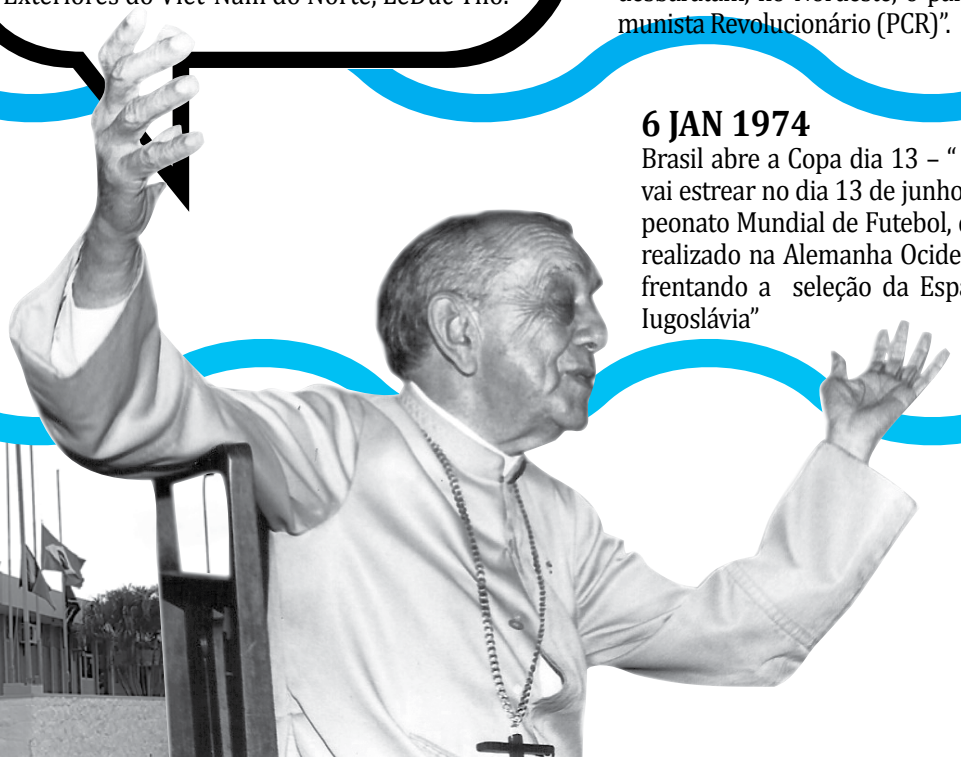
19 JAN 1973
Escritor paraibano diz que a literatura passa por multidão – " A literatura brasileira está cada vez mais modificada." A recente proibição, no país das obras de Picasso, sob a alegação de serem eróticas é completamente absurda, diz o escritor **Sérgio de Castro Pinto**".

1 DEZ 1973
D. Helder agraciado com o Nobel – " O arcebispo de Olinda e Recife, **Dom Helder de Barros Câmara**, vai receber o Prêmio Nobel da Paz alternativo, instituído por intelectuais europeus, revoltados com a concessão da outorga ao secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger e o ministro das Relações Exteriores do Viet-Nam do Norte, LeDuc Tho.

8 DEZ 1973
Organização Subversiva é desarticulada no Nordeste – " Prosseguindo as operações de completa desarticulação das organizações subversivas em atuação em todo o país, os Órgãos de Segurança desbaratam, no Nordeste, o partido Comunista Revolucionário (PCR)".

17 MAR 1973
Ernani inaugura hoje novo prédio do jornal **A União** – " Oitenta e um anos após sua fundação e depois de ter passado alguns meses funcionando provisoriamente nas ruas Duque de Caxias e João da Mata, o jornal **A União** recebe do governador Ernani Sátyro o prédio que servirá para suas instalações definitivamente no Distrito Industrial".

6 JAN 1974
Brasil abre a Copa dia 13 – " O Brasil vai estrear no dia 13 de junho, o Campeonato Mundial de Futebol, que será realizado na Alemanha Ocidental, enfrentando a seleção da Espanha ou Iugoslávia"



30 NOV 1972
O mistério da estudante desaparecida – Panta interroga hoje o estudante Humberto paredes – " o universitário Humberto Lacerda Paredes, será interrogado e qualificado pelo capitão Tomaz Panta, delegado de Santa Rita, nomeado para presidir o inquérito sobre "O Crime da BR-101".

PUBLICIDADE

Jornal
A UNIÃO

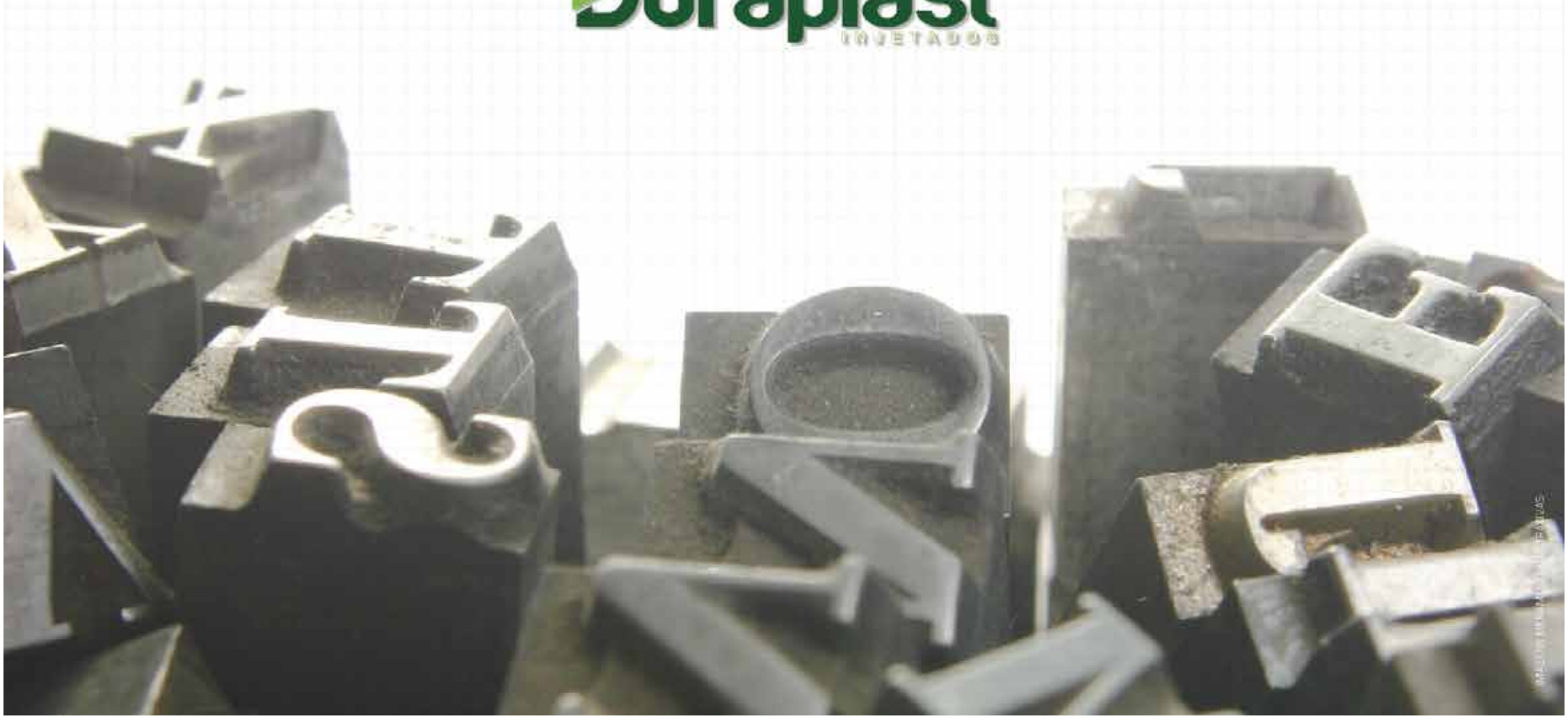
Viveu a História;
Registrou os fatos;
Lutou pelos nossos desafios;
Resistiu ao tempo e
transformou em memória
nossos acontecimentos.

O único jornal oficial do Brasil, completa hoje 120 anos.

Jornal A União
Fazendo parte da Impressa
Oficial da Paraíba e da
memória do nosso Estado.

Uma homenagem:

10 ANOS
Duraplast
INJETADOS



PUBLICIDADE

Anayde: confissões de amor

Em janeiro de 2004, o jornalista Fernando Moura, hoje superintendente de **A União**, publicou um perfil inédito da professora e poeta Anayde Beiriz, a partir de respostas dadas por ela a um questionário, na década de 1920. Nele, estão traçadas as linhas que nos fazem compreender a sua personalidade simples e ao mesmo tempo controversa. Anayde, que namorou o advogado João Dantas, se viu envolvida nos sangrentos acontecimentos que antecederam a Revolução de 30. Para o jornalista, o amor - e mesmo a morte - foi a principal motivação de vida de Anayde. "Pode-se lá viver sem ter amado alguém?", era um dos questionamentos da poeta às amigas de adolescência. E Fernando Moura continua: "Antes de completar 26 anos, Anayde Beiriz provaria a taça de fel dessa opção, embarcando nas nebulosas brumas do suicídio, após a morte do advogado João Dantas, sua derradeira e mais intensa paixão. Atitude extrema que não chegou como lampejo visionário para a fuga dos sentidos. Vinha de tempos essa certeza. Aos 19 anos, já respondia categórica aos que lhe indagavam sobre o que estaria disposta a fazer pela pessoa amada. "Tudo, até a morte", sentenciaria. Só não imaginaria, então, que morreria abandonada e acuada, envenenada de medo por drágeas de angústia, no Asilo Bom Pastor, em Recife, em meio à turbulência dos dias que se seguiram ao assassinato de João Pessoa e ao misterioso suicídio do próprio noivo, autor dos disparos que ceifariam a vida do então presidente da Parahyba do Norte". Reproduzimos nesta edição trechos importantes da "entrevista" com Anayde Beiriz.

Diz-me o teu nome?
Anayde Beiriz.

A data do teu aniversário?
Ficou para além das idades...

A tua terra natal?
A encantadora e adorável Cidade dos Jardins.

Tua paixão dominante?
O oriente- terra do mistério e do sonho.

O que mais te entusiasma?
Uma vitória esportiva do América Futebol Clube.

E desanima?
A certeza de envelhecer. " O amor é um evangelho. Que entender já não pode o coração de um velho".

O que mais te ataca os nervos?
Um moleque metido a sebo.

Teu passatempo favorito?
Recordar...

A quem dedicas o teu maior afeto?
A mim mesma.

Qual o teu melhor pensamento?
Um amor que se fez saudade.

Quais os olhos que te prendem a atenção?
Os verdes. São dois mares tranquilos onde bóiam, por vezes, as caravelas errantes do nosso destino.

E sua expressão mais bela?
A do êxtase.

Qual a pessoa que te é mais querida? Porque?
Ele, o meu Hery. Sei lá! Caprichos do coração.

A frase que até hoje mais te impressionou?
"Esquece-me".

Qual a tua maior recordação?
Aquele beijo que morreu sem ter vivido.

Guardas algumas coisa como relíquia: De quem ?
Uma das cartas, um retrato... Do meu Amor.

Já te seduziu alguma coisa? O que foi?
Uns olhos. " Olhos tão grandes e tão negros, sois um céu sem luar partido em dois".

Tens alguma incerteza? Qual é?
A incerteza de ser a única no coração dele.

Qual o estado do teu coração?
Um vulcão encoberto por uma geleira.

Se ele falasse o que te diria?
O que os meus olhos dizem e ninguém compreende.

O passado te é saudoso?
De uma saudade dolorosa e infinita.

Qual a tua maior mágoa?
Saber-me fraca para vencer a fatalidade do meu destino.

Já amaste?
"Se amei? Se amei?" Pode-se lá viver sem ter amado alguém?

E ainda amas?
Sim, embora minha alma, presa a eternas ânsias, viva sempre escrava do sonho impossível.

De quem sentes mais saudades?
De uns olhos que beijavam os meus olhos...

Defina-me a saudade?
Talvez seja o desejo pungente da alma de voltar para onde ficou outra alma.

Qual seria o dia de tua maior ventura?
Aquele em que realizasse o meu sonho de amor.

Qual o teu perfume predileto?
Fougére Ambreé –sutil como um contato de pulma, penetrante como a ponta de um estilete envenenado...

Que flor preferes?
Rosas rubras. "Rosas vermelhas, flores do pecado, flores que lembram sangue derramado..."

O que mais te prende à vida?
A incerteza do nada?

O que farias pela pessoa que amas?
Tudo, até a morte.

O que mais bendizes na vida?
O meu amor exaltado e triste.

E maldizes?
A própria vida.

Desejarias ter quem te consolasse?
Sim. Ainda que fosse no deslumbramento de um sonho que passasse.

Quem era?
"Ele", o meu amor.

Qual a prisão que desejarias ter?
Para os meus olhos, os seus olhos, para o meu corpo o seu corpo, para a minha boca a sua boca...

A pessoa que te é mais simpática?
Heriberto Paiva.

O que achas do casamento?
A escravidão do amor para um só destino: a prosaica descendência.

Com quem desejarias casar?
Com "Ele".

Qual o veículo que escolherias para a tua viagem nupcial?
Um submarino ...

Onde desejarias passar a tua lua de mel?
Sob o céu azul da Itália: a terra da poesia e da arte.

Qual o teu maior desejo?
Eu desejaria o "Beijo Eterno", de Bilac.

E o teu ideal?
Casar-me com "Ele"

Tens tido sensações?
Sei lá! Sei lá! O meu desequilíbrio nervoso é ... um caso sério.

Gostas de sonhar? Com quem?
Acordada. Com o que nunca há de vir...

O que dizes do sonho?
O azul da realidade.

Qual o teu sonho de felicidade?
Um amor absoluto, imutável, mais forte que as leis da vida e da própria natureza.

E o que poderia destruí-lo?
A vontade de Deus.

Alimentas esperança?
Esperança! Miragem deslumbrante e fugitiva do deserto da vida.

O que dizes dos homens?
Há os de toda espécie.

E das mulheres?
Nossa Senhora me perdoe, mas eu passo.

És feliz?
Dolorosa interrogação!

E crês na felicidade?
"Ela é a opala do sonho, a leviandade. Passa de mão, muda de cor". mudança".

O que pensas de ti?
"Sou uma câmara ardente da existência, a lâmpada velada..."

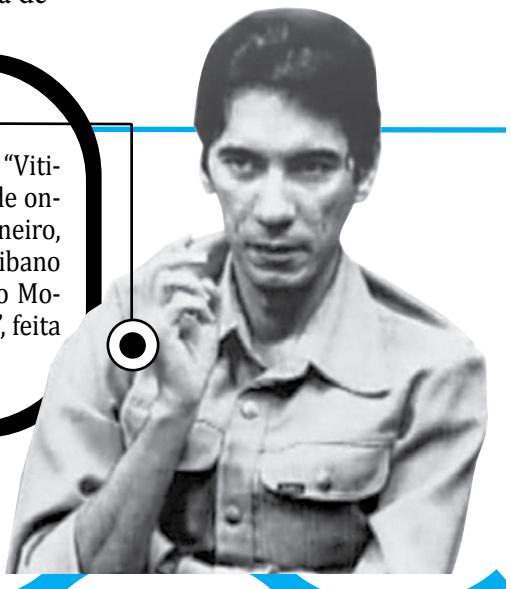
O que há de melhor na vida?
"Essa angústia fatal que é supremo prazer, da alegria de se amar para depois morrer".

O tempo e o evento

25 JAN 1974
Obras do Centro Administrativo serão inspecionadas por Ernani – "O governador Ernani Sátyro vai inspecionar hoje às 8 horas em João Pessoa os trabalhos de construção do Centro Administrativo de Jaguaribe, onde serão instaladas todas as Secretarias de Estado em cinco edifícios de sete andares, e o Palácio dos Despachos".

26 AGO 1975
Missa no Rosário pelas vítimas do desastre da Lagoa – "Será celebrada hoje, às 10 horas, na Igreja do Rosário, uma missa em sufrágio das ví timas do acidente ocorrido domingo, à tarde, na Lagoa, quando uma portada tipo M2, do Exército, afundou matando mais de 30 pessoas"

28 DEZ 1976
Paulo Pontes morte no Rio aos 35 anos – "Vitimado por um câncer, morreu na manhã de ontem, no Hospital Samaritano, no Rio de Janeiro, o teatrólogo Paulo Pontes, 35 anos, paraibano de Campina Grande, ganhador do Prêmio Moliere de 1975, por sua peça "Gota D'Água", feita em parceria com Chico Buarque".



2 FEV 1974
São Paulo parou para socorrer vítimas do incêndio – " Todos os hospitais de São Paulo foram mobilizados para atendimento às vitimas do incêndio ocorrido no Edifício Andraus, de 21 pavimentos. Até as últimas horas de ontem, 80 corpos haviam dado entrada no Instituto Médico Legal."

2 AGO 1975
Paraíba lamenta a morte de Virginius – " Uma insuficiência circulatória registrada às 9 horas no Prontocor, antecedia de mal súbito que começou em sua residência, matou ontem o escritor, crítico literário e jornalista Virginius da Gama e Melo, colunista de **A União** que chegou a obter seis prêmios literários nacionais".

2 FEV 1979
Burity escolhe Damásio Franca para Prefeitura – " O novo prefeito de João Pessoa é o Sr. Damásio Franca. O anúncio foi feito ontem, pelo governador eleito Tarcisio Burity, durante encontro com a imprensa em seu escritório na Rua João Amorim".

24 MAI 1979
Abelardo reata com o Poder depois do exílio e cassação – "O presidente João Baptista de Figueiredo disse ontem ao ex-ministro, cassado, do Governo João Goulart, Sr. Abelardo Jurema, que a anistia caminha bem e celeremente, mas queixou-se da oposição por assim não compreender e não ajudá-lo, dando uma colaboração efetiva no processo de abertura democrática".

O SEGREDO DA LONGEVIDADE
É RENOVAR AS ENERGIAS.
E OLHA QUE, NESTE ASSUNTO,
A PBGÁS É ESPECIALISTA.

Nossos cumprimentos ao jornal A União, pelos
120 anos de serviços prestados ao povo paraibano.

Após a alegria de comemorar o aniversário de 18 anos da Companhia Paraibana de Gás em 2012, é uma honra imensa parabenizar o jornal A União pela admirável marca alcançada: seus 120 anos de existência. Somente uma empresa que mantém viva sua importância para a sociedade conseguiria um feito tão significativo.

PBGÁS
COMPANHIA PARAIBANA DE GÁS
BR GASPETRO · MITSUI GÁS · GOVERNO DA PARAÍBA

EDIÇÃO Especial
CADERNO 8

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013

FUTEBOL COM ARTE

A Seleção Brasileira nas páginas de *A União* e o tricampeonato

PÁGINA 2

A BOLA CHEGOU

Primeira equipe paraibana faz partida inaugural em 1908

PÁGINA 3

PÁGINAS DA SERRA

Campina Grande é presença marcante desde o século 20

PÁGINAS 4 e 5

Clóvis Júnior

Artista da capa

1970: muita saudade do Tri

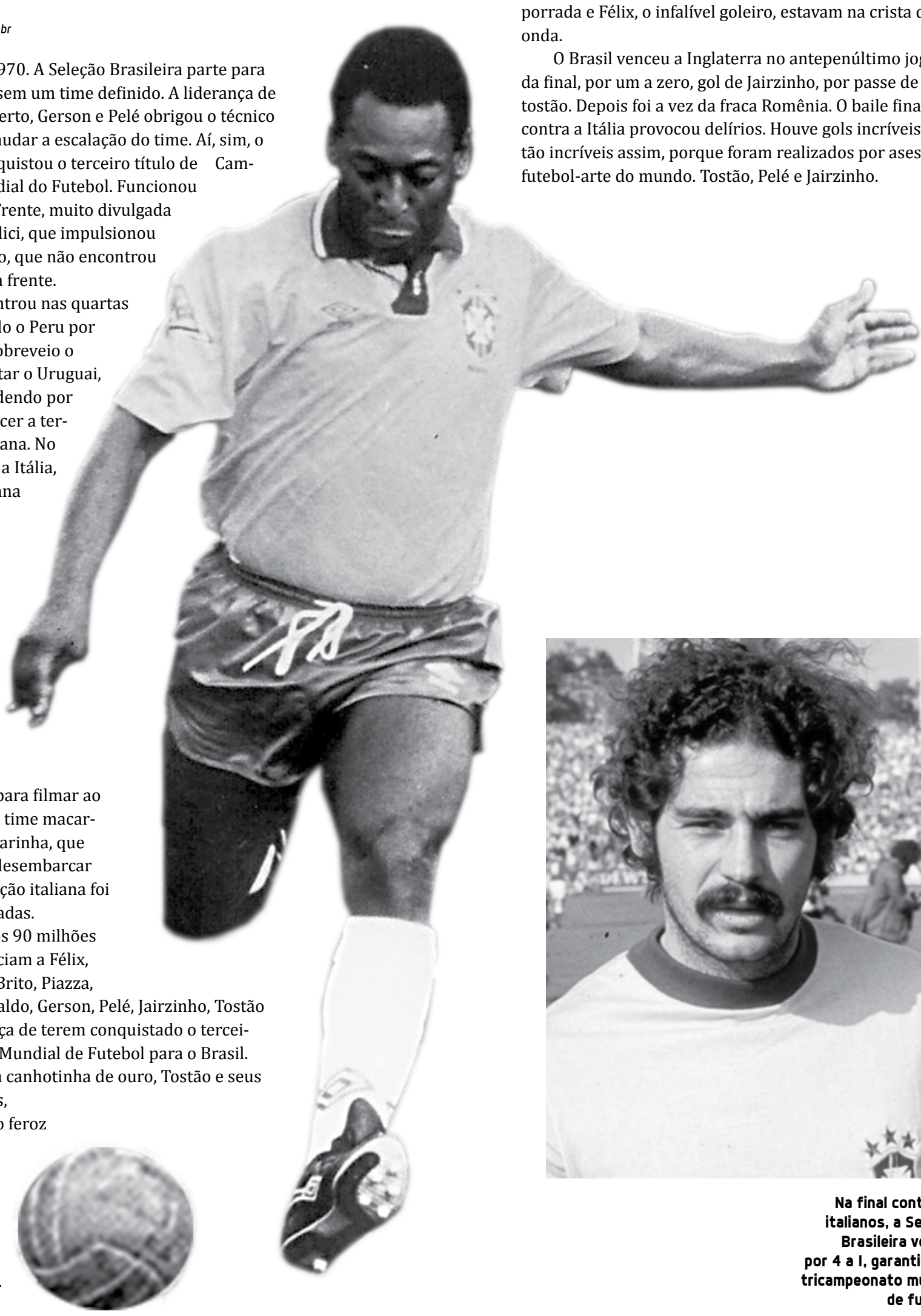
Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

Junho de 1970. A Seleção Brasileira parte para o México, sem um time definido. A liderança de Carlos Alberto, Gerson e Pelé obrigou o técnico Zagalo a mudar a escalação do time. Aí, sim, o Brasil conquistou o terceiro título de Campeão Mundial do Futebol. Funcionou a Corrente Pra Frente, muito divulgada no Governo Medici, que impulsionou o time canarinho, que não encontrou adversários pela frente.

O Brasil entrou nas quartas de final vencendo o Peru por quatro a dois. Sobreveio o medo de enfrentar o Uruguai, que acabou perdendo por 3x1. Faltava vencer a terrível azurra italiana. No dia do jogo com a Itália, a torcida mexicana favorecia o Brasil. Era 21 de julho de 1970. O Brasil venceu os italianos por 4x1. Se bem que um avião da TV italiana estava equipado com aparelhos de última geração para filmar ao vivo a vitória do time macarroni sobre a canarinha, que não existiu. Ao desembarcar em Roma, a seleção italiana foi recebida a pedradas.

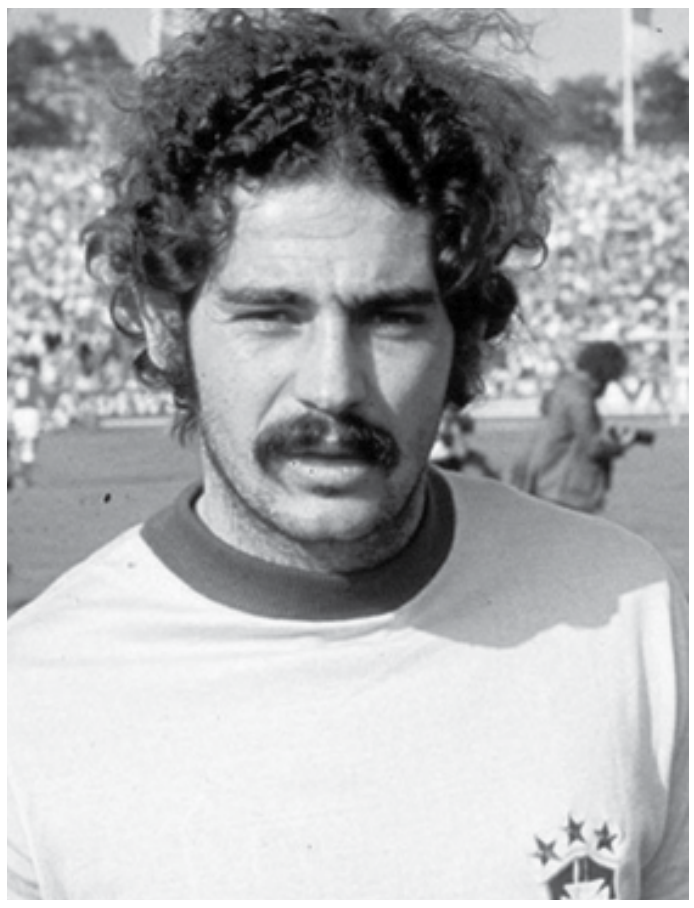
No Brasil, os 90 milhões em ação agradeciam a Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo, Clodoaldo, Gerson, Pelé, Jairzinho, Tostão e Rivelino, a graça de terem conquistado o terceiro Campeonato Mundial de Futebol para o Brasil. Gerson, com sua canhotinha de ouro, Tostão e seus dribles infalíveis, Carlos Alberto, o feroz zagueiro que teve a coragem de desferir uma botinada em Lee, o atacante inglês que gostava de jogar porrada e Félix, o infalível goleiro, estavam na crista da onda.

O Brasil venceu a Inglaterra no antepenúltimo jogo da final, por um a zero, gol de Jairzinho, por passe de tostão. Depois foi a vez da fraca Romênia. O baile final contra a Itália provocou delírios. Houve gols incríveis. Não tão incríveis assim, porque foram realizados por ases do futebol-arte do mundo. Tostão, Pelé e Jairzinho.



CLÓVIS DIAS JÚNIOR

Clóvis Júnior nasceu em Guarabira (PB) . Reside em João Pessoa desde os 17 anos. O artista trabalha com pinturas, esculturas e gravuras. Sua primeira participação como artista plástico foi no ano de 1983, aos 18 anos de idade. Conta em seu currículo com mais de 30 exposições individuais no Brasil e no mundo e mais de 40 exposições coletivas. Participou da Bienal Naifs do Brasil, em São Paulo; Exposição Bikoo-kem (Eco 92), no Rio de Janeiro. De 1983 até hoje, ele soma em seu currículo uma lista de 25 exposições individuais no Estado, no Brasil e no mundo, destacando-se trabalhos realizados na Flórida, Nova York, Washington, Ovar (Portugal), Paris, Buenos Aires e exposição internacional de Cartazes Contra o Racismo, na Alemanha, entre muitas outras.



Na final contra os italianos, a Seleção Brasileira venceu por 4 a 1, garantindo o tricampeonato mundial de futebol

O futebol chega à Paraíba em 1908

Primeira equipe de futebol do Estado foi o Parahyba Foot ball

Geraldo Varela
Editor de Esp orte

Após doze décadas, **A União** tem o privilégio de ter testemunhado e impresso em suas páginas os mais importantes acontecimentos no futebol paraibano, nacional e internacional, a maior paixão do povo brasileiro. O jornal sempre "bateu um bolão", trazendo o que de melhor acontece no futebol, basquete, vôlei, futsal, handebol e tantos outros esportes.

O esporte nas páginas do matutino começou de forma discreta nas primeiras décadas. O futebol era coisa dos ingleses, os criadores, e só em 1895 o paulista Charles Miller trouxe a primeira bola ao Brasil, mas na Paraíba os registros dão conta da chegada dela 13 anos depois, quando o acadêmico José Eugênio Soares a trouxe do Rio de Janeiro e com outros colegas fundou o "Club de Foot Ball Parahyba". Como não podia deixar de ser, para a primeira demonstração, dividiram o clube recém-fundado em duas equipes: Norte e Sul.

Tomadas as necessárias providências, realizaram o primeiro ensaio de futebol, na tarde do dia 15 de janeiro de 1908, no local denominado "Sitio do Coronel Manoel Deodato" nas imediações onde hoje localiza-se a Praça da Independência, em João Pessoa. O jogo foi visto por várias famílias, entusiasmadas com a novidade.

Não demorou a formação de novos clubes, disputas de campeonatos, até a criação da "Liga Parahybana de Foot Ball", no dia 5 de março de 1914. Depois vieram a Liga Desportiva Paraibana em 1919, a Federação Desportiva Paraibana em 1941 e finalmente a Federação Paraibana de Futebol em 1947. **A União** cobriu jogos ocorridos nestas épocas.

CLUBES EXTINTOS

Você já ouviu falar de Pytaguares, Colégio Pio X, Brasil Foot Club, América Foot Clube, Red Cross, Club Atlético Parahybano, Estrela do Mar, Parahyba United ou Parayba Foot Club? Esses clubes essencialmente amadores foram campeões num período entre 1908 e 1922 em que o torcedor ainda namorava com o futebol.

Tumulto na abertura do estádio Almeidão

A União marcou presença nas inaugurações dos estádios Almeidão, em João Pessoa, e Amigão, em Campina Grande, com capacidade de público, cada um, de 45 mil pessoas. Na festa do Almeidão, dia 9 de março, um incidente foi verificado. Ao final do primeiro tempo do jogo entre Botafogo paraibano e Botafogo carioca um bomba junina provocou o maior tumulto na arquibancada sol – eu estava lá – e um tumulto generalizado provocou muita correria, pois a sensação que se tinha é que a estrutura estava sendo rompida, daí o grande pânico. O Corpo de Bombeiros entrou em ação e socorreu os feridos. A partida chegou ao seu final com vitória do Botafogo-RJ por dois a zero, gols de Tiquinho e Fischer.

Ernani Sátyro e Ivan Bichara na inauguração do estádio Almeidão, em 1974

BOTAFOGO

O Botafogo é a equipe que tem o maior números de títulos do Campeonato Paraibano: são 28 conquistas.

Mais a maior façanha do alvinegro da "Estrela Vermelha" foi vencer a equipe do Flamengo pelo placar de 2 a 1, em 1980. A equipe carioca tinha em seus quadros jogadores como Zico, Tita e Andrade.

Mário e Pedrinho são os maiores goleadores de Treze e Campinense

Já se passaram várias décadas. Com Treze e Campinense se aproximando do centenário, os maiores goleadores de Galo e Raposa permanecem os mesmos.

No alvinegro, com mais de 170 gols assinalados, o meia-direita Mário, popularmente conhecido como "Mário Buchudo" lidera a lista de artilheiros. O atleta era natural de Campina Grande, mas começou sua carreira em 1946 no futebol amador de Patos, com a camisa do Botafogo.

Pelo Treze, Mário Buchudo estreou em 1949 e não parou de fazer gols. Faleceu em 1995 e se foi sem ser ultrapassado na galeria de goleadores do Estádio Presidente Vargas.

No Campinense, o maior artilheiro é o atacante Pedrinho Cangula, pai do ex-meia da Raposa, do São Paulo, Grêmio, Herta Berlin, Sport-PE, entre outros, Marcelinho Paraíba.

O tempo e o evento

16 JUN 1979
Lacerda condenado – " Depois de quase 18 horas de sessão, o Tribunal do Júri condenou ontem a 25 anos de reclusão e mais 3 de medida preventiva o ex-sargento Rinaldo Lacerda, como principal acusado da morte do estudante Paulo Maia, ocorrida a 8 de maio de 1977, na praia Formosa, em Cabedelo".

21 AGO 1979
Kay France atravessa o Canal da Mancha – " A paraibana Kay France, de 16 anos, cujo sonho era atravessar a nado o Canal da Mancha, feito jamais realizado antes por uma sul-americana, notícia que sua família recebeu com tranquilidade ontem".

29 JAN 1980
João Pessoa ganha novo teatro – "Confirmado para o dia 8 de fevereiro, a inauguração do Teatro Lima Penante, que funcionará num terreno situado no Nucleo de Arte Contemporânea da UFPB, na Avenida Trincheiras, onde funcionava a antiga Faculdade de Odontologia".

7 MAR 1980
Botafogo vence o Maracanã – " Flamengo cai por 2x1 e liderança fica com a Paraíba – " Ao derrotar o Flamengo ontem à noite, no Estádio do Maracanã, por 2x1, o Botafogo assumiu isoladamente a liderança do Grupo "C" da Taça de Ouro".

10 MAR 1980
Morreu José Américo – O presidente Figueiredo decreta luto nacional – "Conservando a lucidez até cinco minutos antes de sua morte, faleceu, às 6h30m de hoje, o ministro José Américo de Almeida, tendo ao seu lado a secretária Lourdes Luna, e os médicos Gilson Guedes, Ítalo Kumamoto e Ricardo Maia, e o pessoal que há anos trabalhava em sua casa".

10 DEZ 1980
Lennon está morto. O sonho acabou – A morte do ex-Beatle provoca o aumento de vendas dos seus discos – "O ex-Beatle John Lennon morreu na noite de anteontem, três meses após completar 40 anos de idade. Ele foi abatido a tiros por Mark Chapman, um rapaz de 25 anos, em frente ao edifício onde morava em Nova Iorque".

Na Serra da Borborema

A presença de Campina Grande no jornal **A União**

Xico Nóbrega
sucursal de Campina Grande

FOTOS: Arquivo

Irineu Joffily foi colaborador constante de A União, assim como Hortêncio Ribeiro

Os principais jornalistas e colaboradores e repórteres do jornal **A União** campinenses ou figuras aqui radicadas atuaram no século XX. Irineu Joffily, Hortênsio Ribeiro, William Tejo, Epitácio Soares, Eurípedes Oliveira e Tarcísio Cartaxo.

O advento da era dos governadores da Paraíba de Campina Grande - pai e filho, Ronaldo e Cássio Cunha Lima - outros jornalistas, administradores e colaboradores fizeram história a partir da década de 1990 no jornal de 120 anos de existência.

Os colaboradores campinenses primitivo do jornal **A União** de modo geral escreveram artigos englobando diversos temas, como necrológios (notícia de falecimento de alguém famoso ou popular), filosofia de Augusto Comte, assunto religioso, de sociologia da seca, assuntos socioeconômicos ao desenvolvimento de Campina Grande, além do mais arrebatado articulismo político.

Os registros documentais e orais da presença de **A União** na serra da Borborema são vagos. Os livros que referem de passagem à imprensa de Campina Grande não contemplam a presença de sucursais de jornais da capital da Paraíba. Os velhos intelectuais e homens da imprensa campinense tinham vaga memória da presença deste jornal na cidade.

O jornalista Epitácio Soares, que escreve no Diário da Borborema uma série de artigos históricos da imprensa campinense, não considera a sua atuação no jornal **A União** na década de 1940.

O local mais remoto de sucursal do jornal **A União** em Campina Grande é na galeria de um prédio onde é hoje o Posto de Saúde Francisco Pinto de Oliveira, na esquina da Rua Venâncio Neiva com a Rua Simeão Leal. Depois a redação foi transferida para uma sala num andar térreo do Edifício Jabre da Rua Maciel Pinheiro. O jornalista Tarcísio Cartaxo é o grande mentor do jornal nesse período em Campina Grande.

Irineu Joffily e os últimos artigos publicados

O maior nome da imprensa de Campina Grande, advogado, deputado e jornalista republicano Irineu Joffily (1843-1902). Ele é o fundador do primeiro jornal da cidade, o Gazeta do Sertão, e Francisco Retumba, em 1888, e escreveria as suas derradeiras crônicas neste jornal secular da Paraíba.

No ano de fundação do jornal **A União**, em 2 de fevereiro de 1893, o combativo jornalista Irineu Joffily saía da cena da vida pública. Fora vereador, deputado e grande propagandista dos ideais republicanos. Para isto tendo que enfrentar a prepotência dos poderes local e provincial. O seu jornal Gazeta do Sertão seria empastelado (destruídas as suas oficinas).

Irineu Joffily é autor de dois livros fundamentais da bibliografia histórica paraibana, publicados no final do século XIX. O Notas Sobre a Paraíba, e o livro Synopsis das Sesmarias da Capitania da Parahyba, obras estas básicas no estudo nossa geografia, história e etnografia.

Além de ter sido o mentor do jornal Gazeta do Sertão, Irineu Joffily escreveu em outros jornais da cidade da Paraíba (João Pessoa) e do Rio de Janeiro (o seu livro Notas Sobre a Paraíba resultou dessa colaboração dele na imprensa carioca), inclusive no jornal **A União**, em 1901, nesse com oito anos de existência.

As últimas crônicas de Irineu Joffily foram publicadas no jornal **A União** em 1901, um ano antes de sua morte, vítima de lepra (hanseníase). A doença não tinha cura nesse tempo e havia enorme preconceito aos que padeciam dela, implicando pavor, deformidade física e isolamento do doente.

O tempo e o evento

20 JAN 1982
Elis Regina pode ter se suicidado – " Somente o exame toxicológico – que ficará pronto dentro de 48 horas - determinará a causa da morte de Elis Regina, havendo suspeita de que a cantora tenha ingerido comprimido em excesso".

23 JAN 1983
Garrincha – Uma estrela no céu – "O mundo perdeu Garrincha, gênio sagrado do futebol em todos os tempos. Durante quase vinte anos, ele foi a própria imagem da alegria, sacudindo as multidões nas tardes de delírios na louca paixão do futebol. Doente, solitário e triste, assim desapareceu Mané, o magricela que um dia deixou a pequena Pau Grande, para encantar o mundo. O anjo das pernas tortas, faleceu em 20 de janeiro de 1983".

26 ABR 1984
O Congresso rejeita Eleições Diretas Já – " A Emenda Dante de Oliveira restabelecendo as diretas já, foi derrotada, às 2 horas desta madrugada, pelo Congresso Nacional".

22 ABR 1985
Tancredo está morto – O presidente Tancredo Neves morreu ontem às 22h23 O anúncio foi feito minutos depois pelo assessor de imprensa da Presidência da República, jornalista Antonio Brito, no Centro de Convenções de Rebouças, do Hospital das clínicas, em São Paulo".

1 JUL 1994
Real chega para acabar com a inflação – "O Brasil acordou de moeda nova e muita confusão na cabeça dos consumidores, que estão perplexos sem saber direito como converter os cruzeiros reais pra real".

18 JUL 1994
É tetra – "O Brasil é tetracampeão mundial de futebol. Foi um titulo sofrido, bem ao estilo do brasileiro. A decisão foi contra o time da Itália, nos pênaltis".

FOTOS: Arquivo

Quando *A União* começou a circular em 1893, Campina Grande já era uma cidade próspera e se destacava como produtora de algodão. À direita, a antiga estação ferroviária

Páginas campinenses

Partido Republicano levou edição de **A União** a CG

Xico Nóbrega
Sucursal de Campina Grande

Quando o jornal **A União** começou a circular em 2 de fevereiro de 1893, Campina Grande já era uma cidade próspera em situação geográfica e de entroncamentos de estradas privilegiados interligando o Litoral, Brejo e Sertão da Paraíba, e os estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará, em fronteiras com o nosso Estado.

Por certo os primeiros exemplares de **A União** chegaram a Campina Grande, transportados a cavalo pelos correligionários campinenses do Partido Liberal de Álvaro de Carvalho. O jornal surgira porta-voz desse partido num período de vácuo administrativo na Paraíba, pós-proclamação da República.

A nova lei republicana que organizava os municípios, que tinha sido votada em dezembro de 1892, substituíra as Intendências pelos Conselhos Municipais, com poderes executivos e legislativos. Os primeiros Conselheiros Municipais paraibanos são, portanto, contemporâneos do jornal **A União**.

Quando os primeiros jornais **A União** chegou a Campina Grande cento e vinte anos atrás, só fazia trinta anos que a Vila Nova da Rainha se emancipara. A nova cidade tinha já cerca de 5 mil habitantes, duas igrejas e uma cadeia e apenas duas aulas públicas para meninos e meninas.

Nesse tempo a cidade já tinha perfil comercial e de serviços invejáveis para um núcleo urbano do interior do Nordeste. Eram 50 estabelecimentos comerciais, 3 padarias e 1 tipografia, a que fora de Irineu Joffily, onde ele imprimira o primeiro jornal da cidade, Gazeta do Sertão, o maior baluarte campinense do século XIX propagandista republicano, defesa dos injustiçados e contra a prepotência dos poderosos do tempo.

Quando o **A União** foi fundada, em 1893, só fazia dois anos que a Gazeta do Sertão havia sido empastelada, ou seja, a sua oficina destruída pelos inimigos políticos e pessoais de Irineu Joffily. E um ano antes da fundação deste jornal, Joffily publicara o seu livro Notas Sobre a Paraíba.

A União é contemporâneo do lançamento do outro livro de Irineu Joffily, Synopsis das Sesmarias da Capitania da Parahyba, também uma obra significativo da bibliografia histórica paraibana do século XIX, livro este editado quando o nosso jornal tinha um ano de vida, em 1894.

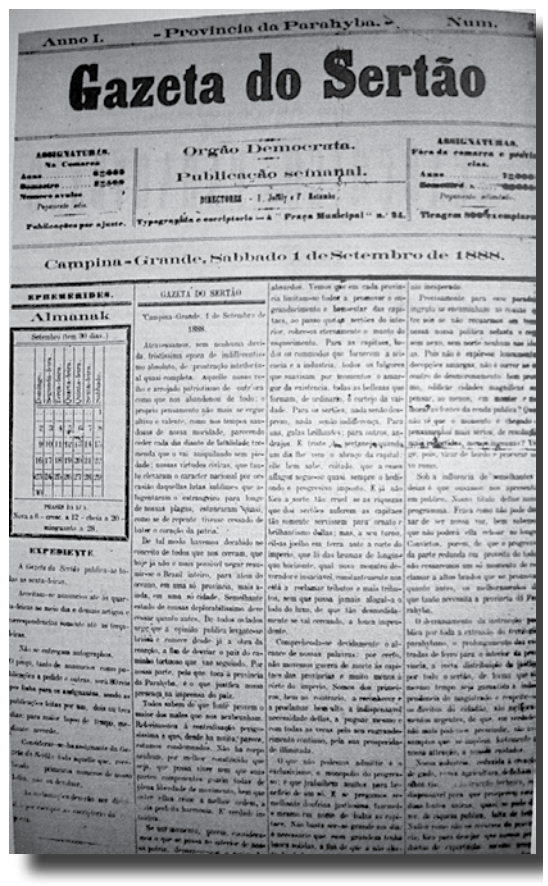
LIVERPOOL BRASILEIRA

No ano de fundação do jornal **A União**, em 1893, ao redor de Campina Grande e nos terrenos de Brejo e Caatinga afora surgiam os plantios de lavoura de subsistência de milho e feijão, jerimum, os plantios de cana-de-açúcar, de algodão, os pequenos criatórios de galinha, bode, os engenhos, as fazendas de gado.

As tropas de burro carregadas de pele e algodão, vindas do Sertão da Paraíba e de outros estados, passavam por Campina Grande, no final do século XIX, rumo às praças comerciais pernambucanas. Com a chegada da linha do trem à cidade, em 1907, os tropeiros ao invés de irem para o Litoral, ficavam nesta cidade.

Campina Grande se tornou, em meados da década de 1940, a Liverpool brasileira em volume de algodão comercializado em comparação à cidade inglesa (a futura cidade de natal do célebre banda Beatles) que era nesse tempo a principal praça de comércio algodoeiro do mundo.

Em consequência, o comércio de algodão influenciou o progresso global de Campina Grande na primeira metade do século XX, industrial, de serviços, dos ofícios e da cultura, no desenvolvimento de cine-teatro, cassino e cabaré de luxo, emissoras de rádio, jornais na segunda metade do século.


Anno I. - Provincia da Parahyba. - Num.

Gazeta do Sertão

Orgão Democrata.
Publicação semanal.

Campina-Grande, Sabbado 1 de Setembro de 1888.

Exemplar do jornal Gazeta do Sertão, o primeiro a circular em Campina Grande

O tempo e o evento

1 JAN 1998
Morre **Capiba** – "Morreu ontem, devido a uma infecção generalizada, no Hospital Jayme da Fonte, Recife, o cantor e compositor Lourenço Fonseca Barbosa, o Capiba, símbolo do frevo pernambucano".

5 JAN 2006
João Pessoa ganha hoje a Casa do Artista Popular – " O artista paraibano ganha, hoje, mais um espaço para divulgar e comercializar seus trabalhos. Trata-se da Casa do Artista Popular, localizada na Praça da Independência, que será inaugurada hoje pelo governador Cássio Cunha Lima".

2 JAN 2007
Cássio é empossado - E garante mais investimentos e parcerias – " Governador garante usar experiência do primeiro mandato para evitar acomodação e diz que fará um governo novo, marcado pela modernização e competitividade do Estado".

13 JUL 1998
Brasil dá adeus ao penta – " O Brasil deu adeus, na Copa de 98, ao sonho de ser pentacampeão. Com dois gols de Zidane e um de Petit, a França venceu o Brasil por 3x0."

2 JAN 2007
Lula Toma Posse com o compromisso de fazer o Brasil crescer 5% ao ano – "O ex-metarlúgico Luiz Inácio Lula da Silva, 36º presidente do Brasil, inicia hoje seu segundo mandato com respaldo maior de votos do que obtido em 2002"

6 JAN 2010
Governo anuncia reconstrução da barragem de Camará em 2010 –"O governador do estado anunciou que a barragem de Camará, no município de Alagoa Nova, será reconstruída este ano e a conclusão das obras deve acontecer no prazo de nove meses".

ARTfinal

A Cagepa parabeniza

a velhinha mais bem

informada da Paraíba

pelos seus 120 anos.

CAGEPA

Secretaria de Estado
da Infraestrutura

GOVERNO
DA PARAÍBA

PERSPECTIVA

Mobilidade urbana

Governo investe no programa "Caminhos da Paraíba"

Alexandre Nunes
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Melhorar a mobilidade urbana na região metropolitana de João Pessoa. Essa é a pretensão do Governo do Estado ao executar obras de mobilidade urbana, que fazem parte do Programa Caminhos da Paraíba. Uma delas é a duplicação da Avenida Cruz das Armas, uma das entradas de João Pessoa.

O fluxo ali é intenso e se aproxima de uns 20 mil veículos a circular por dia no local, o que ocasiona um tráfego bastante congestionado, principalmente para quem vem de Recife e utiliza aquela avenida.

A obra está sendo executada pelo DER - Departamento de Estradas de Rodagem do Estado da Paraíba e segundo informou o engenheiro José Arnaldo Souza Lima, da assessoria técnica do órgão, vão ser duplicados cerca de 2 km da avenida e restaurados mais 2 km, totalizando 4 km de intervenção. A obra vai ter um custo estimado de R$ 6 milhões mais R$ 3 milhões de desapropriações.

"Vamos alargar a avenida, construir um canteiro central e as calçadas laterais e iluminar. Também vamos fazer um recapeamento da pista antiga, até chegar próximo ao Centro Administrativo Estadual, onde a avenida inicia. A obra também inclui toda a parte de sinalização semafórica, sinalização vertical, horizontal e turística. A Avenida Cruz das Armas vai ficar realmente muito bonita e com isso contribuir para melhorar a feição urbanística da cidade", avaliou José Arnaldo.

A construção do binário em Bayeux (no alto) e a duplicação da Avenida Cruz das Armas são obras que darão mais mobilidade ao trânsito

EM BAYEUX

O binário de Bayeux é mais uma obra estratégica do Governo do Estado e que vai resolver outro problema de mobilidade urbana na Grande João Pessoa: os constantes congestionamentos de tráfego na Avenida Liberdade.

Incluída numa das mais antigas rodovias do Estado, a PB-004, a Avenida Liberdade, uma das vias do binário, tem um tráfego médio diário de 15 mil veículos provenientes das cidades de Bayeux, Santa Rita, Cruz do Espírito Santo, Sapé, Mari, Guarabira e de todo o restante do Brejo paraibano.

Minha HISTÓRIA

Paixão à primeira impressão

Bia Fernandes
bialaura@ig.com.br

Cheguei aqui em janeiro de 2011, e ao contrário de muitos e muitas colegas, nunca havia trabalhado n'**A União**, definida como a melhor escola de Jornalismo do Estado. Antes, em 1994, passei uns dias com o então diretor técnico, Agnaldo Almeida, numa sede em Jaguaribe. Poucos dias, pois estava com minha filha bebê e não deu para conciliar as duas funções. Portanto, não considero aquele curtíssimo período, trabalho. No máximo, uma experiência breve.

Trabalhar mesmo, foi a partir de janeiro de 2011 quando assumi a Diretoria de Operações onde estou até este momento; momento de glória, quando se celebra os 120 anos de um jornal que noticia a história desde 1893. Jornalista por vocação e formação acadêmica, era natural que me apaixonasse pelo jornalismo honesto e moderno, que se pratica aqui n'**A União**. Mas a missão da diretoria que ocupo é voltada para o parque gráfico com seu maquinário, sua produção e os caminhos sinuosos da circulação de seus produtos. Paixão à primeira impressão!

Desde então, amanheço e anoiteço respirando tintas, graxas, chapas, filmes, ferramentas, tipos e gramaturas de papéis. Refile, alceadeira, dobradeira, faca de corte, formato aberto e fechado, acabamento, e outros termos que o Diccionário de Termos Graphicos – Arthur Arezio – me ajuda a compreender. Tem sido uma experiência gratificante e abrangente, já que a oficina onde se imprime o jornal **A União** e o Diário Oficial do Estado está localizada no seu parque industrial, um espaço onde pulsa o coração da empresa.

Muito me honra a oportunidade que me foi oferecida pelo governador Ricardo Coutinho. Estou dentro de um processo de renovação não só ideológico mas concretamente, tecnológico. Nesse tempo, participei de reuniões com as demais imprensas oficiais do país, notadamente as IO's nordestinas com quem aprendemos e trocamos experiências. Visitamos, através da ABIO – Associação Brasileira de Imprensas Oficias – órgão ao qual **A União** é associada, as gráficas do Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro, Sergipe, Pernambuco e Pará e pudemos constatar a autonomia e a importância desses órgãos para seus respectivos estados.

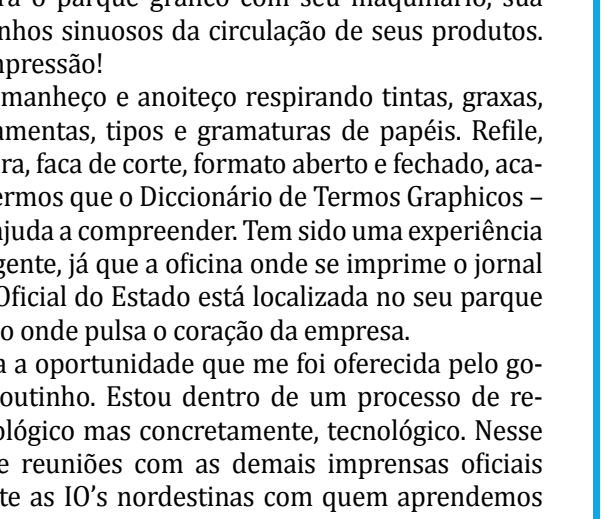
Aqui não será diferente. Com uma equipe de abnegados trabalhadores cuja relação com a empresa é pautada por elementos muito além das exigências trabalhistas, **A União**, com uma produção anual de mais de 3 milhões de impressões - entre livros, cartilhas, folders, revistas, cartazes e material de expediente dos principais órgãos de Governo, avança para modernizar seu parque gráfico e para isso já deu os primeiros e decisivos passos. Neste 2013, na festa de seus sólidos 120 anos, esperamos anunciar as boas novas.

O tempo e o evento

2 JUL 2010
Radegundes Feitosa morre em acidente – " O músico paraibano de 48 anos, morreu ontem num acidente de carro perto de Itaporanga. As três pessoas que viajavam com o trombonista também morreram".

6 DEZ 2012
Niemeyer – Um nome na História – " O arquiteto carioca Oscar Niemyer, uma das maiores expressões da arquitetura no Brasil, faleceu, ontem por volta das 21 h, aos 104 anos, no Rio de Janeiro.

8 JUL 2012
"Quero Morrer de manhã" – "Do Poeta e político Ronaldo Cunha Lima, que faleceu ontem em João Pessoa, aos 76 anos, de insuficiência respiratória, por causa de um câncer no pulmão, às 9h35, em seu apartamento, no Residencial Atlântico".



22 JAN 2013
Ricardo empossa hoje 5.180 novos servidores públicos – " O governador Ricardo Coutinho, presidirá a cerimônia de nomeação dos aprovados nos concursos para técnicos administrativos e professores, hoje, às 10h, na Praça do Povo do Espaço Cultural".

2 FEV 2012
O Norte e o Diário da Borborema fecham as portas sem explicar causas – " Dezenas de profissionais da imprensa paraibana perderam o emprego ontem, data em que os jornais O Norte e Diário da Borborema fecharam as portas. Suas redações pararam de funcionar".

7 FEV 2012
Aguinaldo Ribeiro é empossado no Ministério já explicando denúncias – "O Deputado federal e ex-líder do PP na Câmara Federal, Aguinaldo Veloso (PP), tomou posse no final da tarde de ontem como o mais novo ministro das Cidades do Governo Dilma Russef.".

8 DEZ 2012
STF deve concluir julgamento do Mensalão na próxima semana – " Em mais de quatro meses de avaliação do caso, os ministros condenaram 25 réus

8 DEZ 2012
STF deve concluir julgamento do Mensalão na próxima semana – " Em mais de quatro meses de avaliação do caso, os ministros condenaram 25 réus.

29 JAN 2013
Presos quatro envolvidos na tragédia de Santa Maria – " A Policia Civil do Rio Grande do Sul confirmou a prisão temporária do sócio majoritário da boate Kiss em Santa Maria, às 13h20 de ontem. Com a prisão do empresário, foram cumpridos todos os quatro mandados expedidos pela Justiça a pedido da Polícia Civil".

A UNIÃO

A UNIÃO

Imprimindo a história
dos paraibanos
há 120 anos.

Homenagem:

SISTEMA CORREIO

JORNAIS | PORTAL | REDE DE RÁDIOS | REVISTA | TELEVISÕES

EDIÇÃO Especial
CADERNO 9

A UNIÃO 120

João Pessoa, Paraíba - SÁBADO, 2 de fevereiro de 2013

MODERNIZAÇÃO

Site vai ter todo o acervo de A União digitalizado

PÁGINA 2

A VOZ DE QUEM LÊ

Leitores falam da importância do jornal em suas vidas

PÁGINAS 3 e 4

MAIS JORNALISMO

Novo projeto gráfico retoma a série de entrevistas diárias

PÁGINA 5 e 7

Margarete Aurélio
Meninas

artistas

MARGARETE AURÉLIO

Nasceu em Campina Grande-PB, 1967. Vive e trabalha em João Pessoa. Artista plástica. Realizou várias exposições individuais, entre elas: Personagens da Feira [XIX Festival de Inverno de Campina Grande -0 1994]; Pinturas (Galeria Artenossa, João Pessoa, 1994); Cores do Maracatu/XXIII Festival de Inverno de Campina Grande (Teatro Municipal Severino Cabral, 1998); Cores da vida (Sala Funjope, João Pessoa, 1999); As meninas do sobrado (Aliança Francesa João Pessoa, 2000); Gente do Sertão (Galerie Tanzerei-Fürt, Nuremberg/Alemanha, 2004); Images de lumière (Galerie Renoir, Le Latina, Paris/França, 2005) e Crianças do Brasil (Galerie Tanzerei-Fürt, 2006); As meninas (Galeria Louro&Canela, João Pessoa, 2007).

Memória e modernização

Site vai disponibilizar arquivos digitalizados

Rafaela Gambarra
rafaelagambarra@hotmail.com

A União Superintendência de Imprensa e Editora irá lançar seu site ainda este ano. Fazendo a ponte entre a memória e a modernidade, o site se dividirá em duas partes: uma com seu conteúdo histórico, com um acervo de tudo o que foi notícia na Paraíba e no Brasil nos últimos 120 anos, e outra que irá disponibilizar os serviços que a gráfica e a editora oferecem aos usuários. Ao todo, aproximadamente 525 mil páginas dos jornais que foram publicados desde a fundação de **A União** serão digitalizadas.

Além dos jornais, serão disponibilizados também livros e fascículos que foram publicados pela **A União**, a exemplo do livro de poesias "Sombras que passam", de Fernandes Pinto, publicado pela Imprensa Oficial em 1936 ou do discurso perante o Conselho Deliberativo da Sudene, proferido por João Agripino, transformado em livro sob o nome de "Transamazônica, incentivos, Nordeste, de 1970. Vídeos antigos que contêm a história da Paraíba, entrevistas, artigos e editoriais, pouco a pouco, também farão parte do site.

"Será um portal em permanente construção", afirma o superintendente de **A União**, jornalista Fernando Moura. Inicialmente com o acervo da própria **A União**, a proposta é que sejam feitas parcerias com universidades, principalmente públicas, para que também seus acervos possam ser disponibilizados, inclusive com teses cujos temas estejam relacionados à Comunicação. Com um foco no passado e projetando-se para o futuro, a ideia é que temas como o fim do uso do papel em 2020, por exemplo, poderão ser discutidos a partir do site.

Arquivistas fazem curso

Todos os funcionários do arquivo de **A União** participaram do Curso de Digitalização de Jornais ministrado pelo fotógrafo Thales Trigo, fotógrafo profissional desde 1983, e atual diretor da Fullframe Escola de Fotografia em São Paulo. O curso teve duração de três dias e foi oferecido também a servidores da Fundação José Américo e Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba.

O trabalho será feito com uma câmera Canon EOS 7D, que possui um sensor de 18,0 Megapixels, além de equipamentos como cavaletes, tripés e refletores. Primeiro será feita a digitalização de datas específicas, como à época da Revolução de 30, por exemplo, e depois vão sendo enxertadas outras edições, de maneira que, pouco a pouco, abranja-se o leque de edições disponíveis.

Para o arquivista e pesquisador José Ramos da Silva, que trabalha há quase 30 anos com arquivo, o curso, embora tenha sido rápido, foi extremamente proveitoso para que pudessem aprender a lidar com os equipamentos e desempenhar a tarefa da melhor maneira possível. A câmera que será utilizada trata-se de um equipamento de última geração e, por isso, requer alguns cuidados.

Para ele, o primeiro contato com o equipamento foi como aprender a usar um computador – no início assusta, mas depois se pega o jeito. Como o manuseio do papel é o que mais o desgasta, sua digitalização garantirá um maior tempo de vida ao acervo, o que é o mais importante. Ou seja, o arquivo inicial, original, não será inutilizado, como muitos pensam.

"Para ser arquivista, você tem que amar aquilo que faz. Nós vamos nos empenhar para que o trabalho saia perfeito", diz. E completa: "Já imaginou se seus filhos, seus netos, precisarem dar uma olhada em alguma coisa que saiu em um jornal da década de 1950, por exemplo, e puderem achar isso no arquivo de **A União**?"

Biblioteca de Esperança tem valioso acervo

Xico Nóbrega
Sucursal de Campina Grande

Um acervo valioso do jornal **A União**, o mais antigo do Estado da Paraíba, faz parte hoje do patrimônio da Biblioteca Municipal de Esperança, em dezenas de volumes encadernados à moda da época, registrando os acontecimentos que fizeram a história ao longo dos anos, a exemplo do assassinato do presidente João Pessoa, visita de ministros à cidade capital da Paraíba, bem como os atos que mudaram o seu nome para João Pessoa.

A ideia do arquivamento do jornal já naquela época deu-se quando da criação da cidade em 1925, através de uma assinatura de **A União** feita por Manoel Rodrigues de Oliveira, primeiro prefeito nomeado pelo então governador João Suassuna.

Os exemplares de **A União** chegavam trimestralmente a prefeitura, já encadernados, permitindo uma maior comodidade ao leitor no acompanhamento das noticias e atos públicos.

Em material resistente ao tempo, o jornal **A União** vinha em formato tabloide em cinco colunas e uma diversidade de informações, onde se tinham notícias, classificados, fotos, atos públicos, o Diário da Justiça, o Diário da Assembleia, uma mistura perfeita aos olhos do leitor da época.

Mesmo com páginas amareladas pelo tempo, nos permite conhecer a história e nos levar a um vocabulário rico em detalhes, num enriquecimento à nossa ortografia modernizada de hoje.

Mas não era somente no vocabulário rico em detalhes, a vaidade feminina tinha seu espaço nas páginas de publicidade desse centenário matutino, que divulgava um mundo de produtos: o Rugol, creme de beleza, oferecia-lhes o rejuvenescimento da pele e para os homens mais dispostos os cabelos brancos, a dica era o loção brilhante, que voltava a tonalidade natural dos fios e por fim o sabonete Palmolive, hoje facilmente encontrado nos supermercados, teve também sua fome de consumo.

Para doutor João de Deus Melo, esperancense, advogado, homem público e conhecedor da história paraibana, o acervo de **A União,** em Esperança, coloca a cidade num patamar privilegiado, uma vez, que somente Esperança e João Pessoa, local sede do jornal, dispõem de tão valiosa coleção, considerada no seu aspecto cultural, uma fonte de pesquisa rara de se ver atualmente.

O Centro Cultural e Biblioteca Pública Municipal Dr. Silvino Olavo, que guarda a coleção de **A União** de Esperança, foi fundado 1940. possui um acervo em torno de 8 mil livros.

A voz do leitor

DIANA CHIANCA
(Empresaria)
Eu gosto muito do jornal e tenho um carinho especial pela coluna de Goretti Zenaide. Mas acredito que **A União** se destaca principalmente por conter artigos de pessoas que se destacam na sociedade paraibana, o que com ainda mais conteúdo.

CLEMILDE TORRES
(Professora e diretora do Arquivo Afonso Pereira)
Meu marido, professor Afonso Pereira, admirava demais **A União**, assim como eu admiro. Eu leio direto, tudo. Atualmente, acredito que o jornal está com uma boa diferença em relação aos demais por conta da sua diagramação e do seu caderno de Cultura. **A União** sempre, desde antigamente, teve muito interesse em divulgar a cultura, e hoje está melhor ainda.

Hoje no Escondidinho tem tributo a dois grandes nomes da MPB: os artistas Chico Buarque e Jorge Ben Jor. Intitulado *Viva Chico! Salve Jorge!*, o evento acontece no Escondidinho, próximo à Estação Ciência, a partir das 22h e os ingressos custam R$ 15 no local.

A homenagem fica por conta da banda pernambucana Conjunto Maravilha, qu

EVALDO GONÇALVES
(Advogado)
Tive a ventura de conviver com **A União** desde a minha infância. Meu pai, professor José Gonçalves de Queiroz, em Sumé, Cariri da Paraíba, recebi religiosamente o jornal completo, o que, logo que pude, também me acostumei a lê-lo. Inclusive uma das minhas boas lembranças desse tempo foi meu acesso ao Correio das Artes, o qual, quem sabe, alimentou determinadas e eventuais veleidades de escrever, o que comecei a tentar fazer logo cedo e de cujo hábito ainda não abandonei.

CARLOS AZEVEDO
(Professor de Comunicação da UFPB)
Eu acompanho o jornal desde que eu era estudante e resolvi fazer a assinatura porque hoje o considero um dos jornais mais completos do Estado. Como professor de Comunicação, acompanhando o jornal, percebi que houve uma transformação muito boa: **A União** presta um serviço à população.

ROBERTA AQUINO
(Promoter)
Acho **A União** um jornal muito bom porque é um jornal que tem conteúdo, tanto em termos de colunismo social como em termos noticiosos. Leio desde o tempo de Ivonaldo Correia, um dos colunistas sociais que mais se destacou na Paraíba, assim como vários outros que já passaram pelo jornal e que hoje fazem **A União.**

JAIR PEREIRA
(Presidente da Associação dos Mutuários do Crédito Rural do Estado da Paraíba)
Para ser sincero, eu acompanho **A União** há muito tempo, desde os anos 1970, quando o prédio era lá na Praça João Pessoa. Eu sempre pegava o jornal para ler os comentários esportivos de Biu Batista, por exemplo, ou os contos históricos de Yanko Marcius. Um jornal com 120 anos, a gente só tem que parabenizar. O jornal mudou muito nos últimos anos e para melhor.

WALQUÍRIA ALENCAR
(Atual diretora do Centro de Apoio à Criança e ao Adolescente (Cendac) e fundadora do Centro da Mulher 8 de março)
Considero **A União** um ótimo jornal, com muita informação, principalmente no Segundo Caderno. Me senti muito prestigiada quando fui homenageada no Dia das Mulheres, é um reconhecimento e é muito bom ver um jornal fazendo esse tipo de trabalho.

DURVAL FERREIRA
(Presidente da Câmara Municipal de João Pessoa)
Eu acredito que o jornal **A União** se destaca pela seriedade com a qual trabalha e também pelas pessoas que trabalham nele com competência. Acho que ele não deixa nada a desejar. Sempre que possível, leio principalmente as páginas de política.

A voz do leitor

GERMANO ROMERO
(Arquiteto)
"Desde menino que este jornal faz parte de minha vida, de nossa família, assim como de todos os paraibanos. E o que o diferencia é seu caráter dinâmico, livre, que evolui com a própria história. O maior presente deste 120º do aniversário do jornal **A União** seria o seu "tombamento", pois, já compõe um inestimável Patrimônio Cultural. Em seus registros estão documentados praticamente toda a vida sociopolítica da Paraíba e de seu povo. Afinal de contas, **A União** foi a primeira "universidade" paraibana, como bem disse José Américo de Almeida, um dos mais insignes vultos de nossa história.".

NARA LIMEIRA
(Professora e atriz)
Na área cultural, o jornal **A União** tem consolidado uma política democrática de comunicação. Sua atuação dá visibilidade à pulsação do grande potencial da Paraíba e nos fortalece culturalmente com o olhar diferenciado para além do consumo, do descartável e do que é meramente lucrativo. Além disso, o jornal **A União** traz o símbolo desta fertilidade cultural: o Correio das Artes. Um referencial para a nossa cultura e, sendo o mais antigo suplemento literário em circulação do país, é motivo de alegria para todos os paraibanos. **A União** é patrimônio do povo paraibano.

PAULO ROBERTO MOUSINHO DE ARAÚJO
(Sargento da PM)
Gosto muito de ler o nosso Jornal **A União** desde quando era jovem, aos meus 10 anos de idade. Lembro-me até hoje de fatos narrados pelo jornal na época da ditadura militar e até hoje sou um leitor assíduo desse maravilhoso jornal.

JOSÉ MARCOS NAVARRO SERRANO
(Procurador de Justiça)
"Eu gosto d'A União porque é o primeiro jornal da Paraíba, é um jornal que já tem uma história feita, e hoje em dia, principalmente, está sendo muito bem escrito. Eu leio todo o jornal, mas tenho um carinho especialmente pelo caderno de Cultura e o Correio das Artes. É um jornal que tem um propósito, uma finalidade de divulgar os eventos culturais da cidade"

AUCÉLIO GUSMÃO
(Presidente da Federação das Unimeds do Estado da Paraíba)
Do jornal, eu tenho as melhores referências. Ele deixou de ser um jornal fechado, a serviço do governo, e tomou o rosto de um jornal comum, a serviço da população. Tem duas páginas que eu gosto muito de ler, em especial: eu gosto muito de quando Martinho Moreira Franca escreve e sempre procuro ler também a coluna de Goretti Zenaide.

JOEL FALCONI
(Presidente do Clube do Vinho da Paraíba)
Desde que eu me entendo por gente eu acompanho **A União**. Tenho a assinatura do jornal há mais de 30 anos e, além de ser um jornal histórico, percebo que houve uma mudança espetacular nos últimos 5, 6 anos. Alguns cadernos que o jornal apresenta, como o fascículo de Cultura, são ótimos.

Algo a mais a dizer

A União retoma série de entrevistas diárias

Teresa Duarte
Teresaduarte2@hotmail.com

Com o novo projeto gráfico do jornal, que foi lançado pela atual gestão no dia 24 de junho de 2012, **A União** ganhou novamente o espaço destinado às páginas de entrevistas. Durante muitos anos essas páginas, sempre destacando assuntos de interesse da população, fizeram parte da história do jornal. Por alguns anos, entretando, foram suspensas. Em 2003, na gestão do então superintendente Itamar Cândido, elas retornaram quando o diário passou ao formato tablóide. Mas já em 2010, a série de entrfevistas foi novamente interrompidas. E finalmente, após a implantação do novo projeto gráfico, as entrevistas voltaram, agora com as xilogravuras de Tonio, ilustrador de **A União**. Diariamente, o leitor tem oportunidade de conhecer as ações e serviços do Governo do Estado, assim como os assuntos nas áreas esportivas, de saúde, arte e cultura, e atividades de Organizações Não Governamentais. Todos os dias um novo tema é debatido nas páginas de entrevistas de **A União**.

Junho/2012

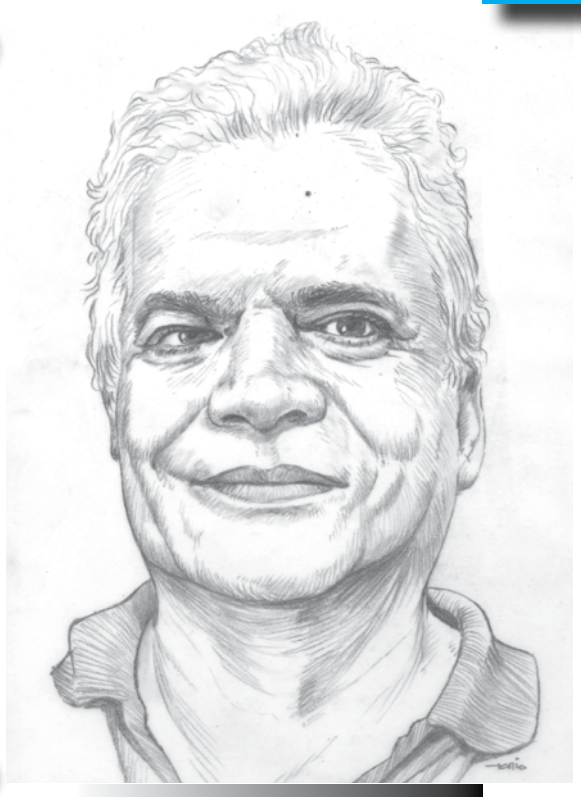
Humberto Pontes
Diretor do IPC

João Azevedo
Secretário de Recursos Hídricos

Ruth Avelino
Presidente da PBTur

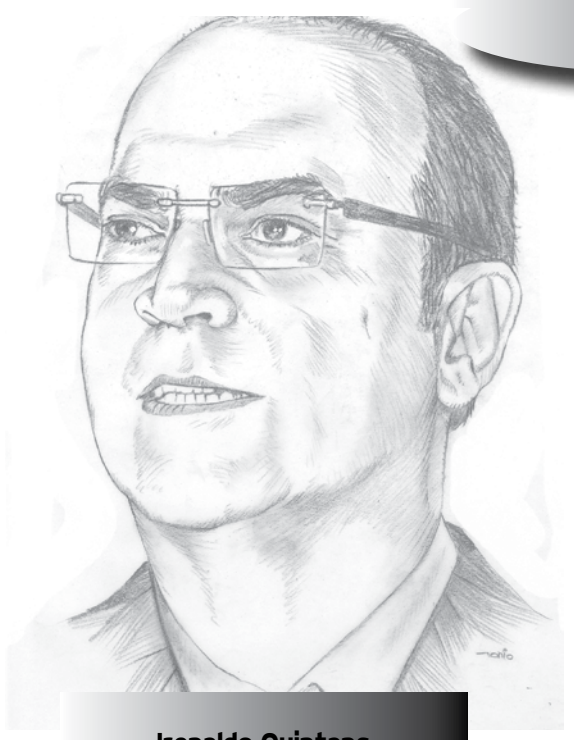
Severo do Acordeon
Músico

Julho/2012



Flávio Tavares
Artista Plástico

Cátia de França
Cantora



Irenaldo Quintans
Artista Plástico

Agosto/2012

Raimunda Lopes
Diretora do Lar da Providência

Dalmo Dallari
Juiz

Iber Câmara
Presidente da Associação Paraibana de Deficiente

Ivan Bezerra
Comentarista Esportivo

Caio Márcio
Nadador

Ana Maria Kramis
Física

ARTfinal

CREDIBILIDADE É TER CONFIANÇA E CONFIANÇA SÓ SE CONQUISTA COM O TEMPO.

A RÁDIO TABAJARA PARABENIZA OS 120 ANOS DE INFORMAÇÃO, CULTURA E COMPROMISSO COM O POVO PARAIBANO.

Rádio Tabajara

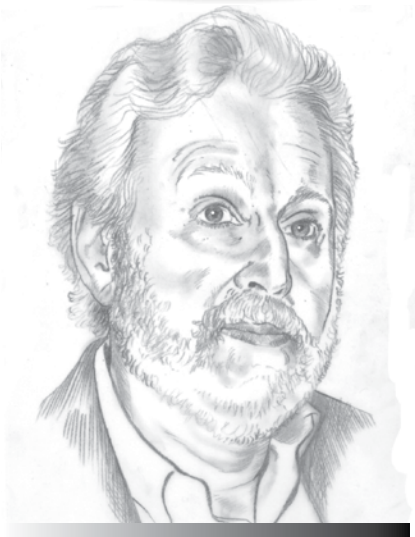
Secretaria de Estado da Comunicação Institucional

GOVERNO DA PARAÍBA

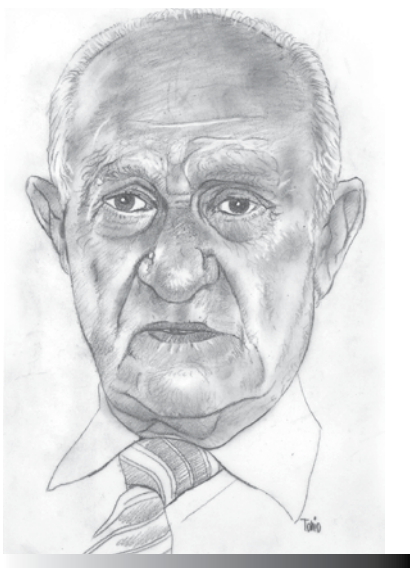
Setembro/2012

Helena Delgad
Diretora do Foro da Justiça Federal-PB

Aline Bezerra
Vice-Diretora da APAE



Oded Grasew
Coordenador do Programa Cidades Sustentáveis

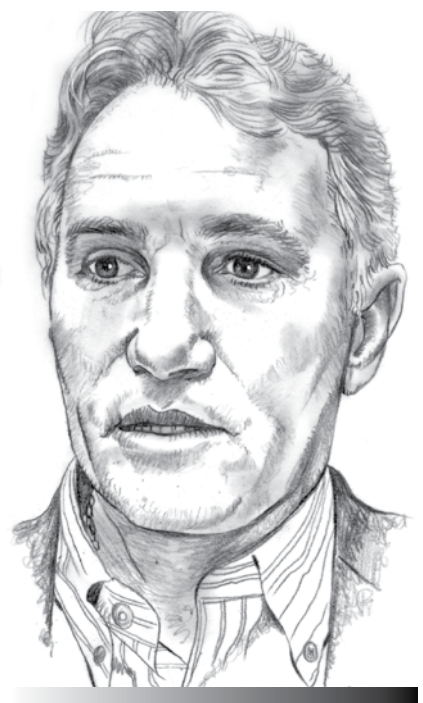


Dorgival Terceiro Neto
Advogado e ex-governador da Paraiba

Tiago Ferreira
Veterinário

José Jobson
Tenente-Coronel do Corpo de Bombeioros

Outubro/2012



Deusimar Guedes
Educador e Psicólogo

Flávio Sátyro
Presidente da Fundação Casa de José Américo

Joana Belarmino
Professora da UFPB

Raffaele de Giorgi
Pofessor

Novembro/2012

Karina Simões
Sexóloga

Marcela Sitônio
Presidente da API

Rômulo Polari
Ex-reitor da UFPB

Daniel Evangelista
Psicólogo

Dezem bro/2012

Carlos Romero
Jornalista e Escritor

Josivaldo Alves
Presidente do CSP

Hélio Zenaide
Jornalista

Gleide Costa
Técnica de Futebol

Maria Júlia Albuquerque
Empresária

COM A UNIÃO, A PARAÍBA CONSTRÓI UM NOVO DESENVOLVIMENTO.

A CINEP – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DA PARAÍBA PARABENIZA A EQUIPE DO JORNAL A UNIÃO PELOS 120 ANOS DE HISTÓRIA E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO.

CINEP
Secretaria de Estado do Turismo e Desenvolvimento Econômico
GOVERNO DA PARAÍBA